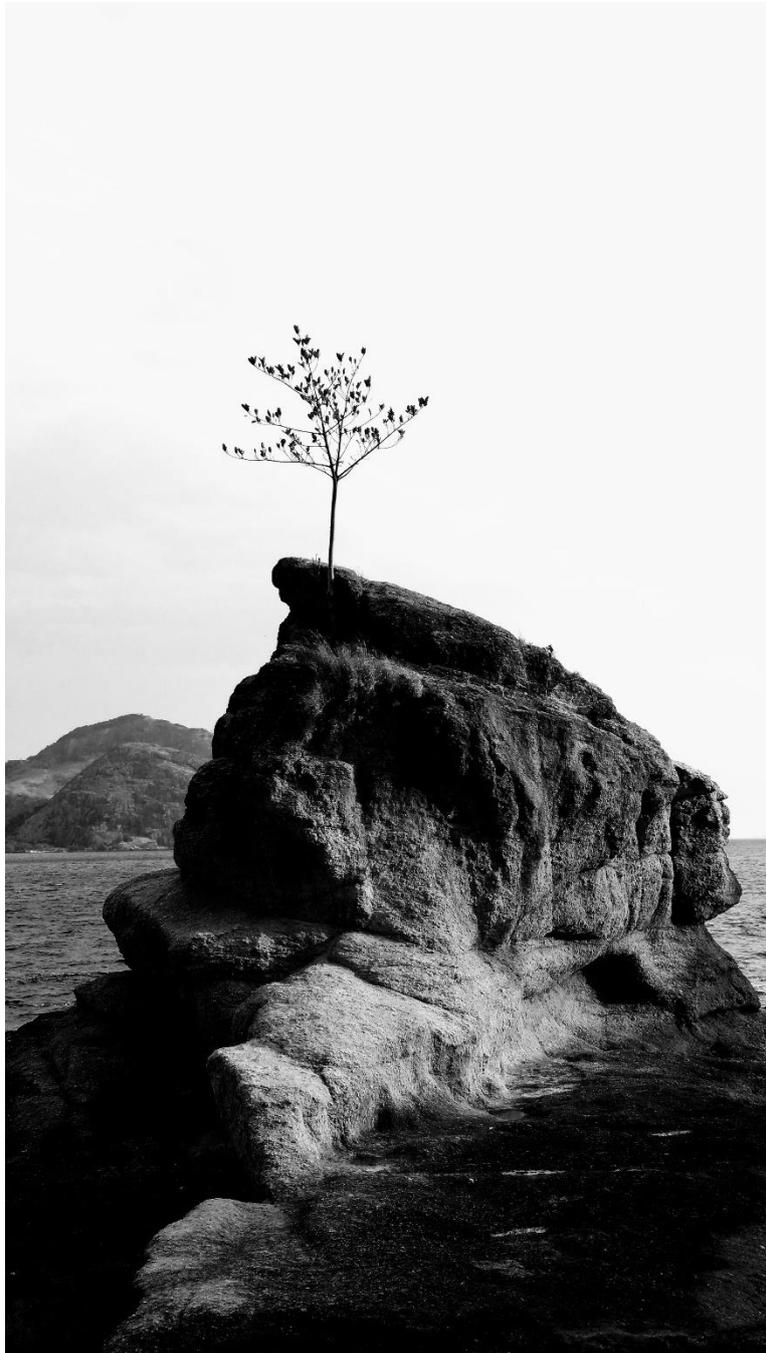


**Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são.
A derrocada do mito de Pindorama**



Org.:

Laura B. Campos

Marinês L. Cardoso

Patrícia A. Gonçalves

Laura B. Campos, Marinês L. Cardoso, Patrícia A. Gonçalves (Org.). Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama. Rio de Janeiro: Oficina da Leitura, 2022. 160p. ISBN: 978-65-88848-01-2. 1. Covid. 2. Política. 3. Vacina.

Formato: Livro digital;
Veiculação: Digital.

Os textos aqui presentes podem ser usados parcial ou integralmente, respeitando sempre a autoria deles. Solicitamos que, ao citarem algum texto em seus trabalhos, enviem um e-mail ao(s) autor(es). Os textos publicados são de responsabilidade de seus autores. Capa: projeto gráfico de Patrícia Gonçalves com foto do arquivo pessoal

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são.
A derrocada do mito de Pindorama

Org.:

Laura B. Campos

Marinês L. Cardoso

Patrícia A. Gonçalves

Rio de janeiro,

Editora Oficina da Leitura,

2022.

CONSELHO EDITORIAL:

ANA ISABEL BORGES (UFF)

ANNA FAEDRICH (UFF)

CARLOS AUGUSTO VIANA DA SILVA (UFC)

CARLOS EDUARDO DO PRADO (CAp UERJ)

CECY BARBOSA CAMPOS (UFJF)

DAVI PINHO (UERJ)

ELDA FIRMO BRAGA (UERJ)

FERNANDA LEMOS DE LIMA (UERJ)

IRENE SAYÃO CARDOZO (UFF)

JULIA SCAMPARINI (UERJ)

LAURA BARBOSA CAMPOS (UERJ)

MARIA APARECIDA CARDOSO SANTOS (UERJ)

MARIA CECILIA CASINI (USP)

MARINÊS LIMA CARDOSO (UERJ)

PATRÍCIA ALEXANDRA GONÇALVES (UERJ)

RAFAEL FERREIRA DA SILVA (UFC)

RÔMULO FRANCISCO DE SOUZA (CEFET-MG)

ROSELI BARROS CUNHA (UFC)

SILVINA CARRIZO (UFJF)

VANESSA CIANCONI (UERJ)

VIVIANE VASCONCELOS (UERJ)

ZADIG GAMA (UERJ/UFRJ)

Dedicamos esse livro:

Aos profissionais da saúde, que lutam contra duas epidemias desde que a pandemia de COVID-19 foi declarada pela OMS, em março de 2020;

Aos professores, em especial os da educação básica, porque, se já é difícil ensinar adultos nesse contexto pandêmico, não conseguimos imaginar como deve ser para quem lida com mentes em formação;

Aos idosos que suportaram tantas provações e privações num momento tão delicado de suas vidas, quando tudo deveria ser festa;

Às crianças, que estão tendo suas infâncias interrompidas pela ignorância;

Às mães, a quem tocou o papel mais pesado nesse período;

Àqueles que partiram sem poder se despedir amorosamente dos seus entes queridos;

E por último, mas não por serem menos importantes, às universidades públicas, em especial, à UERJ.

Mais do que qualquer retórica ou reflexão teórica, a magnitude da pandemia exige intervenções corajosas, inovadoras, globais, regionais, nacionais e locais para proteger os mais necessitados, com os quais a ciência, a saúde pública, a assistência e os movimentos sociais podem contribuir decisivamente. Nenhum ser humano pode mais ser deixado para trás.

Margareth Dalcolmo, *Um tempo para não esquecer*.

Nos anos 1980, os homens foram obrigados a incorporar os preservativos em seu dia a dia e, nas décadas seguintes, foi necessário o uso de repelentes de mosquitos para nos proteger da dengue, da zika e de outras viroses de verão. Agora, num momento muito mais grave, vamos adquirir máscaras. Aprenderemos a conviver com mais um vírus. E o homem não vai mudar, pois é um predador que continuará transformando o mundo e se adaptando a ele.

Paulo Niemeyer Filho, *No labirinto do cérebro*.

Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro.

Ailton Krenak, *O amanhã não está à venda*.

Índice

APRESENTAÇÃO – Laura Barbosa Campos; Marinês Lima Cardoso; Patrícia Gonçalves.....	08
FACES DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM QUATRO ROMANCES BRASILEIROS DE AUTORIA FEMININA – Anna Faedrich.....	13
REFLEXÕES SOBRE A PANDEMIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O FUTURO A PARTIR DO CONTO A <i>PESTE ESCARLATE</i> – Karinna A. de Miranda.....	30
APATIA E PANDEMIA: UMA LEITURA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO ATRAVÉS DE <i>O DESERTO DOS TÁRTAROS</i> DE DINO BUZZATI – Carolina C. dos Santos; Estêvão S. Rendeiro.....	43
ENTRE A FÉ E A VACINA: QUANTO VALE UMA VIDA? – Patrícia Gonçalves; Paola Pêsoa; Daniela Tavares.....	60
ECOS PANDÊMICOS: A CEGUEIRA BRANCA NOS TEMPOS DA COVID-19 – Renan Isse; Marseille Costa.....	76
UM HALO DE MORTE ILUMINA A VENEZA DE THOMAS MANN – Carlinda Fragale Pate Nuñez.....	87
LEOPARDI, O PESSIMISMO CÓSMICO E A PANDEMIA DA COVID-19 – Marinês Lima Cardoso; Flavia Sobral De Holanda Maia; Giuliano Machado Abbagliato.....	116
LITERATURA E RESISTÊNCIA: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA – Laura Barbosa Campos.....	129
Ficção	
PARA OCUPAR VAZIOS – Carmem Elias.....	141
UTOPIA FRACASSADA – Patrícia Gonçalves.....	151

APRESENTAÇÃO

A experiência da pandemia de Covid-19 como catástrofe de âmbito global impactou tão drasticamente o Planeta que se tornou o marco referencial do início efetivo do século XXI, pela descontinuidade e ruptura radicais que provocou, de forma equivalente aos dramas promovidos pelas duas grandes guerras mundiais. É verdade que essa não é a primeira pandemia da história, mas a novidade da Covid-19 foi sua capacidade de engendrar uma crise gigantesca, de caráter multidimensional, composta por uma combinação de crises políticas, econômicas, sociais e ecológicas, que se sustentam mutuamente. Em poucos lugares do globo, a situação foi tão dramática quanto no Brasil, onde enfrentamos a pandemia dentro da pandemia.

Em 13 de março de 2020, o então governador¹ do Estado do Rio de Janeiro decretou o *lockdown* no Estado. Na segunda-feira, dia 16 de março, foi a vez do reitor da UERJ, Ricardo Lodi Ribeiro², aderir, através de uma AEDA que previa 15 dias de regime de trabalho domiciliar. Todos esperávamos que, em até três meses, tudo se resolvesse, mas a pandemia foi se prolongando e hoje, há mais de dois anos, seguimos na indefinição: acabou? Para quem? Será que um vírus obedece a um decreto de fim de emergência sanitária?

Ao longo desse período, testemunhamos toda sorte de desatino, desrespeito, cinismo. Como o prefixo PAN indica, a epidemia tomou conta de todos os continentes e em todos houve negacionismos e intolerâncias, mas poucos países tiveram uma liderança (?) tão desequilibrada como a que o Brasil (não) teve. Claro que cada indivíduo é responsável por seus atos, mas quando uma pessoa no mais alto cargo desafia cientistas e a realidade e tenta impor um comportamento egoísta e insano, muitos o seguirão, infelizmente. O Brasil não foi o único país com um alto número de mortos, mas desconheço outro lugar em que o governante máximo tenha feito imitações de pessoas morrendo asfixiadas, tenha dito que não é coveiro e tantas outras falas aviltantes, que

¹ O governador Wilson Witzel sofreu impeachment em 01 de maio de 2021, pouco mais de dois anos após a sua posse, entre outros motivos, por ter participado de fraudes durante a contratação de OSs para a gestão da crise sanitária da COVID-19. Ele segue inelegível até 2026. Para mais informações: [Entenda o processo de impeachment que resultou na cassação de Wilson Witzel | CNN Brasil](#)

² Ricardo Lodi Ribeiro renunciou ao cargo em 30 de março de 2022, após dois anos à frente da Reitoria da UERJ. Para entender melhor: [Ricardo Lodi anuncia que deixará o cargo de reitor para ampliar luta por políticas educacionais no país - UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro](#)

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

desonram o cargo e ofendem a todos que tenham um mínimo de empatia por aqueles que perderam seus entes queridos de maneira tão grotesca e angustiante. Muitas dessas mortes poderiam ter sido evitadas, não por um coveiro, mas por um presidente que comprasse as vacinas com agilidade, que propusesse medidas sanitárias desde o início do evento e desse o exemplo. Foram até agora, agosto de 2022, mais de 679 mil pessoas mortas. Mais de 679 mil amores interrompidos. Mais de 679 mil corações partidos. O que leva alguém a assumir esse comportamento ostensivamente ofensivo?

Ficar em casa não foi fácil. Renunciar a abraços, beijos, encontros não foi fácil. Dar aulas por meios eletrônicos não foi fácil. A saúde mental de muitos ficou fragilizada com tudo isso. A volta ao mundo normal (?) ainda é uma incógnita. A saudade dos alunos foi grande. Muitos deles se formaram durante a pandemia e talvez não os vejamos nunca mais. Dois anos se passaram. Todos envelhecemos, perdemos momentos da nossa vida que jamais voltarão. Perdemos amores, choramos mortes. Em dois anos, um governador foi deposto, um ex-presidente enfim livre desponta como a esperança para uma reviravolta, mas a verdade é que os estragos feitos desde 2019 levarão muito tempo para serem superados, talvez décadas. Sobretudo as crianças sentiram o peso do isolamento: problemas de socialização, atraso no desenvolvimento cognitivo e no aprendizado escolar. Muitas passaram fome, pois a escola era a principal fonte de alimento. Muitas apanharam. Muitas foram estupradas. Uma leva de crianças que sofrerão o peso de um desgoverno. Crianças órfãs ao nascer, pois o número de gestantes mortas em consequência da covid foi muito alto e foi necessário lutar muito para que gestantes e puérperas fossem classificadas como grupo de risco. Morreram pessoas anônimas e artistas conhecidos e estimados por todos.

A UERJ passou por uma pequena revolução durante a pandemia, pois é na adversidade que os líderes são forjados e o ex-reitor, Ricardo Lodi, soube mostrar a força da universidade pública, o quanto ela pode fazer pelo povo em tempos difíceis. A Ciência foi afrontada quase diariamente por mentes incapazes, médicos dividiram-se entre aqueles que souberam orientar seus pacientes em meio à crise e médicos que prescreveram para seus pacientes vermífugos de cachorro³ para se proteger contra um vírus. Os professores foram agredidos e taxados de vagabundos doutrinadores, mas isso não é novidade, como diz a famosa frase atribuída a Melanie Klein, “Quem come do fruto

³ Embora exista ivermectina para humanos, testemunhamos um médico dizendo a familiares para comprar a versão para cães, pois a humana estava em falta.

Apresentação

do conhecimento é sempre expulso de algum paraíso”. É previsível que nos vejamos como uma ameaça, afinal, um povo esclarecido não elege políticos dessa estirpe. Este livro nasce como um registro de histórias. A ideia partiu de Patrícia Gonçalves, talvez como uma tentativa de catarse, buscando entender as incongruências que nos atropelavam diante das notícias. Em seguida, Patrícia agregou as amigas e colegas Laura Barbosa Campos e Marinês Lima Cardoso.

Como dissemos, a pandemia, como catástrofe de âmbito multidimensional, pode e deve ser pensada a partir de diferentes frentes. Esse aspecto também é observável na composição deste livro, com contribuições que tratam de questões tão importantes quanto diversas. Em **“FACES da violência contra as mulheres em quatro romances de autoria feminina”**, Anna Faedrich destaca que, durante a pandemia, a violência de gênero ficou ainda mais evidente, entretanto ela lembra que as escritoras brasileiras já mobilizavam a temática anteriormente. Faedrich analisa os romances *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Marta Batalha; *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei; *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo e *Sinfonia em Branco*, de Adriana Lisboa. No capítulo **“Reflexões sobre a Pandemia e suas contribuições para o futuro a partir do conto *A Peste Escarlata*”**, a partir do conto distópico de Jack London, Karinna Adad de Miranda propõe pensar sobre a formação das memórias - coletiva e individual - do período pós-Covid 19, em um contexto no qual a experiência foi atravessada pelo mundo virtual.

No texto **“Apatia e pandemia: uma leitura do Brasil contemporâneo através de *O deserto dos Tártaros* de Dino Buzzati**, Estêvão Silveira Rendeiro e Carolina Correia dos Santos tratam da apatia na relação com a Covid-19, no Brasil, principalmente no seu início, relacionando-a com o cotidiano do protagonista da obra em destaque e com o isolamento social diante da pandemia. À luz do conceito de anestésico, de Buck-Morss, os autores relacionam a ausência de sentimentos do homem moderno com o negacionismo e o pró-militarismo no cenário brasileiro político atual. São feitas, também, reflexões sobre os sentimentos de desespero e esperança, solidão e adesão em um espaço e tempo que parecem se arrastar e onde a morte sempre está por perto.

Para além de negacionismos de várias ordens, observamos a repetição de padrões, como se a sociedade esquecesse, em duas gerações, das desgraças ocorridas. Surtos epidêmicos de graus distintos acontecem no mundo desde que o mundo é mundo. No passado, até mais ou menos o século XIX, pela escassa mobilidade intercontinental, as epidemias costumavam se restringir aos continentes onde surgiam, mas, à medida em que

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

o ser humano foi expandindo seu desenvolvimento tecnológico, essas epidemias ultrapassaram fronteiras marítimas, conquistando o status de pandemia. E há muito tempo as epidemias tornam-se assunto de romances e contos. Mesmo assim, com todos os *spoilers* que a literatura, o cinema e o próprio noticiário nos deram, deparamo-nos com um cenário de negação de vacinas. O texto “**Entre a fé e a vacina: quanto vale uma vida?**”, de Patrícia Gonçalves, Paola Pêsoa e Daniela Tavares, percorre o romance de Alessandro Manzoni, *I promessi sposi*, e o conto “A peste”, de João do Rio, para debater esses negacionismos recorrentes.

No capítulo **Ecos pandêmicos: a cegueira branca nos tempos da covid-19**, Renan Isse e Marseille Costa propõem uma leitura de *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, à luz dos recentes acontecimentos, procurando analisar o comportamento negacionista diante de uma doença, muitas vezes, definida como ‘gripezinha’. Os autores apontam o questionamento do isolamento social ter sido feito na época, tendo em vista o direito à liberdade do indivíduo, mas, baseando-se na Constituição Federal, destacam que o direito à vida deve ser prioridade nesse caso. Em seguida, temos “**Um halo de morte ilumina a Veneza de Thomas Mann**”, de Carlinda Fragale Pate Nuñez. A contribuição apresenta um rico percurso pela história de pestes, através de um roteiro de leitura de vários romances que trazem a doença como pano de fundo. A autora elabora também uma análise apurada de uma das obras mais célebres de Thomas Mann, *A morte em Veneza*.

Em “**Leopardi, o pessimismo cósmico e a pandemia da Covid-19**”, Marinês Lima Cardoso, Flávia Sobral de Holanda Maia e Giuliano Machado Abbagliato propõem um diálogo entre o conceito de pessimismo cósmico de Giacomo Leopardi e a situação do indivíduo diante de uma pandemia, tomando como base o texto *Dialogo della natura e di un islandese*. O trabalho dos autores aborda a fragilidade das relações entre as pessoas, tanto de modo positivo quanto negativo, destacando que enquanto alguns grupos adotaram medidas de proteção e de solidariedade, outros pareciam desafiar o vírus, com comportamento de indiferença. Para ilustrar esse último grupo, são feitas ponderações sobre a ideia da cordialidade brasileira como traço característico desse povo.

No texto “**Literatura e Resistência: Estratégias de enfrentamento da pandemia**”, Laura Barbosa Campos comenta o que o clássico *A Peste*, de Albert Camus, tem a nos dizer em tempos de Covid 19 e, em seguida, a partir da narrativa visual *Confinada*, de Triscila Oliveira e Leandro Assis, observa questões relacionadas às trabalhadoras domésticas durante o confinamento. Por fim, na seção de ficção, contamos com duas contribuições: um monólogo, “**Para ocupar vazios**”, de Carmem Elias, que

Apresentação

busca dar visibilidade à realidade dos profissionais de saúde brasileiros em meio à pandemia e o conto “**Utopia fracassada**”, de Patrícia Gonçalves, que retrata os dois anos de isolamento social de uma servidora pública.

Nossos sinceros agradecimentos aos pesquisadores já mencionados, que generosamente contribuíram para a realização desta publicação.

Desejamos boa leitura a todos.

As organizadoras.

FACES DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM QUATRO ROMANCES BRASILEIROS DE AUTORIA FEMININA¹

ANNA FAEDRICH²

Nunca se falou tanto em violência, nunca houve tanto empenho em torná-la visível e combatê-la, e, no entanto, se examinarmos a literatura psiquiátrica em geral, é surpreendente constatar quão pouco se tem escrito sobre a violência que se exerce no casal. Mesmo tendo ela sempre existido, tudo levaria a crer que, com a ascensão do feminismo, as coisas progrediriam e uma maior igualdade entre homens e mulheres levaria, inevitavelmente, a menos violência. Não é o que acontece.

Marie-France Hirigoyen

Sob o impacto da [aparente] inexistência de relação causal entre o avanço das conquistas feministas e a diminuição da violência contra as mulheres, começa o livro *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*, da médica psiquiatra francesa Marie-France Hirigoyen, publicado na França em 2005. Nunca se falou tanto em violência, sobretudo agora, mais de quinze anos após a publicação deste livro, momento em que enfrentamos a pandemia do coronavírus e os infortúnios do confinamento como medida protetiva.

É inegável que o isolamento social é uma política necessária de contenção do contágio do novo vírus, mas é alarmante o aumento da violência no casal na situação de confinamento com o agressor. As mulheres têm enfrentado desde 2020, para além de consequências econômicas e sanitárias da pandemia, diferentes roteiros de violência no espaço doméstico.

Na nota técnica “Políticas públicas e violência baseada no gênero durante a pandemia da Covid-19: Ações, ausentes e recomendadas”, Alencar *et al* (2020) ressaltaram a responsabilidade do Estado em garantir “o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana” e o “direito da mulher à integridade psicológica e física”, sendo necessárias – e urgentes – “políticas públicas que respondam rapidamente no caso de rompimento do respeito e convivência harmônica entre indivíduos”.

¹ Uma versão anterior deste texto foi publicada no livro *Pandemia e mulheres* (2020).

² E-mail: anna.faedrich@gmail.com . Universidade Federal Fluminense.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

Sabemos, contudo, que a tensão da pandemia e o inevitável confinamento da mulher com seu potencial agressor são *agravantes* da violência baseada no gênero, mas não seus *causadores*. Entre os fatos explicativos da violência contra a mulher, estão “desigualdades sociais, sistema patriarcal, cultura machista e misoginia”; entre os agravantes, estão “isolamento social, impacto econômico, sobrecarga do trabalho reprodutivo às mulheres, estresse e outros efeitos emocionais, abuso de álcool e outras drogas, redução da atuação dos serviços de enfrentamento” (ALENCAR ET AL., 2020, p. 9).

Com intuito de rastrear formas de manifestação desta violência – psicológica, simbólica, física, sexual etc. –, apresento alguns exemplos extraídos de quatro romances contemporâneos de autoria feminina: *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, de Martha Batalha (2016); *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei (2017); *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo (2019); e *Sinfonia em branco*, de Adriana Lisboa (2013). Interessa-me analisar como escritoras mulheres trabalham esteticamente com assunto tão delicado e fundamental para a conscientização da violência e seu enfrentamento. Não tenho pretensão de atribuir à literatura caráter utilitário no sentido de combater a violência baseada no gênero. Mas se a violência contra as mulheres é uma prática cultural machista, e a estrutura patriarcal se naturaliza ao ponto de as mulheres não se reconhecem como vítimas, abordar o tema por meios alternativos, incluído o meio literário, ajuda a desvelar e “fazer ver a violência”. “Fazer ver” é passo importante porque, como alerta Marie-France Hirigoyen ao discutir os resultados de uma pesquisa nacional francesa sobre as violências contra as mulheres, “57% das mulheres interrogadas [...] estavam falando a [respeito da violência] [...] pela primeira vez, e algumas delas não imaginavam que a razão de seu sofrimento era a violência.” Por isso, a psicoterapeuta enfatiza ser necessário “dar-lhes meios para decodificar a violência psicológica, de perceber quando os comportamentos são abusivos e de lhes permitir reconhecer a violência como uma injustiça a fim de mobilizar seus recursos” (HIRIGOYEN, 2006, p. 184).

A violência invisível

*As vítimas, por terem perdido seus limites, têm
dificuldade em reconhecer que o que sofreram
é malfazejo ou humilhante.
Marie-France Hirigoyen*

Faces da violência contra as mulheres em quatro romances brasileiros de autoria feminina

A violência pode ser invisível de diferentes modos. A mulher pode não se reconhecer como vítima de violência física e/ou psicológica, já que o patriarcado naturaliza comportamentos masculinos violentos. Nesse caso de violência simbólica, ‘violência doce’, – porque desconhecida enquanto tal – (BOURDIEU), a vítima tende a amenizar seu sofrimento e aceitar episódios de violência como parte do relacionamento.

A violência pode ser invisível simplesmente porque, ao contrário da violência física, ela não deixa marcas perceptíveis – olho roxo, hematomas, marcas de mordida, chute ou queimadura etc. – no corpo da vítima. Caracteriza-se, ao contrário, por violência psicológica e inclui o controle, o isolamento, o ciúme patológico, o assédio, as humilhações e aviltamentos, os atos de intimidação, a indiferença às demandas afetivas e as ameaças. Violência psicológica é uma noção mais subjetiva e seu limite é impreciso. Ainda não há um consenso entre os especialistas justamente porque demorou a ser reconhecida como tal (HIRIGOYEN, 2006, p. 28). A princípio, identifica-se a violência psicológica “quando uma pessoa adota uma série de atitudes e de expressões que visa a aviltar ou negar a maneira de ser de uma outra pessoa. Seus termos e seus gestos têm por finalidade desestabilizar ou ferir o outro” (idem). A violência também pode ser invisível por conta do silêncio da vítima. A mulher percebe a violência, porém não denuncia seu agressor por medo de retaliação e risco de impunidade, culpa, vergonha, dependência financeira e/ou emocional ou falta de acesso às redes de apoio às mulheres vítimas de agressão. Sem denúncias, a violência permanece invisível no Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN), dificultando a elaboração de dados consistentes e qualificados sobre os casos de violência contra as mulheres e favorecendo a impunidade.

Em *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, a protagonista vive muitas faces da violência no casal. Nas primeiras cenas do romance, o casamento de Eurídice, seu noivo Antenor exerce controle e violência psicológica:

Foi uma cerimônia simples, seguida por uma festa simples, e por uma lua de mel complicada. O lençol não ficou sujo, e Antenor se indignou.
“Por onde raios você andou?”
“Eu não andei por canto algum.”
“Ah, andou, mulher.”
“Não, não andei.”
“Não me venha com desculpas, você sabe muito bem o que deveríamos ter visto aqui.”
“Sim, eu sei, minha irmã me explicou.”
“Vagabunda. Eu me casei com uma vagabunda.”
“Não fale assim, Antenor.”
“Pois falo e repito. Vagabunda, vagabunda, vagabunda.”

Sozinha na cama, corpo escondido sob o cobertor, Eurídice chorava baixinho pelos *vagabunda* que ouviu, pelos *vagabunda* que a rua inteira ouviu. E porque tinha doído, primeiro entre as pernas e depois no coração (BATALHA, 2016, p. 10-11).

A violência conjugal sempre foi tida como um “assunto privado”, e explica a popularidade do bordão “*em briga de marido e mulher não se mete a colher*”.³ Por isso demorou tanto a ser estudada: “Somente após a década de 1970, com iniciativas das feministas, que se começou a estudar o impacto da violência conjugal sobre as mulheres” (HIRIGOYEN, 2006, p. 10). A psiquiatra afirma que os números são assustadores, e só são levados em conta as agressões físicas: “Contrariamente ao que frequentemente se diz, a violência conjugal só é possível porque a sociedade a aceita em silêncio” (HIRIGOYEN, 2006, p. 11).

Eurídice Gusmão aceita em silêncio a sua nova condição. Resignada, se adapta às humilhações do marido, e internaliza seu sentimento de inferioridade: “Ela sempre achou que não valia muito. Ninguém vale muito quando diz ao moço do censo que no campo profissão ele deve escrever as palavras ‘Do lar’” (BATALHA, 2016, p. 11). Mais tarde, Eurídice conclui que “não deveria mais pensar”. A voz narradora do romance alerta o leitor para os efeitos nocivos do brutal desencorajamento das mulheres: “Porque Eurídice, vejam vocês, era uma mulher brilhante. Se lhe dessem cálculos elaborados ela projetaria pontes. Se lhe dessem um laboratório ela inventaria vacinas. Se lhe dessem páginas brancas ela escreveria clássicos” (BATALHA, 2016, p. 12). Como sugere o diagnóstico de Virginia Woolf, a mente da mulher artista é desencorajada – “Ora, e qual é o alimento com que alimentamos as mulheres enquanto artistas?” (WOOLF, 2014, p. 78) – e acaba destruindo qualquer chance de a mulher se realizar e demonstrar seu potencial.

Voltando à voz narradora do romance de Batalha, ela atenta para a capacidade de Eurídice e seu gradual aniquilamento: “Mas o que lhe deram foram cuecas sujas, que Eurídice lavou muito rápido e muito bem, sentando-se em seguida no sofá, olhando as unhas e pensando no que deveria pensar. E foi assim que concluiu que não deveria pensar” (Batalha, 2016, p. 12).

A reação de Eurídice é típica do dominado, que sofre a violência designada por Pierre Bourdieu como *simbólica*. Para Bourdieu, a eficácia da dominação masculina advém da cumplicidade dos dominados com os dominantes, ou seja, as mulheres acabam por adotar o ponto de vista machista dos homens-dominadores e passam a naturalizar

³ O Ipea apontou que 79% dos brasileiros concordam com a afirmação.

Faces da violência contra as mulheres em quatro romances brasileiros de autoria feminina

diferentes roteiros de violência, quando não se culpabilizam e tomam para si o papel de algoz: “Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de autodepreciação ou até de autodesprezo sistemáticos [...]” (BOURDIEU, 2002, p. 46).

O peso da violência sexual

Por que os homens são violentos? Por que os homens estupram, agredem, espancam e matam mulheres? Culpa da sociedade patriarcal que prepara homens para ocuparem um papel dominante? Subproduto trágico de uma “masculinidade tóxica”? Que sociedade é essa que produz homens abusivos? A dominação masculina é uma construção social naturalizada e perpetuada “em instâncias como Escola e Estado,⁴ lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação” (BOURDIEU, 2002, p. 11). De acordo com a abordagem feminista, muitos homens, quando não alcançam a posição de dominadores nas relações sociais, tendem empregar a força como forma de controlar a mulher (HIRIGOYEN, 2006, p. 122). Entretanto, apenas tal explicação não daria conta de explicar a complexidade do fenômeno, visto que a maioria dos homens não é violenta. Há, ainda, a socialização secundária: “os comportamentos violentos são adquiridos por observação dos outros e se mantêm quando são valorizados socialmente” (HIRIGOYEN, 2006, p. 124). A psicanálise provê também uma contribuição decisiva, ao apontar a correlação entre os maus-tratos sofridos no decurso da infância e certos distúrbios de personalidade: “Um trauma de infância pode, sem dúvida, criar, pelo viés do estresse pós-traumático, uma predisposição à violência, que virá a ser, ou não, reforçada pelo contexto social e cultural da pessoa” (HIRIGOYEN, 2006, p. 124).

O uso da força para restaurar o papel dominante consta em uma das cenas mais violentas da recente literatura brasileira de autoria feminina, no romance *O peso do pássaro morto*. A protagonista é estuprada em sua própria casa pelo ex-namorado. O evento ocorre quando ela o recebe após ele ter tomado ciência de uma fotografia vazada que retrata um beijo a três (entre um homem desconhecido, a amiga e a protagonista), em

⁴ Bourdieu critica certo discurso feminista que concentrou esforços apenas *no espaço doméstico* para compreender a perpetuação da dominação masculina, mostrando que, se a violência acontece de fato dentro da unidade doméstica, ela é perpetuada por outras instâncias, como a Escola e o Estado, externas ao universo mais privado (2002, p. 10-11).

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

seu primeiro show de rock. A “masculinidade tóxica” de seu namorado Pedro não lhe permitiu perdoá-la, por mais que ela explicasse ter sido uma brincadeira juvenil “*vamos conversar. foi uma / brincadeira, / a gente se deixou levar pela música, né, Paula, mas / juro que acabou ali. a gente tinha bebido um pouco / mais que o normal. aquela cerveja era muito / vagabunda, subiu tão / rápido, / eu ia te contar, / mas não assim. não desse jeito, Pedro, / escuta*” (BEI, 2017, p. 52. Itálicos no original).

Pedro sofre a opressão da estrutura patriarcal e machista, sob a forma de ridicularizações contra ele: “colocavam fotos pela escola do Pedro com chifres / rei do gado / era o seu novo apelido, / *muuuuuuuuuuuuuuu* quando ele passava, / *muuuuuuuuuuuuuuu* desenhado em bilhete / ele tacava tudo no lixo e a cara / magra, mais magra do que nunca” (BEI, 2017, p. 53). Os homens também são prisioneiros da dominação masculina e vítimas da representação dominante, pois o “privilégio masculino também é uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua *virilidade*” (BOURDIEU, 2002, p. 64). Virilidade que vai além da “capacidade reprodutiva, sexual e social”, mas se manifesta também “como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança)” (idem). A virilidade é uma carga para o homem, que “tem de ser validada por outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’” (BOURDIEU, 2002, p. 64-65).

As primeiras agressões de Pedro contra a protagonista são verbais, caracterizando a violência psicológica, que engloba as humilhações: “humilhar, rebaixar, ridicularizar é algo que caracteriza a violência psicológica. O outro, sendo apenas uma válvula de escape da raiva que alguém tem de si mesmo, não possui existência própria: não é respeitado” (HIRIGOYEN, 2006, p. 37).

— *puta.*
eu gostava de você, sua
P u t a!
[...]
e ele fugindo de mim com o punho
cerrado, a boca
molhada enchendo os corredores
com as letras
P
U
T
A (BEI, 2017, p. 52. Itálicos no original)

Faces da violência contra as mulheres em quatro romances brasileiros de autoria feminina

Uma simples brincadeira, de uma menina aos 17 anos de idade, num show de rock com a amiga, uma adolescente recém descobrindo sua sexualidade, acaba tomando proporções e punições incabíveis, pois estão intimamente ligadas à repressão sexual das mulheres, ao tabu da sexualidade feminina, às expectativas de gênero. Espera-se das mulheres submissão, pudor e bons modos: “a moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo, e que se faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes e aos penteados” (BOURDIEU, 2002, p. 38). É um passo curto que leva o homem da violência psicológica à física. Depois de contínuos xingamentos, Pedro vai à casa da ex-namorada, que só abre a porta por se tratar de alguém conhecido,⁵ na esperança de resolver o mal-entendido, porém é surpreendida com a crueldade do estupro:

quando abri a porta
o Pedro
tinha 1 Faca
que colou no meu
pescoço.
meu grito
morreu no estômago
junto com o chute que ele me deu.
caí sem acreditar naquele Pedro que
arrancou o meu
vestido, o contato
rente
da Faca
queimava
a pele e
ardia enquanto o Pedro
mastigava meus peitos
pronto pra arrancar
o bico.
ele lambeu minhas coxas por dentro a buceta meu
rosto o cu e a língua um pau revirando,
entre a reza e o pulo escolhi
ficar dura
e estranhamente pronta
pra morrer.
foi quando o xixi
me escorreu
as pernas.

— *tá mijando em mim sua porca?*

ele arrancou o pau pra fora e fez o mesmo
na minha boca.

⁵ 73% dos perpetradores de estupro são **pessoas conhecidas** (CERQUEIRA, COELHO & FERREIRA, 2017, p. 45).

— *engole essa, vadia.*

o gosto morno
era azedo.
ele socou o pau
até o fundo mais
impossível da minha
garganta,

vomitei.

o pedro
ria,
disse que arrombadas como eu prestam só pra dar
e olhe lá que tem muita putinha bem mais
delícia
do que eu em cada
esquina.
ele abaixou as calças
abriu minhas pernas
e meteu com pressa
de olho
fechado, a cara toda
cerrada
de gozo e nenhum ódio,
o ódio agora
era meu. (BEI, 2017, 58-59. Itálicos no original)

A violência de gênero “é um reflexo direto da ideologia patriarcal, que demarca explicitamente os papéis e as relações de poder entre homens e mulheres” (CERQUEIRA E COELHO, 2014, p. 2). Para os pesquisadores, a cultura do machismo, subproduto do patriarcalismo, legitima e alimenta os diferentes roteiros de violência contra a mulher. A cena de estupro em *O peso do pássaro morto* é repleta de ódio e violência, porém não há remorso, já que Pedro presume agir em “legítima defesa de honra”,⁶ amparado pelo sistema patriarcal e – o que é pior – por um Sistema de Justiça Criminal capaz de vitimizar duplamente a mulher.

A dupla vitimização ocorre quando a mulher, além de vítima da agressão, é, ao denunciar, injustamente culpabilizada por suas relações pessoais, comportamento ou modo de vestir (CERQUEIRA, COELHO E FERREIRA, 2017).

⁶ Segundo Cerqueira e Coelho, “até os anos 1970, a tese de ‘legítima defesa da honra’ era admitida para inocentar quem assassinava seu cônjuge, como ocorreu no famoso caso Doca Street, em 1979, que foi objeto de forte denúncia pelo movimento feminista” (2014, p. 3). Raul Fernando do Amaral Street assassinou Ângela Diniz com tiros no rosto, por não aceitar o rompimento da relação. Episódio similar foi reproduzido na segunda temporada da série brasileira da Netflix *Coisa Mais Linda*, estrelada por Maria Casadevall, Mel Lisboa, Fernanda Vasconcelos e Pathy Dejesus. No julgamento do feminicídio de Lígia (Fernanda Vasconcelos), a defesa do marido feminicida utiliza os mesmos recursos que a de Doca Street.

Faces da violência contra as mulheres em quatro romances brasileiros de autoria feminina

Após sofrer humilhações na escola, que é uma instituição de perpetuação da cultura machista, Pedro sente-se no direito de violentar a mulher responsável pelo ultraje sofrido. A vítima do estupro passa a ser algoz, já que teve comportamento considerado desviante. As inversões da vítima em algoz e vice-versa não são raras e, muitas vezes, são realizadas pela própria vítima, uma vez que as mulheres assumem o discurso do dominador:

mas é culpa mãe,
trezentos
quilos
de culpa
e **ela achando que nessa história eu era santa.**
não contei
que beijei a Paula beijando outro, **ela nunca**
ficaria do meu lado se soubesse assim e
naquele momento
eu precisava muito
de alguém do meu lado (BEI, 2017, p. 54-55. Grifos meus)

A protagonista decide não contar à mãe o que estava acontecendo. Esse momento da história antecede o estupro, e a narradora já se coloca na posição de culpada – “trezentos quilos de culpa” – por conta do seu comportamento – “e ela achando que nessa história eu era santa”. Prova disso está na certeza que tem sobre a reação da mãe, que a julgaria tão puta quanto Pedro. Infelizmente, ao silenciar sobre os primeiros sinais de violência do agressor, a mulher perde a chance de evitar a progressão da violência. No romance, a experiência do estupro não será partilhada com os pais da vítima e não será denunciada. Tal reação infelizmente parece ser o padrão dominante entre mulheres adultas: “muitas vezes a vítima não vai ao hospital e sequer busca apoio entre familiares e em órgãos de Justiça, em consequência do tabu envolvido e do medo de dupla vitimização” (CERQUEIRA, COELHO E FERREIRA, 2017, p. 28).

Femicídio ou a falácia do crime passional

Foi assim que tudo começou. Você não imagina que um cara como este, que estuda Wittgenstein e pratica ioga, vai acabar enfiando a mão na sua cara, no banheiro de uma festa de fim de ano de advogados. Mas as estatísticas mostram que isso é comum. E que muitos não se contentam em apenas dar um tabefe. Preferem mesmo é matar.

Patrícia Melo

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

Em 2019, Patrícia Melo publica o impactante *Mulheres empilhadas*. O título remete à imagem terrivelmente nítida de cadáveres sobre cadáveres, corpos femininos, de mulheres barbaramente assassinadas. Por se tratar de um romance policial, o título remete-nos à imagem de um *serial killer*, misógino, que odeia e mata mulheres em série de modo a empilhar seus corpos. Entretanto, se a morte das mulheres é seriada, infelizmente seu assassino não é um delinquente único que encerra a rotina de crimes quando capturado. Homens, no plural, vêm matando mulheres sistematicamente. *Mulheres empilhadas* surpreende por diversos motivos. Um deles é a sua interface com a realidade, denunciando – mas não só – o terrorismo de gênero.

Apesar da simplicidade de uma escrita crua e objetiva, sem rodeios e metáforas sofisticadas, enfeites ou sugestões, a trama da narrativa é elaborada em diferentes chaves de leitura. Aqui, interessa-nos a chave referente ao feminicídio e sua interface com a realidade, já que a autora traz à tona doze casos reais de feminicídio.⁷

A narradora-protagonista tem perfil psicológico engenhoso. Trata-se de uma advogada paulista, que acaba trabalhando diretamente em casos de feminicídio no Acre, assombrada por uma lembrança traumática, fugaz e pouco elaborada do assassinato da mãe pelo pai. Para completar o quadro de violências somatizadas, a advogada sofre agressão psicológica e física do namorado, a quem identifica como um potencial feminicida:

Lembro da sensação de ser empurrada para dentro do lavabo pelo meu namorado, que surgiu do corredor, transtornado, vindo dos quartos, “Com quem você estava?”, gritava ele. “Onde você se meteu?” A música fazia tudo vibrar, eu quase podia sentir seu ritmo pulsando sob meus pés, na ponta da minha língua, e enquanto ele apertava meus braços, me prensava contra o mármore frio na parede, eu não respondia, não conseguia reagir, na verdade não conseguia entender que era eu mesma quem estava vivendo aquela cena de novela barata, euzinha que tinha diante de mim aquele delicioso parceiro sexual, um homem atlético, culto, cheio de humor, a quem eu começara a chamar de namorado havia poucos meses, e que até então era tão cortês, respeitoso

⁷ Os capítulos iniciam com casos de mulheres reais, vítimas de feminicídio, que podem ser acessados em sites de notícias: **Elaine Figueiredo Lacerda**, assassinada aos 61 anos, pelo marido, em 2018; **Fernanda Siqueira**, nutricionista morta a facadas pelo ex-marido, aos 29 anos, em 2018; **Rayane Barros de Castro**, pelo ex-namorado, aos 16 anos, em 2018; **Tatiana Spitzner**, 29 anos, advogada, jogada do quarto andar pelo marido; **Lilian Maria de Oliveira**, pelo marido, com uma facada, na frente do filho; **Daniela Eduarda Alves**, 34 anos, pelo marido, em 2019. Os vizinhos chamaram 8 vezes a polícia na tentativa fracassada de salvá-la; **Taita Gomes** morta com um tiro na cabeça, na frente do filho, pelo marido, em 2016; **Engel Sofia Pironato**, 21 anos, estrangulada dentro de casa pelo ex-namorado, que colocou seu cadáver dentro da geladeira, em 2019; **TRT**, morta pelo ex-namorado; **Alessandra Fernandes Silva**, 29 anos, morta a facadas pelo cunhado na frente da filha de 4 anos; **bebê** de 48 dias morta pelo pai, que revelou achar que a criança não era sua.

Faces da violência contra as mulheres em quatro romances brasileiros de autoria feminina

e amável quanto eu desejava que um namorado pudesse ser, e que continuava gritando, numa fúria possessiva e sem motivos. Só o que consegui fazer, enquanto tentava me defender e me livrar de seus braços, foi dar uma risada. Só isso. E aquele meu sorriso tenso, meio atrofiado, fez com que seus olhos ganhassem um brilho selvagem, como o de certos cães antes do ataque.

Paf. Até então, nunca tinha levado um tapa na minha vida. No rosto.
— Vadia – me disse ele antes de deixar o banheiro (MELO, 2019, p. 8-9).

“*Ela apanha, mas gosta; por isso não vai embora*”. A cultura machista em que vivemos é pródiga em julgamento desse teor, insensível e precipitado, sobre o condicionamento das vítimas. Hirigoyen analisa a vulnerabilidade social e psicológica das mulheres, o condicionamento das vítimas e os mecanismos de adaptação à violência para entender por que elas não vão embora e/ou por que perdoam o agressor. Existem, ainda hoje, os casos de mulheres dependentes financeiramente de seus maridos, que se adaptam ao contexto de violência por necessidade, por não ter para onde ir nem como sustentar os filhos. Estudiosos afirmam que, mesmo com a emancipação feminina,⁸ os casos de violência doméstica e familiar contra as mulheres continuam aumentando, o que indicaria, no mínimo, que não se trata apenas de uma questão econômica. O processo de naturalização dos diferentes tipos de violência é nocivo às mulheres, pois elas não conseguem *ver* a violência, não percebem que estão em um relacionamento abusivo, já que internalizaram categorias do machismo dominante. Por internalizar essas categorias, é comum mulheres julgarem o comportamento de outras mulheres e justificarem episódios de violência sexista ou culpabilizarem a vítima, pautadas em discurso conservador e moralizante. Uma cena de ciúme pode ser vista como uma prova de amor, de interesse e cuidado, em vez de um indício de patologia. Um episódio de agressão física leve pode ser isento pelo fato de o agressor ter bebido demais ou pela típica inversão da vítima em algoz, a mulher se culpa por ter provocado a situação. E o quadro é complexo, pois parece não se tratar mais de dependência financeira ou de falta de esclarecimento e percepção da violência, já que mulheres estão ativas no mercado de trabalho, donas de si, com carreiras brilhantes e ampla formação intelectual.

⁸ Daniel Cerqueira, Rodrigo Moura e Wânia Pasinato mostram que a independência financeira da mulher não é suficiente para superar a desigualdade de gênero geradora de violência. Mesmo com o empoderamento econômico da mulher, maior participação no mercado de trabalho e diminuição da discriminação salarial, os registros de violência contra a mulher continuam aumentando. Ver: *Participação no mercado de trabalho e violência doméstica contra as mulheres no Brasil* (Texto para discussão 2501), Ipea, 2019. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9358/1/td_2501.pdf

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

A protagonista – advogada, inteligente e independente – de *Mulheres empilhadas* reflete, *à posteriori*, como foi possível ela não ter se dado conta dos sinais que os homens abusivos inconscientemente demonstram. Além de não se reconhecer como vítima de violência, é comum a mulher transformar algo negativo – como o ciúme desmedido, por exemplo – em positivo:

— Tenho que tomar cuidado com você – respondeu ele. — Mulher inteligente é foda.

O que ele estava me dizendo, naquele momento, é que de forma geral as mulheres são burras. Mas claro que, sob efeito da sedução e envenenada pelos meus próprios hormônios, não me dei conta disso. Pior: inverti os sinais, transformei o negativo em positivo (MELO, 2019, p. 12).

“*Matar mulheres é um crime democrático*”. Eis a conclusão da protagonista, por notar não haver um padrão de fácil reconhecimento do agressor. O feminicida pode ter qualquer profissão – “Profissão do acusado: Militar. Eletricista. Servente de pedreiro. Lavrador. Funcionário público. Estudante. Matar mulheres é um crime democrático, pode-se dizer. Eu fazia minhas próprias tabelas que, no futuro, transformariam aquelas estatísticas em mais estatísticas” (MELO, 2019, p. 17) –, qualquer escolaridade – “Grau de instrução do acusado: Semianalfabeto. Superior completo. Analfabeto. Nível universitário.” (MELO, 2019, p. 17) –, e qualquer relação com a vítima – “Marido. Namorado. Amante. Ex-amante. Irmão. Cunhado. Padrasto. Em apenas cinco casos, o assassino não conhecia a vítima” (MELO, 2019, p. 17).

Aquele homem sensível, culto, ambientalista, *zen*, progressista, feminista (!), pode, ao sentir que perdeu o controle sobre a mulher, revelar a sua faceta violenta antes adormecida. As pesquisas têm mostrado que, enquanto não mudarmos os padrões de conduta violentos, por meio de políticas públicas e de grupos reflexivos para homens,⁹ continuaremos fabricando potenciais agressores, perpetuando o feminicídio como crime democrático.

⁹ A tese sobre grupos reflexivos para homens autores de violência contra a mulher reduzirem a reincidência e provocarem mudanças significativas de comportamento foi defendida pela promotora de Justiça do Rio Grande do Norte, Érica Verícia Canuto de Oliveira Veras, *A masculinidade no banco dos réus: um estudo sobre gênero, sistema de justiça penal e a aplicação da Lei Maria da Penha* (UFRN, 2018). Veras é coordenadora nacional do Copevid (Comissão Permanente de Combate à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher) criada pelo Grupo Nacional de Direitos Humanos (GNDH), do Conselho Nacional de Procuradores-Gerais (CNPGE).

O monstro que devora infâncias

*[...] é de onde circulam os afetos mais fortes
que podem emergir os sofrimentos mais
intensos.*

Marie-France Hirigoyen

A casa é “o nosso canto no mundo”, “o nosso primeiro universo”, é “um verdadeiro cosmos”, observa Gaston Bachelard. Do ponto de vista fenomenológico, a casa é abrigo, refúgio, proteção: “A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa” (BACHELARD, 2005, p. 26). A casa abriga os sonhos, as lembranças, os devaneios: “Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso” (idem). Tanto a teoria do imaginário, protagonizada por Bachelard, quanto as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a contenção do coronavírus, estão em acordo sobre a casa ser lugar primeiro de proteção. Não à toa o slogan de campanha da pandemia é #fiqueemcasa, compartilhado mundialmente – #stayhome, #restezchevous, #quédeteencasa.

Contudo, a casa pode deixar de ser abrigo e refúgio e passar a ser “devoradora de infâncias” ou espaço de violência para as mulheres e as crianças. A casa deixa de abrigar os sonhos e os devaneios, e passa a abrigar pesadelos horríveis e traumatizantes. É comum associarmos o perigo ao espaço da rua e ao regime noturno. Mas as pesquisas revelam que o perigo mora em casa, ou próximo dela, e tem rosto conhecido. Na radiografia sobre os estupros no Brasil, os pesquisadores Daniel Cerqueira e Danilo Coelho (2014) concluíram que 1) crianças e adolescentes menores de idade são os mais vulneráveis no ambiente doméstico; 2) os perpetradores são pessoas conhecidas (em destaque, pais, padrastos, cônjuges ou namorados); 3) os agressores atacam sem uso de armas ou objetos perfurocortantes (não há necessidade, já que atacam apenas pessoas vulneráveis); 4) a residência é o principal local onde acontecem os estupros; 5) que em 80% dos casos vítima e agressor se conhecem e que 6) os estupros em casa por conhecidos têm maior reincidência.

Oito em dez estupros acontecem *em casa*, naquele espaço que deveria ser aconchegante, nosso canto no mundo, aquele espaço que o mundo nos pede para ficar protegidos da Covid-19, de modo a protegermos também aqueles do grupo de risco. Só

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

que ficar em casa pode ser justamente o contrário disso. Ficar em casa tem aumentado os roteiros de violência doméstica contra mulheres e crianças.

Em *Sinfonia em branco*, Adriana Lisboa ficcionaliza a história de uma típica família patriarcal, composta por um casal – Afonso Olímpio e Otacília – e duas filhas – Clarice e Maria Inês. O romance mostra diferentes facetas da violência doméstica e da dominação masculina. A mais odiosa é a violência sexual perpetrada pelo pai contra a filha mais velha. Diferentemente de Patrícia Melo, em *Mulheres empilhadas*, Lisboa aborda o tema do estupro incestuoso por meio de uma linguagem simbólica, repleta de metáforas e sugestões, mas de forma a não deixar o episódio de abuso e violência paterna menos repugnante. O primeiro momento em que o leitor tem acesso a cena de estupro se dá, mesmo narrado em terceira pessoa, pela perspectiva da irmã caçula, que flagra o “monstro purulento de um olho só” passando a mão no corpo nu de sua irmã, de modo a destruir cruelmente a infância das duas:

A porta do quarto está entreaberta. A porta do quarto não costuma ficar entreaberta. Lá dentro alguma coisa se move, um monstro purulento de um olho só, que baba e grunhe e range suas mandíbulas horrendas. O monstro que devora infâncias. Será uma ilusão de ótica? A porta entreaberta revela uma cena que poderia ser belíssima: aquele volume pálido que a menina de nove anos de idade ainda não conhece em seu corpo. Um seio. Todo feito em curvas, sem nenhum ângulo mais agressivo, acompanhado por um ombro tão redondo, por um braço tão macio e por um pedaço de abdome liso como papel. Ela olha, fascinada, enquanto uma mão masculina aproxima-se e alcança aquela anatomia tão delicada, enquanto os dedos rígidos apalpam a base do seio, e depois escorregam por aquele vale vertiginoso e alcançam o bico trêmulo que mantém um instante entre o polegar e o indicador. Como se estivessem dando corda a um relógio de pulso.

Ela vê. Depois, as sementinhas de ciprestes tombam-lhes das mãos em concha. Ela quer fechar os olhos para voltar o tempo. Naquele instante o sol começa a recolher sua luz mas a noite que se engendra é diferente de todas as outras: uma noite que já nasce morta. As sementinhas rolam pelo chão recém-encerado e uma lágrima de dor e de medo rola pelas faces túrgidas da menina que agora foge, ainda nas pontas dos pés. Não mais, porém, porque deseje treinar para bailarina. Agora ela quer evitar que a ouçam, não quer que saibam que sabe (LISBOA, 2013, p. 79-80).

A história é repleta de violências, inclusive a simbólica, cuja vítima é a mãe, que vive um casamento infeliz, fruto da herança patriarcal, submissa ao marido, sem afeto e sem satisfação sexual. Vítima de violência psicológica do marido, sabe do abuso sexual da filha e é omissa (porque submissa) até o momento em que consegue enviar a filha para o Rio de Janeiro. Porém, é tarde demais. A infância de Clarice já foi destruída. As

Faces da violência contra as mulheres em quatro romances brasileiros de autoria feminina

infâncias já foram destruídas, porque a irmã mais nova, mesmo sem ter sido diretamente abusada, sofre as consequências psicológicas do que testemunhou.

Estudos indicam que o número de violência contra a mulher tem aumentado espantosamente. Paradoxalmente, pode haver algo de positivo nesse crescimento. As chances de a mulher hoje se perceber vítima de abuso são maiores, graças ao trabalho sistemático de conscientização, fruto de árduas lutas feministas. Também a viabilidade da denúncia tem sido decisiva nesse processo. Hoje, a vítima tem maior acesso a meios oficiais e seguros para registrar os casos de violência, assim como programas de amparo e leis para a sua defesa, que, antes, eram impensáveis.¹⁰ Com isso, estima-se que não foi propriamente a violência em si que aumentou, mas sim a sua visibilidade – maior número de casos reportados e de acesso aos registros oficiais. Exceto, claro, nesse contexto de pandemia e confinamento, que merece uma análise especial por conta de seus fatores agravantes.

Acredito, ainda, que exista outro componente importante para compreender o aumento da violência. Trata-se da transformação de mentalidades, de comportamento da sociedade, sobretudo das mulheres. Hoje fala-se muito no empoderamento feminino, decorrente de conquistas do feminismo, que engendra maior esclarecimento, redes de apoio à mulher, coletivos feministas etc. Movimentos como o #metoo e #omeuprimeiroassédio encorajam milhares de mulheres que, antes, sentiam vergonha ou culpa dos abusos sofridos, fazendo-as sofrer em silêncio, solitariamente como a protagonista emudecida de *O peso do pássaro morto*. Se no início deste texto destaquei a surpresa de Hirigoyen em relação ao aumento da violência mesmo com a ascensão do feminismo, agora coloco em xeque essa constatação, visto que o feminismo e a sua intervenção na legislação providenciaram mudanças decisivas, não apenas de mentalidades, mas de direitos e legislação em prol da igualdade de gêneros. Sendo assim, acredito que as lutas feministas ampliaram a *percepção* da violência contra a mulher, que antes era vista apenas como uma ponta do *iceberg*.

A mídia, a arte, o cinema, a literatura podem desempenhar papéis relevantes no combate à violência contra a mulher, mesmo que esse não seja um fim em si. É certo que a literatura e as artes não têm caráter utilitário nem panfletário, contudo, é válido observar

¹⁰ Segundo Cerqueira e Coelho (2014), somente em 2009 o estupro deixa de ser um “crime de ação privada contra os costumes” e passa a ser “um crime contra a dignidade e liberdade sexual”. Outro dado importante diz respeito à padronização e universalização das notificações de violência doméstica, sexual e outras violências em 2011. Como podemos ver, o processo de desconstrução efetiva do patriarcado é recente no Brasil.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

a sua interface com a realidade. Sabemos que quanto maior o esclarecimento, a educação e a visibilidade do problema, maior a chance de enfrentá-lo. “Para permitir que uma pessoa se liberte da sujeição é preciso, primeiro, levá-la a compreender como foi apanhada em uma armadilha” (HIRIGOYEN, 2006, p. 184). Uma mulher pode não ter consciência de que é vítima de um relacionamento abusivo até ver uma história similar à sua retratada em um livro, um filme ou em uma novela televisiva.

Outro ponto fundamental, e pouco abordado pelos pesquisadores, é o protagonismo do homem na violência contra a mulher. Inevitavelmente, acabamos pensando mais na vítima e nos meios de socorrê-la. Mas se é consenso em todas as pesquisas que a estrutura patriarcal produz homens violentos, talvez seja preciso reconhecer o homem como agente da violência e foco principal de mudança. Quando tratamos de questões de gênero, dificilmente um homem se reconhece como parte da discussão. Gênero parece ser marca do feminino. Projetos educativos como o da promotora Érica Canuto,¹¹ vencedor do Prêmio do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP, 2016) de redução da criminalidade, que promove grupos reflexivos para homens autores de violência doméstica e familiar em processo judicial, e como o do Papo de Homem (PdH), criado há treze anos, cuja proposta é “deixar de lado as narrativas heroicas e os machos alfa, tão frágeis em sua eterna autoafirmação”,¹² são fundamentais para a desconstrução de hábitos culturais machistas. Contudo, ainda há um longo caminho a ser percorrido e, como apontam as pesquisadoras do Ipea (2020), o Estado deve mudar e investir mais em políticas públicas para o suporte da vítima e a conscientização da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALENCAR, Joana; STUKER, Paola; TOKARSKI, Carolina; ALVES, Iara;
ANDRADE, Krislane de. *Políticas públicas e violência baseada no gênero durante a pandemia da Covid-19: Ações, ausentes e recomendadas*. Brasília, DF: Ipea, 2020. (Nota Técnica n. 78). Disponível em:
https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200624_nt_disoc_78.pdf

¹¹ O trabalho de Canuto, desenvolvido no Rio Grande do Norte, servirá de modelo para todo o país. A reflexão realizada com grupos de homens tem diminuído consideravelmente os casos de reincidência de violência. Ver: <https://agorarn.com.br/cidades/projeto-do-mprn-se-torna-referencia-nacional-na-defesa-da-mulher/>

¹² <https://papodehomem.com.br/nossa-visao>

Faces da violência contra as mulheres em quatro romances brasileiros de autoria feminina

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 24.

BATALHA, Martha. *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BEI, Aline. *O peso do pássaro morto*. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo. *Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da saúde*. Brasília, DF: Ipea, 2014. (Nota Técnica n. 11). Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5780/1/NT_n11_Estupro-Brasil-radiografia_Diest_2014-mar.pdf. Acesso em: 22 abr. 2022.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo; FERREIRA, Helder. Estupro no Brasil: vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014. *Revista brasileira de segurança pública*, São Paulo, v. 11, n. 1, 24-48, Fev/Mar 2017, p. 28.

HIRIGOYEN, Marie-France. *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LISBOA, Adriana. *Sinfonia em branco*. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MELO, Patrícia. *Mulheres empilhadas*. São Paulo: Leya, 2019.

RODRIGUES, Carla Estela; MELO, Ezilda; POLENTINE, Maria Júlia (Orgs.). *Pandemia e mulheres*. Volume I. Salvador: Studio Sala de Aula, 2020.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

REFLEXÕES SOBRE A PANDEMIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O FUTURO A PARTIR DO CONTO A *PESTE ESCARLATE*

KARINNA ADAD DE MIRANDA¹

A doença irrompeu tão subitamente, e matou tão rapidamente, e nunca poupou ninguém. Quando a erupção escarlate aparecia no rosto de uma pessoa, estava marcada para a morte. Nunca houve um caso conhecido de recuperação

- Jack London, *A peste escarlate* (2021)

Introdução

No final de 2019 os primeiros casos de “pneumonia viral” começaram a aparecer na China. Depois de se espalhar por alguns países da Europa e nos Estados Unidos, a doença que viria a ser chamada de Covid-19 teve o primeiro caso confirmado no Brasil em fevereiro de 2020. Em março, quando a Covid-19 foi declarada pandemia pela OMS (Organização Mundial de Saúde), a Portaria 356 do Ministério da Saúde foi publicada determinando, dentre outras ações, o isolamento de pessoas por período não superior a 14 dias e a quarentena pelo prazo de até 40 dias (BRASIL, 2020).

Mesmo havendo atos de governo e atos normativos concretos no sentido de combater a pandemia e evitar o contágio, o presidente do Brasil empreendeu uma verdadeira campanha a favor da Covid-19. Suas falas iam sempre na direção de desacreditar, negar ou minimizar a verdade, como, por exemplo, chamar a doença de “fantasia”, de “gripe qualquer”, de “neurose” ou de imponderável, uma vez que era inevitável que “70% da população vai ser infectada. E pelo que parece, pelo que estamos vendo agora, todo empenho para achatar a curva praticamente foi inútil²” (VENTURA et al., 2021, p. 55).

Paralelo às desinformações divulgadas pelo chefe do poder executivo, circulavam as notícias falsas por meios de redes sociais, como *Whatsapp*, *Facebook*, *Twitter* e

¹ E-mail: karinnaadad@hotmail.com. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

² Fala proferida por Jair Bolsonaro, presidente do Brasil, em uma de suas *lives* semanais no dia 30/04/20.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

Instagram. O grande perigo que esse cenário apresenta é a confiança que a população brasileira deposita nessas notícias, pois reconhecer sua falsidade não é uma tarefa fácil. De acordo com Barcelos et al. (2020, p. 2), “A pesquisa referenciada da Avaaz (18) aponta que nove em cada 10 brasileiros entrevistados leram ou ouviram ao menos uma informação falsa sobre a COVID-19 e que sete em cada 10 acreditam em ao menos uma desinformação veiculada”. E os autores continuam, “Ainda, outra pesquisa apontou que 62% dos brasileiros não sabem reconhecer se uma mensagem é falsa ou verdadeira (19, 20)” (IB., p. 2).

Como resultado dessa desinformação, em grande medida tornada viável pelo advento das mídias digitais, pareceu importante compreender como o período pandêmico iniciado em 2019 comporia a memória dos/as brasileiros/as. Essa curiosidade não é inédita. De acordo com Perrotta e Cruz (2021), muitos textos sobre a Covid-19 foram produzidos, e numa velocidade nunca vista. As autoras veem como facilitadora dessa produção textual profícua a presença de tecnologias de informação e comunicação, na medida em que (PERROTTA; CRUZ, 2021, p. 322) “permitem não só a produção de conteúdo numa escala quase industrial, como também possibilitam a sua distribuição a grandes grupos de pessoas e o seu consumo de variadas formas”.

Respondendo a uma demanda considerada “urgente” por Perrotta e Cruz, proponho pensar sobre quais contribuições a Covid-19 pode dar ao enfrentamento de futuras epidemias e pandemias. Alguns teóricos (VINITZKY-SEROUSSI, MARASCHIN, 2021; HOFFMANN, 2020; ERLI, 2020), ao retomar os efeitos de uma das maiores pandemias já existentes – a gripe espanhola – afirmam que de uma forma geral essa doença causou pouco impacto no futuro. Mesmo tendo matado entre 50 e 100 milhões de pessoas e tendo sido considerada o mais devastador desastre humano (HOFFMANN, 2020), é possível dizer que a gripe espanhola foi esquecida (VINITZKY-SEROUSSI, MARASCHIN, 2021). Como isso foi possível?

Para tentar responder à pergunta anterior, resgato a importância da memória para o enfrentamento dos desafios atuais. Nesse sentido, faço uso da análise de uma obra distópica escrita em 1912, *A peste escarlata*, e de um estudo de caso ocorrido em Campinas nos séculos XIX e XX.

O mundo após a peste escarlata

Em 2013, o mundo foi assolado por uma epidemia que praticamente dizimou a humanidade. De 8 bilhões de pessoas em todo o mundo, segundo censo de 2010, restaram entre 350 e 400 sobreviventes, de acordo com o professor de literatura inglesa James Howard Smith. Sendo o (LONDON, 2021, p. 115) “último homem que viveu os dias da peste e que conhece as maravilhas desse tempo longínquo” marcado pela civilidade e pelos avanços tecnológicos, Smith guarda na memória um mundo dominado pela genialidade humana que não existe mais.

Esse universo criado por Jack London em 1912, no conto *A peste escarlata*, projeta um futuro distópico dividido em dois anos: 2013 e 2073. Esses dois períodos são marcados por profundas contradições. Enquanto 2013, representa o ápice do desenvolvimento humano – pessoas vivem felizes, bem alimentadas, em completa harmonia com a natureza, com as máquinas e com a ordem social; em 2073 resta o caos. Smith ou Granser³, como é chamado por seus netos, tem agora 87 anos e (re)conta para eles como a peste escarlata, ao aniquilar quase toda a humanidade, as tecnologias desenvolvidas, os campos agricultáveis, deu origem a um estado de pura selvageria.

No mundo compartilhado por Granser e seus netos, a sobrevivência humana é constantemente ameaçada, tanto por animais selvagens quanto por uma vegetação indomesticável. Além disso, a natureza humana, desprovida das tecnologias e das normas sociais que a tornou ‘civilizada’, é governada por indivíduos cruéis e brutalizados. O cenário descrito remonta às eras pré-históricas, quando a escrita não tinha sido criada e a comunicação era bastante limitada.

Assim, no mundo de 2073, (IB., p. 29) “Falavam em monossílabos e frases curtas e estúpidas que eram mais uma algaravia do que uma língua”. O alfabeto deixou de existir e com isso os meios de comunicação. Ainda que Granser guarde alguns livros, momentaneamente, eles são inúteis, já que os nascidos após a pandemia não dispõem de ferramentas que os permitem decifrá-los. Nesse contexto, todos/as só podem contar com as memórias do último sobrevivente da peste escarlata.

A memória e seu papel pedagógico

Sem dúvida, Granser traz memórias trágicas permeadas por doces lembranças. Mas essas lembranças seriam suficientes para transmitir o horror da experiência

³ Corruptela para *grandsire*, ‘avô’ em inglês arcaico.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

pandêmica e talvez disciplinar as pessoas para o enfrentamento de eventos parecidos? Para ajudar na elaboração da resposta trago o estudo da historiadora Liane Maria Bertucci-Martins sobre duas epidemias que assolaram a cidade de Campinas, uma em 1889 e a outra em 1918.

No ano de 1889, Campinas foi vitimada pela febre amarela e viu 10% da sua população ser reduzida, seja por óbitos ou por emigrações. Com o passar dos anos, as recordações desse desastre foram constantemente alimentadas por medidas institucionalizadas, como a nomeação de praças, ruas e avenidas em homenagem às pessoas que atuaram no combate à febre amarela. Outra medida que serviu para ativar a memória da população diz respeito à inclusão da fênix egípcia no brasão da cidade como símbolo do seu renascimento após a epidemia (BERTUCCI-MARTINS, 2005).

Quando em 1918 a epidemia de gripe espanhola atingiu Campinas, não apenas as lembranças vivas de seus/as moradores/as desempenharam um importante papel, como a imprensa local, o poder público e as organizações sociais foram imprescindíveis para evitar a mesma mortandade de quase 30 anos antes. Para isso, as informações sobre a gripe espanhola que chegavam na cidade, a partir da imprensa, evocavam (IB. p. 81) “para os campineiros uma imagem muito semelhante àquela do final do século XIX, época em que a febre amarela devastava sua cidade e outras localidades brasileiras”.

Diferentemente do que ocorre no conto *A peste escarlate*, em Campinas, muitos/as sobreviventes estiveram envolvidos/as no fomento e na produção de memórias. Como resultado essas recordações ainda vivas funcionaram como uma eficiente ferramenta pedagógica para o enfrentamento da epidemia seguinte. A partir disso, percebemos a importância da memória vivida coletivamente para as ações no presente. Portanto,

A lembrança da febre amarela revivida coletivamente foi instrumento de educação para toda a cidade, que observando as providências implementadas em outras localidades, fazia da memória da febre amarela a baliza de suas realizações (IB. p. 81-82).

A memória como construção coletiva

A ideia de que uma memória possa ser coletiva leva em consideração a possibilidade de que imagens, pensamentos e sentimentos no interior de um mesmo grupo gerem lembranças sobre um determinado evento. Na verdade, pelo ponto de vista do sociólogo Maurice Halbwachs, uma memória estritamente individual não seria possível, na medida em que nossas recordações são frutos de experiências compartilhadas.

Isso quer dizer que mesmo quando estamos sozinhos/as, somos o acúmulo de informações adquiridas em nossas trocas sociais: e é exatamente daí que surgem as memórias. O estudioso exemplifica como se dá essa construção tendo como referência a si próprio. Ele conta

Chego pela primeira vez a Londres, e passeio com várias pessoas, ora com um ora com outro companheiro. Tanto pode ser um arquiteto que atraia minha atenção para os edifícios, suas proporções, sua disposição, como pode ser um historiador: aprendo que tal rua foi traçada em tal época, que aquela casa viu nascer um homem conhecido, que ocorreram, aqui ou lá, incidentes notáveis. Com um pintor, sou sensível à tonalidade dos parques, à linha dos palácios, das igrejas, dos jogos de luz e sombras nas paredes e as fachadas de Westminster, do Templo, sobre o Tâmesa. Um comerciante, um homem de negócios, me arrasta pelos caminhos populosos da cidade; detenho-me diante das lojas, das livrarias, dos grandes estabelecimentos comerciais. Mas mesmo que eu não tivesse caminhado ao lado de alguém, bastaria que tivesse lido descrições da cidade, compostas de todos esses diversos pontos de vista; que me tivessem aconselhado a examinar tais de seus aspectos ou, simplesmente, que dela tenha estudado a planta. Suponhamos que eu passeie só. Diremos que desse passeio eu não possa guardar senão lembranças individuais, que não sejam senão minhas? *Não obstante, passeei só somente na aparência* (HALBWACHS, 1990, p. 26, grifos meus).

A partir do fragmento acima, percebemos como a produção de memórias é mediada pelo contato físico. No caso de Halbwachs, um passeio por Londres e por lugares icônicos como Westminster lhe permite resgatar um amigo historiador, um outro amigo pintor e até o romancista Dickens, cujas histórias se passam na cidade inglesa. Por fim, o sociólogo conclui que

Em todos esses momentos, em todas essas circunstâncias, não posso dizer que estava só, que refletia sozinho (...) Outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo. Muito mais, eles me ajudam a lembrá-las: para melhor me recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles (IB., p. 26).

“Adotar o ponto de vista”, “entrar em um grupo”, “fazer parte” constituem atitudes relevantes para a produção da memória, na visão de Halbwachs. No entanto, é necessário que este grupo seja formado por pessoas que, antes de tudo, estejam em sintonia, isto é, que compartilhem afetos. Disso decorre que para a construção da memória não são suficientes os testemunhos externos; é essencial que se compartilhe o mesmo estado de espírito de outras pessoas, as mesmas sensações e os mesmos contextos. Nesse

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

sentido, temos que quando um sentimento comum não mais existe ocorre o desaparecimento da memória coletiva mais ampla.

Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. *Que me importa que os outros ainda estejam dominados por um sentimento que eu experimentava com eles outrora, e que não experimento hoje mais? Não posso mais despertá-lo em mim, porque há muito tempo, não há mais nada em comum entre meus antigos companheiros e eu* (IB., p. 34, grifos meus).

A força da memória coletiva fica perceptível quando observamos o efeito disciplinador que ela desempenhou 30 anos depois em Campinas. Justamente por compartilharem uma gama de sentimentos – medo, desespero, tristeza - os/as campineiros/as puderam ativar as lembranças da epidemia de 1889 e a partir delas agir sobre a pandemia de 1918. Assim, diante da irrupção de gripe espanhola, o medo unificou não apenas os/as moradores/as da cidade paulista, mas todo o país (BERTUCCI, 2009). Tendo isso em mente, é fácil perceber como a memória coletiva pode desempenhar um papel pedagógico no combate às moléstias. Logo surge uma outra questão: se a memória exige experiências e sentimentos comuns, ela pode ser transmitida e assimilada por quem não os vivenciou?

Esse é justamente o intuito de Granser. Ao relatar sobre a peste escarlata para um grupo de jovens que não viveu a pandemia e desconhece o modo de vida pré-pandêmico, o avô tenta, através do resgate de suas próprias recordações, cultivar nos netos uma empatia pelo passado. Apoiando-me em toda a discussão trazida anteriormente seria possível dizer que, na medida em que Granser compartilhe suas recordações sobre a peste escarlata, as (re)viva constantemente e as torne geradoras de afetos, as memórias podem ser compartilhadas por sujeitos que não viveram os eventos que as originaram.

Meios de informação e a construção da memória na era da internet

Se a construção de memórias sofre influência do contato físico, como se dá essa construção quando o contato interpessoal é mediado por meios virtuais? A pandemia de Covid-19 impôs a uma parte da população mundial uma realidade até então pouco

comum: a exigência de manter-se afastada do convívio social⁴. Como consequência, muitas dinâmicas cotidianas passaram a ser atravessadas pelo computador, pelo celular ou pelo tablet. Ao redor do mundo, as aulas deixaram de ser presenciais; o trabalho se tornou remoto; a ida ao supermercado e ao restaurante foi substituída pelo pedido *on-line*; a ida à academia, à praia, ao cinema, ao *shopping* e a uma série de outros estabelecimentos que ofereciam serviços não essenciais ficou suspensa.

Nesse contexto, a interação social ficou reduzida às pessoas que compartilhavam a mesma casa ou que se comunicavam virtualmente por meio de redes sociais e de aplicativos de comunicação instantânea, como *WhatsApp* e *Telegram*. Ao mesmo tempo, a capacidade informacional permitiu ainda mais a formação de “bolhas” e a possibilidade de cada indivíduo ficar restrito a determinadas espécies de informação.

Retomando o pensamento de Lucia Santaella, doutora em Teoria Literária, as pesquisadoras em ciência da informação, Goulart e Muñoz (2020), colocam que as bolhas informacionais (IB., p. 4) “mantêm os sujeitos cativos às próprias crenças e fechados a ideias novas”. Como resultado, as autoras observaram uma maior disseminação de notícias falsas, as quais não puderam ser desmentidas por causa da sua circulação restrita a bolhas ideológicas. Sob a alcunha de “pós-verdade”, a Verdade⁵ se torna um elemento secundário (SANTAELLA, 2018). Uma Verdade unificada e pautada por comprovações incontestáveis deixa de ser necessária e possível à medida que cada pessoa tem acesso à sua própria verdade.

Voltando à história da peste escarlata, a Verdade ainda pode ser considerada incontestada mesmo em 2073. Assim como o/a leitor/a, os netos do Granser podem contar apenas com a versão narrada pelo sobrevivente. Tanto a inexistência de outras vítimas, quanto de meios de comunicação e livros capazes de expor um outro lado tornam possível a elaboração da Verdade. No caso da Covid-19, a presença de meios de comunicação não imaginados pelo autor de *A peste escarlata*, abriram espaço para a veiculação de informações que, além de serem descompromissadas com as evidências, colocaram em xeque os dados trazidos por instituições governamentais.

⁴ Importante lembrar que nem todas as pessoas puderam cumprir o isolamento social adequadamente. Entre pessoas de baixa renda essa exigência foi praticamente impossível, em grande medida porque seus serviços não foram considerados não-essenciais, como é o caso de empregadas domésticas, porteiros, caixas em supermercados, atendentes em farmácias, garis, ambulantes, etc. (Cf. Tadeu Alencar Arrais et al., 2020).

⁵ Utilizo essa grafia com inicial maiúscula para me referir aos eventos cujo acontecimento pode ser observável e observado no plano concreto, diferentemente da verdade com inicial minúscula que parece ficar restrita ao âmbito do querer pessoal. A lógica que sigo é a de que a verdade existe se eu quiser que exista, enquanto a Verdade existe independentemente de mim.

Além da desconfiança e do desconhecimento em relação às informações oficiais, os novos meios de comunicação permitiram que cada pessoa se sentisse apta a elaborar os acontecimentos a partir do conjunto de dados que lhe chegam por meio da *internet*. Falamos de um protagonismo desempenhado por cada sujeito. Se no passado a veiculação de notícias e a formação de opinião eram realizadas por mídias como rádio, televisão, revistas, jornais impressos e produções acadêmicas, hoje tudo isso é dispensável.

Desde o surgimento das sociedades modernas, ocorre um descolamento entre passado, presente e futuro (NORA, 1993). O desaparecimento da transmissão oral somado ao constante processo de musealização⁶ prejudica a capacidade de conservar e transmitir valores, de assegurar o curso do passado para o futuro ou mesmo de indicar o que deve ser retido do passado para formar a memória coletiva. O que ocorre é que aquilo ‘museificado’, transformado em “memória” durante a ida ao museu, não mais representa memória para Nora. Isso porque a memória no sentido de Halbwachs – a memória coletiva – não implica o estabelecimento de lugares cujo propósito seja nos fazer lembrar. A esses lugares que só servem para evocar algum acontecimento passado, Nora chama de “lugares de memória”.

Funcionando como uma espécie de “novo lugar de memória”, a *internet*, mais precisamente, as redes sociais, tem permitido a formação e difusão de novos tipos de memórias que não se constituem mais pelo “aqui”, mas pelo “agora”. Isso quer dizer que, (CASADEI, 2009, p. 16) “frente a uma tecnologia que possibilita que a interação prescindia do ‘espaço’ e, tomando-se a noção de memória como uma espécie de presença, a memória deixa de ter um lugar real que não seja o tempo presente”. Em outros termos, as mídias digitais tornam possível renunciar a uma interação que se dê espacialmente, para substituí-la por uma que ocorra temporalmente.

No caso de *A peste escarlata*, a memória retomada por Granser não recorre a museus, tampouco a meios de comunicação modernos, como os jornais. Conforme o avô relata, os jornais impressos desapareceram logo nos primeiros dias de pandemia. É justamente a transmissão oral o meio legítimo escolhido para construir a memória dos seus descendentes. O mesmo não se pode afirmar sobre os acontecimentos relacionados à Covid-19. Pensando no uso intenso das mídias e na capacidade destas de funcionarem

⁶ Processo pelo qual a sociedade elege uma variedade de lugares que sejam responsáveis por cultivar as memórias. Podem ser compreendidos por “lugares de memória” (NORA, 1993) e abrangem “festas, monumentos e comemorações, mas também elogios, dicionários e museus” (NORA, 1984, p. VII apud GONÇALVES, 2012, p. 30). No contexto atual, poderíamos dizer que as mídias digitais correspondem aos novos lugares de memória (Cf. Eliza Casadei, 2009; Karinna Miranda, 2022).

como propagadoras de (des)informação, a informação pulverizada cria realidades diversas dificultando a formação de uma memória coletiva, una, compartilhada e imutável (MIRANDA, 2022).

Conclusão: construindo uma memória pós Covid-19

Tal como conta a epígrafe que abre este texto, a peste escarlata não poupou ninguém. Quase toda a população desapareceu, a ponto de Granser se apresentar como um dos poucos sobreviventes. Ao contar sobre seus últimos dias na Terra antes da irrupção de peste escarlata, ele rememora lugares, pessoas, acontecimentos e afetos. Nesse período, o mundo era marcado pela civilidade e pelo uso inteligente das habilidades humanas para controlar a natureza e os seres vivos mais fracos. Passados 60 anos, os humanos veem-se dominados pela selvageria, crueldade e primitivismo. Os animais selvagens são ameaças constantes e a brutalidade dos indivíduos bestializados torna cada um lobo do outro, parafraseando Thomas Hobbes.

Nessa nova realidade, a comunicação só é possível pela oralidade e pela “escrita rude por imagens”. O alfabeto desapareceu levando consigo a habilidade para sentir, planejar o futuro e se relacionar adequadamente. Nesse sentido, Machado (2021, p. 203) coloca que

O que muito nos impressionou na novela [*A peste escarlata*] em pauta, foi o fato dela tocar em nosso objetivo privilegiado de estudos: ela mostra o fim da linguagem e das normas comunicativas. Houve também o fim dos sentimentos: como selvagens, os jovens riam-se dos infortúnios do ancião. Não conseguiam conceber projetos para o futuro; eram mais animais da floresta que seres humanos. Não sabiam mais ler nem escrever: já não existiam mais professores, pesquisadores e muito menos escolas, colégios e universidades. Dinheiro também não existia.

Como consequência direta da inexistência de alfabeto, os meios de comunicação existentes em 2013, como os jornais escritos e as transmissões de rádio, também desapareceram. Consequentemente, os eventos passados dependem da memória de Granser. Quando analisamos a construção de memórias a partir de uma fonte única percebemos os perigos implicados, justamente porque eles eliminam o contraditório. Os estudos sobre mídias digitais e pós-verdade foram didáticos em mostrar como a *internet* viabiliza a formação de um pensamento único.

A situação se mostra ainda mais preocupante quando esse pensamento único se baseia em notícias falsas e/ou deliberadamente inventadas. No caso do conto *A peste*

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

escarlata, tanto os jovens, quanto nós, temos um único ponto de vista formado através das recordações de Granser. Não nos resta outra saída a não ser acreditar na versão contada pelo sobrevivente e, a partir dela, formar nossa própria memória. É verdade que, conforme coloca Halbwachs (1990), não precisamos ter vivenciado *in loco* uma determinada experiência para elaborar o que ele vai chamar de memória coletiva.

Para a construção de uma memória coletiva importa mais que as pessoas envolvidas compartilhem um mesmo estado de espírito e um mesmo contexto e que despertem as mesmas emoções. Para tanto, é importante a criação de símbolos capazes de resgatar o passado, de maneira que ele não seja esquecido e possa desenvolver um papel pedagógico, como aconteceu em Campinas. Nesse sentido, a memória que se forma é uma memória coletiva, cujo acúmulo de experiências se dá pelas trocas sociais, impedindo-a de ser individual.

Justamente porque a memória não é individual, ela precisa ser repassada e alimentada. Tendo isso em mente, é possível dizer que Granser ao (re)contá-la aos netos permite a criação de uma memória coletiva, mesmo que estes não tenham vivenciado os acontecimentos que deram origem a ela. Seria possível dizer o mesmo sobre a realidade brasileira?

É cedo para afirmar categoricamente, uma vez que ainda vivemos as consequências da pandemia de Covid-19 e as nossas lembranças ainda estão em constante formação, mas no limite que o debate sobre memória e mídias digitais nos permite chegar é difícil crer na formação de uma memória coletiva. Isso porque, ao terem contato com mídias digitais que apresentavam diferentes versões sobre a pandemia, a população brasileira fica impedida de compartilhar os mesmos afetos e as mesmas experiências – componentes importantes para a construção da memória coletiva.

Ademais, a impossibilidade de formação desse tipo de memória se deve à disseminação de notícias falsas e ao fortalecimento da pós-verdade. Conforme expus anteriormente, as notícias falsas e a pós-verdade contribuem para o surgimento de um mundo paralelo onde a Verdade não interessa. O que realmente importa é a verdade em que cada sujeito acredita ou quer acreditar.

Segundo Perosa (2017), as notícias falsas se transformaram em verdadeira indústria de alta produtividade, tornando-se terreno fértil para o império da pós-verdade. A autora menciona três fatores que colaboram para isso: (a) a alta polarização política que trabalha contra o debate racional e o apreço pelo consenso até o ponto de colocar os nervos à flor da pele e causar tumulto, principalmente em períodos de campanhas eleitorais; (b) a descentralização da informação, que a internet distribui por muitos canais

de comunicação diferenciados, alternativos e independentes. Isso seria louvável, caso muitos desses canais não se estreitassem em uma agenda política ligada a tendências propagandistas e ideológicas, sem marcar seus compromissos com a informação factual; (c) o ceticismo generalizado do público em relação às instituições políticas e democráticas representadas pelo governo, os partidos e a mídia tradicional (SANTAELLA, 2018, p. 28-29).

Desse modo, cada indivíduo adquiriu a capacidade para se tornar autor da própria história (CASADEI, 2009). Como não podemos falar em uma comunhão de sentimentos e de situações, uma vez que pela difusão e dispersão de notícias falsas e descontraídas, as pessoas vivenciaram a pandemia de Covid-19 das mais diferentes maneiras, a tendência é a de que no futuro tenhamos uma memória mais impessoalizada. Isso significa que essa memória pode se tornar pouco confiável e pouco representativa dos acontecimentos.

À guisa de conclusão, o conto *A peste escarlata* ao mesmo tempo em que mostra como a memória coletiva pode ser formada diante de alguns desafios, como a ausência de outros sobreviventes com os quais se possa conectar afetivamente e a presença de uma versão única dos fatos, a história contada por Granser não ajuda a pensar sobre como se formará a memória da pandemia de Covid-19. Isso porque, diferente do mundo de 2013 da peste escarlata, o de 2019 e seguinte da Covid-19 não teve a sua população dizimada e os meios de comunicação destruídos. Como consequência, temos e teremos diferentes versões sobre os acontecimentos e diferentes experiências pessoais sobre esse período, de modo a tornar difícil a formação de uma memória coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARRAIS, Tadeu Alencar et al. “Celeiros da pobreza urbana: suplementação de renda e isolamento social em ambientes metropolitanos nos tempos pandêmicos”. In: *Vigilância Sanitária Em Debate*, v. 8, n. 3, 2020. Disponível em: <

<https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1609>>.

Acesso em 18 Abr. 2022.

BARCELOS, Thainá do Nascimento de et al. “Análise de *fake news* veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil”. In: *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 45, 2021. Disponível em: < <https://www.scielosp.org/article/rpsp/2021.v45/e65/pt/> >.

Acesso em 18 Abr. 2022.

BERTUCCI, Liane Maria. “A onipresença do medo na influenza de 1918”. *Varia história*, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p.457-475, jul-dez 2009. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/vh/a/RMvQpvnFQ4dvRp946VrxpkS/?lang=pt>>. Acesso em 07 Abr. 2022.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. “Memória que educa. Epidemias do final do século XIX e início do XX”. *Educar*, Curitiba, n. 25, p. 75-89, 2005. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2239>>. Acesso em 07 Abr. 2022.

BRASIL. Portaria nº 356, de 11 de março de 2020. Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 49, p. 185, 12 Mar. 2020.

CASADEI, Elisa Bachega. “Os Novos Lugares de Memória na Internet: as práticas representacionais do passado em um ambiente on-line”. *BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, v. 1, p. 1-27, 2009. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/Casadei_memoria_Internet.pdf>. Acesso em 10 Abr. 2022.

ERLL, Astrid. “Afterword: memory worlds in times of Corona”. *Memory Studies*, v. 13, n. 5, 2020. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1750698020943014>>. Acesso em 18 Abr. 2022.

GONÇALVES, Janice. “Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural”. *Historia*, Rio Grande, v. 3, n. 3, p. 27-46, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3260>>. Acesso em 10 Abr. 2022.

GOULART, Andrea Heloiza; MUÑOZ, Ivette Kafure. “Desinformação e pós-verdade no contexto da pandemia da Covid-19: um estudo das práticas informacionais no Facebook”. *Liinc Em Revista*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2020. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5397>>. Acesso em 10 Abr. 2022.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*; tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HOFFMAN, Bert. “Repressed memory: rethinking the impact of Latin America’s forgotten pandemics”. *European Review of Latin American and Caribbean Studies*, n. 109, jan. – jun. 2020 Disponível em: <<https://www.erlacs.org/articles/abstract/10.32992/erlacs.10677/>>. Acesso em 18 Abr. 2022.

LONDON, Jack. *A peste escarlate*. Rio Grande do Sul: Editora Literatura Clássica LTDA, 2021.

MACHADO, Ida Lucia. “Covid: as reações do ser humano face às pandemias segundo textos literários”. *Revista Linguagem*, São Carlos, v. 35, Dossiê Discurso em tempos de pandemia, fev. 2021. Disponível em: <<http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/879/506>>. Acesso em 17 Abr. 2022.

MIRANDA, Karinna Adad de. “A memória da pandemia: reflexões sobre a construção da memória pós Covid-19”. In: 3º Encontro Internacional História e Parcerias, 2021, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: “A problemática dos lugares”. *Proj. História*, São Paulo, n. 10, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>>. Acesso em 10 Abr. 2022.

Reflexões sobre a pandemia e suas contribuições para o futuro a partir do conto *a peste escarlata*

PERROTTA, Isabella; CRUZ, Lucia Santa. “Objetos da quarentena: urgência de memória”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, Mai.- Ago. 2021.

SANTAELLA, Maria Lucia. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima et al. *Bolsonaro genocida*, São Paulo: Elefante, 2021.

VINITZKY-SEROUSSI, Vered; MARASCHIN, Mathias Jalfim. “Between remembrance and knowledge: The Spanish Flu, COVID-19, and the two poles of collective memory”. *Memory Studies*, v. 14, n. 6, 2021. Disponível em: < <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/17506980211054357> >. Acesso em 18 Abr. 2022.

**APATIA E PANDEMIA: UMA LEITURA DO BRASIL
CONTEMPORÂNEO ATRAVÉS DE *O DESERTO DOS TÁRTAROS* DE DINO
BUZZATI**

CAROLINA CORREIA DOS SANTOS¹

ESTEVIÃO SILVEIRA RENDEIRO²

Em 1940, Dino Buzzati publica *O deserto dos tártaros*, possivelmente, seu livro mais conhecido e aquele que, ironicamente, traz uma atmosfera de desconhecimento em relação à sua própria realidade. De qual deserto se trata? Ele existe? Há, no livro, alusão a um momento histórico definido? Qual seria? Essa ironia nos ativa, no entanto, e buscamos ler a obra aproximando-a da nossa percepção do Brasil, durante a pandemia da Covid-19, especialmente, no primeiro ano, em 2020. Isso porque a contemporaneidade e a fragilidade de seus diagnósticos apresentam complexa liminaridade – os destinos não parecem certos, as fronteiras parecem indefinidas demais. Neste sentido, uma leitura do presente parece ser uma tarefa imaginativa, e tentar apreendê-la por meio de um romance como *O deserto dos tártaros* constitui uma tentativa de imaginar os contornos nebulosos deste presente. Acreditamos que a complexidade do cenário contemporâneo pandêmico se mostra, sobretudo, através de contradições. Por um lado, parece haver uma apatia diante de – mas não só – mais de 650 mil mortos, entre os quais, sabemos, muitos poderiam ter sido salvos. Por outro, observamos uma mobilização de ideias fascistas, negacionistas e que visam a construção de inimigos da pátria, ações levadas a cabo pelo que viemos a conhecer por bolsonarismo. Apatia de um lado e mobilização de outro também parecem organizar o enredo de *O deserto dos tártaros*, dedicado a seguir tanto a inércia quanto as movimentações de Giovanni Drogo, seu personagem principal.

Na obra do escritor e jornalista italiano, o oficial Drogo, alocado pelas forças armadas, deixa sua cidade para servir no forte Bastiani, localizado no extremo norte da terra sem nome onde se passa a narrativa. O forte é a última linha de defesa frente a um extenso deserto que estabelece a fronteira entre a nação local e terras estrangeiras, associadas aos chamados tártaros. Estes são considerados potenciais invasores (por isso a presença de uma estrutura militar) e, apesar de não haver nenhum tipo de evidência de

¹ carolina.santos@uerj.br, professora de Teoria da Literatura da UERJ.

² erendeiro@prof.educacao.rj.gov.br, UERJ, professor de Sociologia da rede pública do Estado do Rio de Janeiro

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

que o ataque virá, a expectativa da investida assombra todos os oficiais destacados naquela base. Drogo trilha um longo caminho até chegar ao destino, inicialmente, sendo acompanhado por um amigo até certo ponto do trajeto, para então, continuar sozinho, perder-se e depois ser encontrado por outro personagem, o Capitão Ortiz, que o guia. A jornada, apesar de descrita com bastante objetividade, traz para a superfície a morosidade, a hesitação e a solidão que irão permear boa parte da narrativa.

Alguém poderia pleitear que a narrativa se passa em uma Itália imaginária, baseando-se nos nomes de alguns personagens e na origem do autor. Já aqui, poderia haver algum estranhamento a respeito da escolha em aproximar esse texto-lugar do Brasil. Mas a obra não cessa de reforçar sua indefinição de espaço e de tempo. A Itália conta com uma estepe que recebe o nome de deserto, o Deserto de Accona, uma paisagem semi-árida localizada na região central da Toscana, sem qualquer contato fronteiriço com outro país, diferente do que evoca o cenário em torno do forte Bastiani.³ Os nomes dos personagens que vão surgindo destoam uns dos outros, como se desafiassem intenções de mapeamento, de modo a confundir ou dissuadir o leitor de perder tempo nessa tentativa. Nem mesmo um crítico tão atento à alusão ao local quanto Antonio Candido, em seu ensaio *Quatro esperas*, fora capaz de situar o livro em qualquer lugar definido. O deserto dos tártaros, portanto, vai se constituindo a partir do nosso olhar e vai se estendendo até onde nossa vista alcança.

A narrativa começa na partida de Drogo para o forte, rumo à sua adaptação à nova rotina, à qual ele se submete a contragosto, mas receoso em demonstrar fraqueza caso pedisse para deixar o posto. Aos poucos, o formalismo militar que delimita a realidade dele e de seus companheiros vai se entranhando na vida de todos, criando um hipnótico ordenamento do cotidiano desafiado (ou mesmo incrementado) apenas pela ameaça imaginária dos tártaros. Toda aquela ordem, toda a estrutura rígida de trocas de guarda e funções, respira e persiste a fim de vivenciar o glorioso e caótico momento em que tudo aquilo finalmente se provaria pleno de propósito: a grande batalha contra os invasores, arrebatando os oficiais do tédio e do anonimato e inserindo-os na história como heróis de guerra. A questão é: os tártaros virão? A vida (o livro) irá coroar suas (nossas) apostas?

Enquanto esperamos por alguma resposta, o tempo escorre para nós e para Drogo, quase sempre sem ser notado. Um alfaiate que trabalha no forte chega a avisá-lo: “(...) é uma espécie de doença, tenha cuidado o senhor, tenente (...) Vá embora quando puder

³ Disponível em: <https://www.itinari.com/pt/the-accona-desert-in-tuscany-ruft>

Apatia e pandemia: uma leitura do Brasil contemporâneo através de *o deserto dos tártaros* de Dino Buzzati

para não pegar a mania deles!” (BUZZATI, 2017, p. 43). Na época do aviso, Drogo, descobrindo que o fascínio pela rotina era provocado por imaginárias expectativas de guerra, considerou-se inatingível pela doença de seus companheiros, mantendo-se decidido a partir. Porém, não muito tempo depois, estaria também aprisionado pelo insidioso desejo de ficar, talvez nem tanto para assinar seu nome na história da suposta batalha vindoura, mas por ter sido vencido por um “amor doméstico pelos muros cotidianos” (BUZZATI, 2017, p. 56).

De certa forma, Drogo parece nos ensinar que para sobreviver ao choque de realidade que nos assediou a todo instante durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, recorreremos aos muros do cotidiano. Refúgios que nos protegem de outros muros: muros das estações, dos pontos de ônibus, dos transportes lotados para aqueles que não contaram com a opção de ficar em casa. Muros de notícias falsas. Muros hospitalares, para os muitos que tentaram se proteger e para os que não conseguiram. Muros dos cárceres internos, abarrotados e desumanos. Muros do cárcere externo, da invisibilidade das ruas, da indignação, da fome em meio à doença. Entre todos esses muros, dividimos espaço com a solidão, com a espera e com ilusões e decepções.

Nas escolas públicas, esses muros receberam novos matizes de indiferença com a implementação do ensino remoto, numa grande farsa de acessibilidade de ensino para comunidades notadamente carentes de equipamento e internet, tal como revelou a pesquisa TIC Educação 2020, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. De acordo com esses dados, 95% das escolas estaduais e 93% das municipais enfrentaram fortes obstáculos para acompanhar as aulas virtuais, sobretudo, em áreas mais rurais e periféricas do país, o que representa um agravamento das desigualdades sociais, já bastante acentuadas nestas regiões.⁴ Nas universidades públicas, os desafios foram semelhantes para os alunos que se encontram em situação de vulnerabilidade social, ainda que, para fins de inclusão digital e permanência estudantil, bolsas de auxílio emergencial foram oferecidas nessas instituições, cujas ações afirmativas se mostraram mais presentes se comparadas à precarização sofrida pelos segmentos da educação básica.

Quando buscamos uma visão em maior escala de tudo que tem ocorrido, desde que a OMS, em março de 2020, declarou a COVID-19, oficialmente, como pandemia, conseguimos entender o estranho afeto que Drogo desenvolve pelo Forte Bastiani, uma

⁴ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-08/pesquisa-aponta-falta-de-equipamento-como-dificuldade-no-ensino-remoto>.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

vez frustrada – e por ele mesmo - sua tentativa de se livrar dele. A falta de percepção da efemeridade da vida, o desejo de estabilidade, de continuidade, de um amanhã que não vai, de uma hora para outra, destruir os seus e os nossos planos. O compreensível apego, afinal, à alguma zona de conforto com a qual possamos contar. Um tipo de dormência, arriscamos, que permeia distintos estratos sociais, ainda que por “zona de conforto” (esse estado psicológico estacionário) estejamos nos referindo, sobretudo, à parte da população que pôde dispor de, efetivamente, algum conforto - o que não se estende a todos, dadas as circunstâncias sociais avassaladoras às quais boa parte de brasileiros estão submetidos. Os efeitos se encontram na naturalização do cotidiano, que nos sugere a continuidade irreflexiva dos nossos afazeres, e o não questionamento de nossas dificuldades ou das dificuldades alheias, diante da impotência em dar solução para todas nossas possíveis aflições.

No decorrer dos parcos acontecimentos durante a vida no forte, uma mancha negra não identificável, em certo momento, surge no deserto e intriga os observadores (entre eles, Drogo), gerando mil especulações. A mancha se aproxima, tornando-se distinguível. É um cavalo selado. A princípio, a presença do animal sugeria que deveria haver, então, um destacamento do outro lado do deserto. Um cavalo haveria se desgarrado do exército inimigo e atravessado boa parte do deserto até as proximidades do forte. Entretanto, um dos oficiais, Giuseppe Lazzari, reconhece o cavalo como sendo seu. Tronk, rapidamente, contrapõe-se a essa possibilidade, mas Lazzari sabia de uma brecha, uma passagem por entre os despenhadeiros, há muito esquecida; tanto que já havia se tornado uma lenda entre os oficiais.

Chega, então, o momento da troca da guarda. Drogo e seus imediatos retornam para a entrada do forte, declarando a senha que lhes confere a permissão para passar, enquanto são substituídos na função por outro destacamento, conforme mandam os regulamentos. Movido pela certeza da fuga do cavalo, Lazzari decide não retornar com Drogo, escondendo-se atrás de uma pedra. Quando o encarregado faz a chamada, nome por nome, alguém responde “presente” por ele, para evitar que fosse prejudicado. Nesta hora, Lazzari já havia partido para buscar o cavalo, constatando, ao chegar, que o cavalo não era mesmo dele. Ainda assim, tratou de levá-lo de volta consigo. Mas havia algo vital que agravaria a sua situação: Lazzari não fora posto a par da senha que Drogo usara junto aos seus imediatos para a realização oficial da troca da guarda. Seus companheiros se deram conta disso, tarde demais. A ordem era para que atrasassem, caso alguém se

Apatia e pandemia: uma leitura do Brasil contemporâneo através de *o deserto dos tártaros* de Dino Buzzati

aproximasse demais sem o conhecimento da senha. Moretto, amigo do soldado, era quem justamente empunhava o fuzil, vigilante, na recepção de quem quer que se aproximasse. “Quem vem lá”, ele pergunta algumas vezes (BUZZATI, 2017, p. 74). Lazzari se identifica sem qualquer formalidade, mas a resposta esperada era a senha. Tronk, observava tudo e, na função de superior, sabia que seria punido de alguma forma, caso afrouxasse as normas. Moretto trocou olhares com o sargento-mor, na esperança de que este o demovesse da função de atirar, o que não ocorreu. “Sou eu, Lazzari! Não está vendo?” (BUZZATI, 2017, p. 75), o soldado vociferava assustado. Não mais como amigo, mas como uma sentinela seguidora de ordens, Moretto dispara. O forte estava acima de tudo; suas leis, “acima de todos”, para ficar com a expressão que tão bem simboliza a (não-)resposta esperada da população brasileira. A palavra-chave que esperavam de Lazzari, no Brasil, não é uma palavra. É o silêncio. O silêncio da necessidade, mas também e, muitas vezes, o silêncio dos autômatos.

Em 1935, cinco anos antes de Buzzati publicar *O deserto dos tártaros*, Walter Benjamin finalizava a primeira versão de seu famoso ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, que seria publicado, pela primeira vez, um ano depois. Nele Benjamin, um judeu alemão que assistia na época a franca ascensão do nazifascismo na Europa, discute os avanços nas técnicas que alteravam a forma de composição e reprodução de obras artísticas, além de, claro, as questões sociais que os circunscreviam. Técnicas, como a da fotografia e do cinema, ostentavam novos paradigmas e alteravam as formas de percepção e de relação com as obras em si e com a realidade. De acordo com Benjamin, a arte, a partir do advento de sua reprodutibilidade, migra de seu valor de culto – específico, religioso, misticamente engajado (como era a função ritual das pinturas rupestres nos primórdios da humanidade) – para seu valor de exposição, com enfoque na disponibilização repetitiva das mesmas obras, em ritmo industrial.

O choque sensorial provocado por diversos estímulos se torna comum nas artes como na realidade. Os sentidos fazem parte do sistema nervoso e este, por sua vez, de acordo com a filósofa Susan Buck-Morss:

[...] não se cinge aos limites do corpo. O circuito que vai da percepção sensorial à resposta motora começa e acaba no mundo. O cérebro não é, assim, um corpo anatômico isolável, mas parte de um sistema que passa através da pessoa e seu (culturalmente específico, historicamente transitório) ambiente. (BUCK-MORSS, 1996, p.19)

Tendo como base esse entendimento holístico das respostas sensoriais do ser humano, a filósofa relaciona essas respostas ao que chama de sistema sinestético, que seria um “sistema estético de consciência sensorial descentrado do sujeito clássico, no qual as percepções sensoriais exteriores se enfeixam nas imagens internas de memórias e de antecipação” (p. 19). Se o sistema sinestético promove nossas interações sensoriais, tivemos que nos adaptar aos efeitos dos choques trazidos pelos avanços da técnica.

Sob uma tensão extrema, o ego emprega a consciência como um para-choques, bloqueando a abertura do sistema sinestético e isolando assim a consciência presente da memória do passado. Sem a dimensão da memória, a experiência se empobrece. O problema é que, nas condições do choque moderno – os choques quotidianos do mundo moderno – responder a estímulos *sem* pensar tornou-se uma necessidade de sobrevivência. (BUCK-MORSS, 1996, p. 21)

A essa resposta de defesa dos sentidos, uma inversão do sistema sinestético, Buck-Morss dá o nome de “anestésica”, cujo objetivo não é a apreensão pelos sentidos, mas o entorpecimento da percepção – o que lesa enormemente a capacidade de responder politicamente aos eventos. No caso do Brasil contemporâneo, talvez possamos imaginar que é esta incapacidade que observamos diante da morte de mais de meio milhão de brasileiros. O adormecimento político diminuiu qualquer possibilidade de revolta e mobilização na medida em que também nos amparou da frustração diante da impotência em solucionar problemas sensíveis rapidamente. Crimes e violências institucionais são cometidos diariamente contra a população, como no caso da precarização dos hospitais públicos em plena pandemia; a frouxidão na fiscalização de espaços que promoveram a proliferação do vírus; a morosidade na compra das vacinas – compra essa cercada de negócios escusos como demonstrou a CPI da Pandemia; o estímulo, por parte do próprio governo federal, ao uso de medicamentos como a Hidroxicloroquina e a Ivermectina, sem eficácia comprovada cientificamente; a insubstancial assistência econômica na forma de parcos 600 reais de auxílio emergencial, concomitante com o aumento abusivo do preço da carne, do arroz e do feijão nos mercados, gerando cenas dantescas de famílias em situação de insegurança alimentar à espera de doações de osso. Foram páginas e mais páginas do nosso folhetim de horror, que acompanhamos a contragosto, enquanto lutávamos para sobreviver.

Para Susan Sontag, em *Diante da dor dos outros*, a apatia ou anestesia moral diante de imagens de sofrimento, conforme adiantamos, não é o esvaziamento de sentimentos, e sim, a manifestação difusa da raiva e da frustração diante da

Apatia e pandemia: uma leitura do Brasil contemporâneo através de *o deserto dos tártaros* de Dino Buzzati

impossibilidade imediata de mudar o quadro gerador de tais reveses. Essa passividade forçada diante do problema é o que, segundo Sontag, embota nossas reflexões e nossa empatia.

Mas há, ainda, sua sugestão de que fazemos parte de uma sociedade do espetáculo para explicar a apatia. Ou seja, uma sociedade que torna nossas dores e sucessos produtos de uma espécie de *reality show* nos diz muito sobre o possível protagonismo dessa apatia. Sontag sugere o espetáculo, mas chama nossa atenção para a dificuldade da generalização dessa percepção:

Dizer que a realidade se transforma num espetáculo é de um provincianismo assombroso. Universaliza o modo de ver habitual de uma pequena população instruída que vive na parte rica do mundo, onde as notícias precisam ser transformadas em entretenimento. (...) Supõe que todos sejam espectadores. De modo impertinente e sem seriedade, sugere que não existe o sofrimento verdadeiro no mundo. (SONTAG, 2003, p. 92)

Sabemos que há problemas em algumas dessas colocações, quando tratamos do Brasil contemporâneo. Há, ali, uma associação “muito tranquila” entre a população instruída e a situação econômica favorável, o que sabemos não ser sempre o caso. O Brasil nos dá provas constantes de que o termo “elite” diz mais respeito à condição econômica de um setor do que ao seu possível esclarecimento, bom senso ou grau de instrução efetivo. De qualquer modo, é possível identificar nesse espectador da realidade que Sontag recrimina aquela que, no senso comum, costuma ser a “classe média”. “Classe” que poderia, supostamente, contar com a possibilidade da passividade. A própria eleição de Bolsonaro, entretanto, parece indicar a dificuldade de determinar se há protagonismo desta ou daquela categoria social na ascensão do tipo de (não)política praticada pelo bolsonarismo. O grande trunfo do capitalismo neoliberal parece ter sido a dissolução da ideia categórica de “classes” e a massificação indiscriminada de suas perspectivas. O espetáculo e o papel de espectador estão postos para todos.

Mas, e quanto às escolhas feitas dentro dessa redoma de apatia? Que dizer das razões que não apenas explicam o amortecimento psíquico ou a frustração e o tédio da passividade, mas revelam um flerte ativo com o fascismo? Voltemos mais uma vez ao deserto.

No capítulo XIV do livro de Buzzati, surge um sinal no deserto que, aos poucos, é distinguido como uma fileira de homens devidamente armados movendo-se em fila indiana. O aparecimento de tais soldados gera, como era de se esperar, uma grande

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

comoção no Forte. Um dos personagens, o coronel Filimore já ensaia seu discurso anunciando a guerra esperada. A expectativa se eleva para então quebrar-se quando descobrem se tratar de um destacamento trazendo uma mensagem da cidade, a mando do chefe do Estado-Maior, com a incumbência de que terminassem a demarcação das linhas de fronteira num trecho ainda não contemplado nas montanhas próximas. O coronel, então, envia um número de homens para completar a tarefa, sob o comando do capitão Monti, acompanhado pelo tenente Angustina e um sargento-mor.

À medida em que avançam na jornada, a narrativa nos expõe aos incômodos e pensamentos do capitão para com o tenente. Angustina é descrito, de acordo com a visão de Monti, como um sujeito arrogante por sua constante demonstração de resistência mesmo diante do cansaço, do ferimento nos pés em função do uso de botas inadequadas, dos revezes do clima local e do terreno acidentado - os quais ele disfarça performando indiferença nas palavras e nos gestos. Até que, em um determinado ponto da subida íngreme rumo ao topo do desfiladeiro, a tropa se alvoroça quando percebe que os homens do Norte já haviam chegado primeiro ao cume. Os homens do Norte, olhando para baixo, 12 metros acima de onde estavam os homens de Monti, ofereceram-lhes cordas para subir, como forma de provocação e atestado de derrota.

Angustina e os soldados recusam “a ajuda” e, cansados, decidem permanecer por mais tempo no local, onde a neve começava a cair naquele momento. O tenente, então, de modo a realizar mais uma de suas demonstrações de força, resolve jogar cartas, totalmente exposto às intempéries, no intuito de fazer figura aos que dele escarneciam. Já não seria mais possível, devido ao clima, ir embora de onde estavam; teriam de se abrigar por um tempo. Os do Norte, em contrapartida, já tendo conquistado o seu objetivo, partiram dali. Angustina insistia em sua performance de resistência, ignorando os comandos do capitão. Alegava que os homens do Norte, portando suas lanternas ao longe, ainda podiam ver que estavam lá – o que para ele justificaria a permanência da encenação. Sua insistência, como era de se esperar, levou-o à morte com um sorriso no rosto, tendo proferido como suas últimas palavras uma proposição incompleta e enigmática: “Amanhã precisaria...”. Em uma mistura de inquietação e admiração, o capitão Monti pergunta-se o que viria a seguir na frase. Ainda que invejasse a altivez daquela morte, a morte honrosa de um soldado interpretada como o resultado de uma espécie de batalha, tinha à espreita a ausência de palavras que poderiam ser, segundo Monti, “talvez uma esperança absurda, talvez até mesmo nada.” (BUZZATI, 2017, p. 104).

Apatia e pandemia: uma leitura do Brasil contemporâneo através de *o deserto dos tártaros* de Dino Buzzati

Há uma linha, por vezes tênue, entre o que pode ser lido como heroísmo, abnegação ou, simplesmente, tolice. Não só no Brasil, mas em toda parte, assistimos, durante a pandemia, a inúmeras medições de força com a morte – seja a dos profissionais de saúde, lutando contra a desinformação, enquanto perdiam vários pacientes; seja a dos discursos negacionistas e de movimentos antivacina, agravando criminosamente os riscos de contaminação por meio de teorias conspiratórias, estímulo ao uso de medicamentos e métodos de tratamento ineficazes ou, mesmo, pela crença na superioridade de seu sistema imunológico. Em maio de 2021, a CNBC disponibilizou uma matéria sobre o avanço desses discursos desde o início da pandemia e sobre como o *Facebook* estava tomando medidas em relação a disseminação e utilização de filtros para as fotos de perfil, nos quais era possível encontrar mensagens como *I trust my immune system* – “eu confio em meu sistema imunológico”⁵. Os atores dessas narrativas fazem lembrar do tenente Angustina: antes morrer que dar o braço a torcer. Frases, gestos e negações repetitivas que se traduzem em uma perigosa concepção - “minha perspectiva ou nada”.

A reprodução dessas concepções, no Brasil, demonstrava-se nas falas insidiosas de inúmeros influenciadores digitais e lideranças religiosas e políticas locais. Segundo uma matéria do G1, o Fato ou *Fake*, serviço de *fact checking* do grupo Globo, publicou mais de 500 checagens sobre a Covid-19, detectando notícias falsas que disseminavam desinformação sobre tratamentos ineficazes que, eventualmente, levavam os crédulos a óbito. Segundo ainda o mesmo grupo de jornalismo, em janeiro de 2021 o Ministério Público Federal determinou que o Ministério da Saúde esclarecesse a população sobre a ineficácia das sementes de feijões com supostos poderes curativos contra o coronavírus, comercializados entre R\$100,00 e R\$1.000,00 pela Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), sob o comando do pastor Valdomiro Santiago de Oliveira. De acordo com o MPF a ordem não foi cumprida e tudo o que o Ministério da Saúde fez foi disponibilizar em seu *site* oficial, recomendações genéricas sobre alimentação saudável e a necessidade de atenção às orientações médicas, sem mencionar explicitamente os tais feijões.⁶

Quanto ao próprio governo federal e os políticos e partidos que o endossam, estes foram também grandes agentes influenciadores do negacionismo entre a população brasileira. A tenebrosa frase proferida pelo Presidente da República, de que a pandemia

⁵ Disponível em: <https://www.cnn.com/2021/05/14/facebook-races-to-remove-anti-vaccine-profile-picture-frames.html>

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/05/justica-determina-pela-2a-vez-que-ministerio-da-saude-informe-se-feijao-do-pastor-valdemiro-santiago-cura-covid-19.ghtml>

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

não era mais que “uma gripezinha” apela, de um lado, para o patético culto à virilidade próprio ao discurso do militarismo, de outro, empurra os incautos à morte em prol da falaciosa ideia de prevenção do colapso da economia.

Na fala do presidente podemos encontrar “a ilusão narcisista do controle total” (BUCK-MORSS, 1996, p. 15) que causa fascínio no homem moderno, adepto do discurso “viril” que vemos exacerbado na figura do presidente do Brasil. Esse fascínio teria origem no suposto enfrentamento da natureza por parte do ser humano; o confronto com forças que, por um sentido de autopreservação, seriam naturalmente temidas. Para suplantar esse temor e se bastar por completo, o indivíduo tem de se afastar de tudo que os sentidos provocam – ou seja, recriar em si mesmo o tipo ideal do sistema anestético. O protótipo do personagem que surge da anestesia dos sentidos é o guerreiro/estadista/general kantiano (o homem que não sente) com sua suposta impermeabilidade aos perigos (BUCK-MORSS, 1996, p. 16). Este, performaria dignidade e projetaria miragens para o público, que anseia por um modelo a ser reproduzido. Encontramos, ainda que tangencialmente, uma possível explicação para o apego que ainda parece permear a relação entre uma parte expressiva dos brasileiros e o presidente da república que, em tantas ocasiões, menosprezou o sofrimento e a morte.

Simultaneamente a tudo isso, pesados e escusos investimentos foram feitos em medicamentos ineficazes para compor o chamado “kit Covid”, insistentemente usado, por exemplo, nas UTIs da operadora de saúde Prevent Senior - escândalo deflagrado na CPI. Os riscos se potencializaram pelo uso de tais medicamentos e muitos pacientes vieram a falecer, como resultado. No entanto, podemos dizer também que há nisso um outro objetivo político e estratégico de fundo, como colocam os professores Carolina Correia dos Santos e Luciano Nuzzo:

O constante convite do presidente para reabrir lojas e escolas, com o argumento que a morte é o destino de todos e não pode ser evitado, não se justifica apenas pela preocupação de reativar a economia, mas pela necessidade de garantir a “contenção social” da multidão como condição da vida cotidiana “normal”. (SANTOS; NUZZO, 2020)

Eis aí, mais uma vez, a bala da “normalidade” que atingira a cabeça de Lazzari. A política que decide como as pessoas devem viver e como ou quando devem morrer, ao que o filósofo camaronês Achille Mbembe (2020) deu o nome de *necropolítica*, título e expressão adequada para sinalizar o tipo de política que já se tornou norma no Brasil e no

Apatia e pandemia: uma leitura do Brasil contemporâneo através de *o deserto dos tártaros* de Dino Buzzati

mundo; uma que nivela a vida humana abaixo do capital e daquilo que decidirem se tratar da ordem social vigente, estendendo as dimensões do abismo social que já existe.

Passados quatro anos, Drogo decide tentar nova transferência de posto. Retorna à casa para ter com o comandante da divisão e, nesse meio tempo, perambula pela cidade e pelos cômodos de onde costumava morar, tentando encontrar qualquer pedaço de si perdido pelo caminho. Já não reconhece mais as coisas como antes e sente como se aquele lugar também já não o reconhecesse. Reencontra Maria, um amor do passado, sem saber o que dizer a ela e vice-versa. Ambos à espera de uma palavra ou uma atitude que pudesse libertá-los da letargia de seguir a vida como um barco à deriva. As palavras não vêm, despedem-se e Drogo segue para o gabinete do general.

Quando pensamos em isolamento social, talvez não pensemos imediatamente nos pedaços que possamos ter perdido pelo caminho da sobrevivência. Viver é muito diferente de sobreviver. No afã de manter alguma sanidade mental, desgastamos nossa subjetividade e nossos corpos, o que pode ser verificado no vertiginoso aumento de 93,9% nas vendas *online* de bebidas alcoólicas no país e no aumento de ocorrências psiquiátricas que carecem de tratamento, certamente dificultosos para a condição socioeconômica da maior parte de nossa sociedade.⁷

Na mudança de perspectiva ou na euforia para que tudo volte a ser como antes, sem a certeza de que isso é mesmo possível, confrontamo-nos com frustrações e desilusões. De volta à cidade e ao gabinete, Drogo também descobre que teria de confrontá-las. Lá o protagonista toma ciência de que mais de 20 solicitações de transferências foram notificadas, desfazendo a imagem de que seus colegas estavam presos ao forte por algum tipo de apego ou esperança. De alguma forma até estavam, mas passavam por conflitos internos semelhantes aos de Drogo e mascaravam, na rotina, tais contradições, intimamente alimentando o desejo de sair um dia. Alguns oficiais estavam há muito mais tempo na fila para transferência e, fora isso, havia algumas advertências regulamentares que depunham contra o tenente, fazendo com que perdesse vantagem na ordem de prioridade. Frustrado e sentindo-se enganado pelos companheiros, Drogo voltara ao forte, correndo o risco de permanecer lá pelo resto da vida. Engoliu as injustiças que sofrera sem nada comentar, na expectativa de que um dia receberia retribuição. Se

⁷ Disponível em: <https://pebmed.com.br/consumo-de-bebidas-alcoolicas-cresce-939-na-quarentena/#:~:text=Consumo%20de%20bebidas%20alco%C3%B3licas%20cresce%2093%2C9%25%20na%20quarentena%20%2D%20PEBMED>

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

apegaria, mais que nunca, à ideia de uma invasão inimiga ou qualquer coisa que valesse como pretexto para dar sentido à sua vida.

Um dia, mais uma vez, uma mancha sem forma definida é vista avançando pelo deserto e, devido às inúmeras frustrações anteriores, os homens do forte fingem descrédito no intuito de mascarar profundas expectativas. Luzes tremulam ao longe e são vistas pela luneta de um dos oficiais. Com o passar dos dias, os movimentos se interrompem e a luneta chega a ser proibida por um tempo, a fim de evitar maiores decepções. Até que, tempos depois, as luzes surgem maiores e mais próximas e fica nítida a olho nu, a construção de uma estrada até o forte. Esperava-se que em meses a estrada fosse pavimentada. Foram necessários 15 anos para a sua completude. Outros meses e anos se passariam. Drogo havia se tornado major e, com 54 anos, era assaltado por distúrbios hepáticos e, frequentemente, perturbado por episódios de fraqueza. Fora nesse contexto, finalmente, que os soldados inimigos avançaram.

Uma carta do Estado-Maior confirmara a oficialidade das movimentações e alegava estar enviando reforços ao forte. Uma verdadeira agitação se espalha no coração de todos e Drogo passa mal até desmaiar. Um dia depois, o tenente-coronel Simeoni assumiu o comando do forte e veio ao leito onde estava Drogo informá-lo que uma carruagem estava vindo para levá-lo de volta à cidade. Entorpecido pela própria fraqueza e pela certeza de que não tinha condições de prosseguir na zona de guerra, o major é forçado por Simeoni a se retirar, já que ocupava um quarto que poderia estar sendo usado como enfermaria para três soldados feridos. Sentindo-se descartado, enche-se, mais uma vez, de frustração por depositar anos de sua vida na expectativa de uma batalha que, enfim, não viveria; em um inimigo que sequer chegara de fato a conhecer.

E então, em um quarto de estalagem à meia distância até a cidade e depois de deixar o forte, Drogo sentiu apertar em torno de si o laço de seu próprio desfecho e recuperou suas esperanças quando viu que tinha adiante uma nova batalha e um novo inimigo, desta vez bem mais definido e reconhecível – a morte. A sua. Era com ela que também mediria forças, afinal. Sem saber em que momento exatamente seria levado, à semelhança do tenente Angustina, Drogo se colocava diante do novo inimigo como um velho conhecido, em uma espera que lhe dá a sensação de recobrar sua honradez de soldado e o sentido de toda a sua jornada.

Apatia e pandemia: uma leitura do Brasil contemporâneo através de *o deserto dos tártaros* de Dino Buzzati

Esta experiência, própria do eu que só se compreende como “um” no confronto com o outro, é descrita pelo escritor e filósofo italiano Umberto Eco como o embate com o inimigo:

Ter um inimigo é importante não somente para definir a nossa identidade, mas também para encontrar o obstáculo em relação ao qual medir nosso sistema de valores e mostrar, no confronto, o nosso próprio valor. Portanto, quando o inimigo não existe, é preciso construí-lo. [...] A necessidade é inata também nos homens mais afáveis e amigos da paz. Nestes casos, a imagem do inimigo é simplesmente deslocada para uma força natural ou social que nos ameace de alguma forma e que precisa ser vencida [...]. (ECO, 2011, p. 12-27)

Os homens do Norte vieram, mas continuamos sem saber de quem se tratam. Não sabemos sequer se são de fato os tais tártaros mencionados ao longo de todo o livro e o que significa essa identidade. Durante as eleições brasileiras de 2018, ouvíamos, constantemente, o grito de guerra “a nossa bandeira jamais será vermelha”. O inimigo era, em reprise, o fantasma do comunismo, sempre à espreita, assombrando o imaginário das massas reacionárias e sendo instrumentalizado habilmente pelos políticos conservadores, delirante e deliberadamente. Mesmo diante da desastrosa trajetória do bolsonarismo até aqui - e por bolsonarismo, neste ponto, já podemos assumir se tratar da crescente identidade pseudopatriótica associada à narrativa de negação tanto da ciência quanto de qualquer argumento racional que pareça não naturalizar a misoginia, a eliminação da diversidade e a autoafirmação do patrimonialismo e do patriarcado à moda brasileira – há ainda quem clame por sua continuidade. Espinoza (*apud* DELEUZE, 2010, p. 46) pergunta: “Por que os homens combatem por sua servidão como se fosse sua salvação?”, ao que o psiquiatra e psicanalista austríaco-americano Wilhelm Reich responde: recalque e repressão (DELEUZE, 2010, p. 161). O reacionário, que até pouco tempo recalava sua simpatia pelo fascismo, reprimido pelos debates progressistas que causavam seu desconforto, hoje brada sem pudores seu desejo de retornar aos tempos em que esses debates eram silenciados; o tempo em que podia grassar em paz no pasto da irreflexão voluntária. Ele vê na ascensão de figuras como Bolsonaro, sua maior esperança. Nada mais natural, então, que salte em defesa visceral da política bolsonarista – que o libertou de seu recalque – mesmo que isso signifique pregar a si mesmo.

Mal sabiam que um inimigo bem mais concreto construiria a sua rápida estrada para o Brasil, expondo ainda mais as relações mesquinhas e a política ministerial mambembe do governo federal. Em meio à repressiva ordem de militantes engajados em

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

acabar com o comunismo e à apatia social que dava sala à estagnação e ao absurdo, a Covid-19 veio como um agente do caos, cobrando seu preço em vidas e revelando as consequências drásticas da necropolítica, mascarada pela austeridade fetichizada do neoliberalismo. Por outro lado, a pandemia serviu de elemento de contraste para destacar outro vírus, debatendo-se a todo custo, numa verdadeira corrida em raias paralelas ao próprio coronavírus. Para esse vírus, o bolsonarismo, que parece mesmo anterior a quem lhe dá nome, pouco importam as mortes ou quaisquer consequências – o que importa é que agora se descobriu que é possível chegar ao poder e permanecer lá por tempo suficiente para deixar uma cicatriz indelével na história. A falta de celeridade no julgamento efetivo dos temas levantados na CPI mostra aos bolsonaristas que a insurgência da estupidez pode compensar, com uma derrocada ainda a perder de vista, considerando que o fenômeno em si se estende para além da continuidade de sua liderança atual.

Ainda assim, o Brasil e o deserto podem surpreender, mesmo quando tudo parece dizer que não; mesmo que no país as miragens sejam mais frequentes que os oásis. A despeito da proliferação do negacionismo, segundo matéria da BBC, o Brasil contou com uma das menores rejeições à vacina na América Latina, mostrando que, a despeito da sistemática campanha contra a vacinação promovida por Bolsonaro, a tradição de vacinação no país, fruto da ação do SUS ao longo de anos, vingou.⁸ Esses e outros fatores podem virar as chaves de interpretação do país diante daquilo que parecia mais ou menos sedimentado. Como Drogo, somos obrigados a ressignificar a luta.

É possível, assim, tentar somente interpretações precárias do significado da pandemia no Brasil. A aproximação ao romance de Dino Buzzati nos permitiu uma. Mas é pouco provável que consigamos construir análises seguras na areia movediça da contemporaneidade. É preciso sobriedade para admitir que a pandemia não respondeu à esperança de que a relação do homem com seu meio seria diferente. Ela não trouxe consigo respostas definitivas, nem aceitou que fosse delegada a ela a função de reforjar o ser humano. A angústia e o dever de assumir essa responsabilidade continuam existindo, portanto. No entanto, é inevitável alguma espera – que pode tomar toda nossa vida, como tomou a de Giovanni Drogo. Uma espera alimentada pela fé nessa mesma imprevisibilidade dos eventos; pela única certeza que podemos ter: tanto o Brasil quanto

⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59468300>

Apatia e pandemia: uma leitura do Brasil contemporâneo através de *O deserto dos tártaros* de Dino Buzzati

O deserto dos tártaros, tomando emprestadas as palavras de Italo Calvino sobre os clássicos, ainda não terminaram de dizer o que podem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSOCIAÇÃO médica brasileira diz que uso de cloroquina e outros remédios sem eficácia contra Covid-19 devem ser banidos. *Associação Médica Brasileira*, 2021. Disponível em: <https://amb.org.br/noticias/associacao-medica-brasileira-diz-que-uso-de-cloroquina-e-outros-remedios-sem-eficacia-contr-covid-19-deve-ser-banido/>. Acesso em 26 mar. 2022.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: L&PM, 2019.

BUCK-MORSS, Susan. “Estética e anestética: o “ensaio sobre a obra de arte” de Walter Benjamin Reconsiderado” In: *Travessia – revista de literatura*. Ilha de Santa Catarina - UFSC, n°33, p.11-41, ago.-dez. 1996.

BUZZATI, Dino. *O deserto dos tártaros*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

CANDIDO, Antonio. “Quatro esperas” In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*. São Paulo: Editora34, 2010.

ECO, Umberto. *Construir o inimigo e outros escritos ocasionais*. Rio de Janeiro: Record, 2021.

FEINER, Lauren. Facebook races to remove anti-vaccine profile picture frames. *CNBC*, 14 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnn.com/2021/05/14/facebook-races-to-remove-anti-vaccine-profile-picture-frames.html>. Acesso em 16 mar. 2022.

JUSTIÇA determina, pela 2ª vez, que Ministério da Saúde informe se feijão do pastor Valdomiro Santiago cura Covid-19. *G1 SP*, 05 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/05/justica-determina-pela-2a-vez-que-ministerio-da-saude-informe-se-feijao-do-pastor-valdemiro-santiago-cura-covid-19.ghtml>. Acesso em 05 mar. 2022.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

LEITE, Isabela. Caso Prevent Senior: investigações dependem de novos depoimentos, laudos e documentos para serem concluídas neste ano. *Globonews*, 10 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/02/10/caso-prevent-senior-investigacoes-dependem-de-novos-depoimentos-laudos-e-documentos-para-serem-concluidas-neste-ano.ghtml>. Acesso em 14 mar. 2022.

MBEMBE, Achille. *Necropolitica*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

NEVES, Úrsula. Consumo de bebidas alcoólicas cresce 93,9% na quarentena. *PEBMED*, 20 fev. 2021. Disponível em: <https://pebmed.com.br/consumo-de-bebidas-alcoolicas-cresce-939-naquarentena/#:~:text=Consumo%20de%20bebidas%20alco%C3%B3licas%20cresce%2093%2C9%25%20na%20quarentena%20%2D%20PEBMED>. Acesso em 23 fev. 2022.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

SANCHES, Mariana. Brasil é país com menor rejeição à vacina na América Latina, diz Banco Mundial. *BBC News – Brasil*, 29 nov. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59468300>. Acesso em 09 mar. 2022.

SANTOS, Carolina Correia dos; NUZZO, Luciano. “A queda do céu” In: *A terra é redonda*, 2020. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/a-queda-do-ceu/?doing_wp_cron=1642983063.0369200706481933593750. Acesso em: 26 mar. 2022.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SPADONI, Federico. O Deserto de Accona na Toscana. *Itinari*, abril. 2019. Disponível em: <https://www.itinari.com/pt/the-accona-desert-in-tuscany-ruft>. Acesso em 14 mar. 2022.

VALENTE, Jonas. Pesquisa aponta falta de equipamento como dificuldade no ensino remoto. *Agência Brasil*, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-08/pesquisa-aponta-falta-de-equipamento-como-dificuldade-no-ensino-remoto>. Acesso em: 14 mar. 2022.

VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; DOMINGOS, Roney; REIS, Thiago. Vítimas do negacionismo: as mortes causadas pela desinformação na pandemia da Covid-19. *GI*, 18 out. 2021. Disponível em:

Apatia e pandemia: uma leitura do brasil contemporâneo através de *o deserto dos tártaros* de dino buzzati

<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/18/vitimas-do-negacionismo-as-mortes-causadas-pela-desinformacao-na-pandemia-da-covid-19.ghtml>. Acesso em 10 mar. 2022.

ENTRE A FÉ E A VACINA: QUANTO VALE UMA VIDA?

PATRÍCIA GONÇALVES¹
PAOLA PÊSSOA²
DANIELA TAVARES³

Nós estamos desorganizando a vida aqui no planeta, e as consequências disso podem afetar a ideia de um futuro comum – no sentido de a gente não ter futuro aqui junto aos outros seres. Os humanos serem finalmente incluídos na lista de espécies em extinção.⁴

Ailton Krenak

Nos últimos dois anos, acompanhamos os desdobramentos da primeira pandemia do século XXI. Muitas vezes, tivemos nossa paciência e nossa fé na humanidade testadas por atitudes e eventos absurdos, ora dignos de romances picarescos, ora dignos dos mais profundos dramas. Após esse tempo, o consenso a que chegamos entre tudo isso é que foram situações inaceitáveis a essa altura da História da civilização, quando acreditávamos que não era mais possível que pessoas minimamente escolarizadas pudessem retornar a comportamentos presentes em séculos há muito passados. A verdade, entretanto, é que o passado, com suas trevas, está logo ali, na esquina, esperando uma sombra mínima de ignorância para retornar e nos mostrar que Darwin superestimou a capacidade humana de evolução. Nas próximas páginas, buscaremos um pouco de compreensão na literatura, que serve como testemunha, como crítica e como instrumento de reflexão.

Começaremos nosso pequeno ciclo vicioso retornando a um sítio passado, no mais ou menos distante século XVII, através de um romance de Alessandro Manzoni, e veremos como algumas situações ainda hoje se aplicam. Depois, voltaremos ao início do século XX para ver como se deram os eventos da revolta da vacina por aqui e mais umas histórias muito parecidas com eventos acontecidos durante a pandemia de COVID-19, então, encerraremos nosso percurso tentando compreender por que, mesmo com o homem tendo ido à lua, com tantas tecnologias e tanta informação disponíveis, ainda temos tantas pessoas incapazes de compreender certas lógicas da sobrevivência e do respeito à

¹ E-mail: patricialexg@gmail.com . Docente de língua italiana do Instituto de Letras, UERJ.

² E-mail: npaolapessoa@gmail.com . Mestranda em Letras, UERJ.

³ E-mail: dany.trotta22@gmail.com . Graduada em Letras, Universidade UERJ.

⁴ Ailton Krenak: “A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho” - (ufrgs.br).

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

coletividade e, principalmente, como algumas dessas pessoas, formadoras de opinião, conseguem arrebatar tantos seguidores utilizando discursos inacreditáveis e falaciosos.

Parece-nos justo para começar, Caro Leitor que porventura não conheça a obra manzoniana, esclarecer que Manzoni, autor italiano do século XIX, escreveu *I Promessi Sposi*, um romance histórico que retrata, entre os principais temas, a natureza covarde e hipócrita de um prelado, chamado Don Abbondio e a heroica santidade de outros padres, sendo eles Padre Cristoforo e Federico Borromeo. Como pano de fundo, descreve a força indestrutível do amor na relação entre Renzo e Lucia, bem como a luta do casal para que pudessem se encontrar novamente e se casarem, sem as nefastas interferências de Dom Rodrigo, um bandido muito poderoso na região.

O romance faz um desenho do norte da Itália em 1628, durante os duros anos de domínio espanhol. Há interpretações de que o romance seria um ataque velado ao Império Austríaco, que controlava a região na época em que o romance foi escrito, apesar de só ter sido publicada a versão definitiva em 1842. Também é notável a descrição detalhada e precisa da peste que atingiu Milão por volta de 1630. Especialmente quando lembramos que à época não existia Google. Manzoni fez algo que a geração Z, talvez por falta de oportunidade, não costuma fazer: foi a um lugar onde não é permitido falar alto, abriu livros pesados, antigos e cheios de pó e leu página por página em busca de informações que lhe permitissem escrever um romance rico em descrições. Além disso, ao contrário de muitos youtubers e influenciadores, Alessandro Manzoni, ao escrever um romance histórico, preocupou-se, assim como cientistas, em somente escrever e publicar aquilo o que fosse comprovadamente verdade.

Para este texto, faremos um recorte do romance, posto que o que nos interessa é o relato da epidemia, e por isso nos concentraremos em especial no capítulo XXXI do romance, quando Manzoni começa a retratar o que foi a epidemia que se espalhou por todo território milanês com a chegada das tropas alemãs na cidade. Os relatos são de devastação por onde as tropas passaram, mortos nas casas, corpos nas ruas e um número alarmante de mortos pela peste.

Manzoni suspeita, com razão, da omissão e da linha temporal em que os fatos são colocados, já que, por motivos de interesses financeiros e políticos, esses fatos podem ter sido propositalmente confusos em relação às datas que são colocadas e podem ter sido omitidos detalhes e/ou observações importantes de tais fatos. Lembra muito o sigilo de 100 anos que vem sendo imposto sobre alguns fatos ocorridos nos últimos três anos, não lembra? Não podemos também esquecer que os dados de que dispomos hoje sobre o

Entre a fé e a vacina: quanto vale uma vida?

impacto da pandemia de COVID-19 são oriundos de um consórcio organizado pela imprensa, pois em junho de 2020 o ministério da saúde parou de divulgar os dados diariamente⁵, e ainda há que se registrar o ataque muito suspeito de um hacker ao aplicativo ConecteSUS⁶, em que ficam registradas as doses recebidas das vacinas pela população.

O negacionismo que vimos no período da COVID-19, já era algo preocupante no passado e, assim como aconteceu agora, naquela ocasião o obscurantismo e a recusa em admitir a existência de uma emergência sanitária aumentaram ainda mais a gravidade da epidemia. O governador de então não se preocupou em manter as festas públicas para a *importantíssima* festa de aniversário do príncipe Carlos, filho do Rei Felipe IV. Um grande “ajuntamento” não era um problema para ele, assim como não eram um problema as aglomerações para alguns dos governantes atuais, durante a pandemia de COVID-19.

O clima, em geral, no início da epidemia da peste bubônica que afligia a cidade, era de negar de todas as formas a sua existência. Os soldados, servindo diretamente aos interesses dos que detinham o poder na Itália, faziam chacota de quem falasse sobre peste, entre outros abusos. No ano seguinte a este início, com o agravamento da situação, passaram a tomar todas as medidas possíveis quando ouviam sobre um caso de peste. Isso nos lembra a campanha publicitária em fevereiro de 2020, com o título *Milano NON si ferma*⁷: não demorou muito para que o prefeito de Milano, diante da grande disseminação do coronavírus, fosse obrigado a cancelar a campanha e pedir perdão pelas mortes causadas pela COVID-19, em decorrência da sua ignorância e teimosia.

Manzoni narra assim um caso de peste de um soldado que comprara roupas de soldados alemães e procurou abrigo na casa de parentes. Apesar de ter sido internado assim que adoeceu, ele morreu no quarto dia:

O Tribunal da Saúde mandou separar, sequestrar e queimar, na casa de sua família, suas roupas e a cama em que estivera no hospital. Dois serventes que tinham cuidado dele e um bom frade que o tinha assistido também caíram doentes em poucos dias, todos de peste. A desconfiança que se tivera, desde o início, sobre a natureza do mal e as cautelas consequentemente usadas fizeram com que o contágio não se propagasse muito.⁸

⁵ Acesso em 10/02/2022 [Após reduzir boletim diário, governo Bolsonaro retira dados acumulados da Covid-19 do site | Política | G1 \(globo.com\)](#)

⁶ Acesso em 10/02/2022 [Conecte SUS apresenta falhas depois de 3 meses de ataque hacker \(istoedinheiro.com.br\) Sistemas do Ministério da Saúde estão fora do ar após tentativa de invasão | CNN Brasil](#)

⁷ Milão Não para!

⁸ MANZONI, A. *I promessi sposi*. a cura di Angelo Marchese. - Milano: A. Mondadori, 1985. Pp.696-697.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

Mais uma vez, agora pela descrição dos eventos, podemos perceber que, assim como na pandemia de COVID-19, as medidas de prevenção não foram tomadas no momento correto e, mais ainda, foram negadas por interesses políticos, fazendo com que posteriormente se tornasse muito mais difícil o controle da doença que já se espalhara muito mais do que o normal em casos em que a pandemia fora contida de alguma forma:

Assim passou o inverno e a primavera: e já há algum tempo o tribunal da saúde ia representando ao [tribunal] da provisão, o perigo de contágio, que subjugou a cidade, pois tanta miséria atingiu todas as partes dela; e propôs que os mendigos fossem recolhidos em vários hospícios.” (...) “o tribunal de saúde pediu, implorou por cooperação, mas obteve pouco ou nada.⁹

Essas medidas de contenção, entretanto, não eram mais de muita serventia, uma vez que as pessoas já haviam estado em contato com a doença altamente contagiosa. Assim, nesse caso do soldado, as pessoas que estiveram em contato com ele acabaram adoecendo dias depois e morrendo da mesma maneira. E, ainda depois, mais pessoas do mesmo bairro morreram e assim sucessivamente. Poucos nomes de mortos eram sabidos. Os relatos das mortes eram feitos por números apenas, na casa dos milhares.

A maioria dos médicos ainda não queria ou tinha medo de diagnosticar a peste quando visitava algum enfermo, zombava da possibilidade da peste e diminuía sintomas graves dizendo que era apenas algum sintoma comum de doenças normais e corriqueiras da época e do local. Os poucos médicos que estavam convencidos da letalidade da peste e recomendavam o isolamento social, entre outras medidas de prevenção, eram rechaçados pelo público assustado com uma epidemia descontrolada de uma doença desconhecida e sofriam as consequências políticas, no trabalho e no seu cotidiano. Mais uma vez, a arte imita a vida e a vida se inspira na arte: se nos detivermos por um momento a analisar friamente o comportamento humano durante este período pandêmico, veremos que só evoluímos no sentido tecnológico, porque em termos de consciência e empatia, seguimos congelados num looping infinito da idade média.

O artigo “Peste em Milão: Borromeus e difamadores” também cita esses percalços enfrentados pelos médicos que reconheciam a epidemia. O texto cita dois grandes nomes que foram de suma importância para a contenção da epidemia sendo eles: Carlos Borromeo (1538-1584) e Federico Borromeo (1564-1631).

Sobre Federico Borromeo, especificamente, o artigo diz:

⁹ Op. cit. pp. 636-637; 694.

Entre a fé e a vacina: quanto vale uma vida?

A epidemia que teve de enfrentar começou em 1628, quando já tinha 64 anos. Foi favorecida pela estupidez humana, expressa através da falta de jeito e corrupção das autoridades e cegueira médica. Em primeiro lugar, houve a guerra; em segundo, e como consequência, fome e migração para as cidades. A guerra tinha - devemos nos dar ao trabalho de dizê-lo? - causas tão fúteis como sempre e alguns figurões responderam à ambição. [...] Os detalhes de seus nomes e vaidades não podem atrapalhar essa história e basta dizer que em algum momento o Tribunal de Saúde de Milão teve que enfrentar a possibilidade de que tropas alemãs, já na Itália, entrassem nos milaneses, sabendo-se que carregavam a peste, pois ao passarem pelas diferentes cidades, deixavam uma curiosa doença que dizimava as populações, e "os anciões diziam ser a peste, porque já a tinham vivido anteriormente". (...) Apesar de trabalharem com a maior diligência, mais tarde alguns colegas disseram que tinham rancor deles, que tinham "se deixado enganar por um velho barbeiro", desqualificando assim um idoso cirurgião de uma cidade vizinha; é o caso que voltaram dizendo que as mortes se deviam, em alguns lugares, às emanações pútridas dos pântanos, e em outros, aos excessos dos alemães.¹⁰

Sobre a condição da população milanesa e italiana após um período de guerras e doenças influenciadas por tal guerra, Manzoni ressaltará uma grande crise financeira causada pelo ônus militar, pela má colheita e pelas condições da época pouco propícias para o trabalho, se forem levadas em consideração as medidas necessárias para a contenção da epidemia e as medidas também de prevenção da doença. Desta maneira, com a miséria da população já em situação de fome geral, os impostos deixam de ser pagos transformando-se em uma grande dívida pública. Confirmando nossa fala sobre a indiferença política e mostrando os danos que essa causa, quase quatrocentos anos depois, o povo volta a passar fome devido a uma crise econômica gerada por uma doença e por uma guerra, simultâneas. Embora a guerra seja distante da realidade brasileira, a evolução tecnológica a trouxe para perto de nós, hoje, com a globalização, não apenas as facetas positivas são rapidamente compartilhadas, mas também as desgraças. Os governos passam então a serem obrigados a retirar os impostos e assim é feito.

[...] que o fizessem considerar que, por leis, costumes não interrompidos e por decreto especial de Carlos V, as despesas com a peste deviam caber ao fisco e que, na peste de 1576, o governador, marquês de Ayamonte não apenas suspendeu todos os impostos da Câmara, mas deu à cidade uma subvenção de quarenta mil escudos da própria Câmara que, finalmente, pedissem quatro coisas: a suspensão de impostos,

¹⁰ LEDERMANN D., WALTER. *Peste en Milán: Borromeos y untadores*. **Rev. chil. infectol.**, Santiago, v. 20, supl. notashist, p. 89-92, 2003. Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-10182003020200031&lng=es&nrm=iso>. acessado em 20/04/2022.

como se havia feito; que a Câmara desse dinheiro; que o governador informasse ao rei das misérias da cidade e da província; que se isentasse de novos alojamentos militares o território já arruinado pelos que passaram.(...)¹¹

Aqui não houve ainda um aumento de impostos, mas o atraso da correção da tabela de Imposto de Renda, para citar um exemplo, faz com que cada vez mais os contribuintes paguem imposto a mais e a ausência de uma política que equilibre a cotação do dólar contribui para um aumento excessivo na tarifa dos combustíveis. A única sugestão aventada seria uma alteração nos impostos estaduais, o que dificilmente diminuiria o valor dos combustíveis, mas diminuiria a receita dos Estados. Outro fator que contribuiu para a alta dos alimentos e da inflação foi a falta de um estoque de alimentos comprados pelo governo, para ser usado em época de falta de determinados alimentos, pelas razões mais variadas e que levam os tais alimentos a sofrer uma alta nos preços. Isso é algo rotineiro, poder-se-ia dizer anual, e, em outros governos, foi sempre a intervenção governamental que conteve a alta dos preços e o crescimento da inflação, mas, não havendo estoques públicos de alimentos, a única forma de conter os preços é a recusa individual de comprar um tomate cujo preço/kg está em quase R\$22,00.

No romance manzoniano, a situação de histeria se tornou predominante quando a população finalmente aceitou a existência da peste. Havia, até mesmo, um terror que se instaurava quando estrangeiros chegavam à cidade. Nesses casos, por exemplo, a população poderia pedir a prisão dessa pessoa desconhecida por medo da possível contaminação. Ainda em paralelo com o cenário atual, apesar da postura alarmista, muitas vezes o negacionismo tomava conta, principalmente se fosse estimulado pelas autoridades. Dessa maneira, quando eram autorizadas por pessoas que ocupavam cargos de poder, organizavam-se festas tradicionais que previam aglomerações, a população aderiu e participava dessas comemorações, mesmo com os apelos dos profissionais da saúde da época. Os resultados eram catastróficos.

A procissão estava feita. Era imenso, magnífico, luxuoso, atravessava a cidade e das janelas saudosos e doentes saudavam o cadáver do santo. O resultado foi espantoso: no dia seguinte o número de casos cresceu de forma abrupta e massiva, como ninguém poderia imaginar. E embora o Tribunal e Borromeo o atribuíssem à facilitação de um contágio massivo, "pessoa a pessoa", as pessoas diziam que se devia a espalhadores infiltrados, que tinham dispersado pós venenosos. (...) A catástrofe foi total. Os mortos passavam de quinhentos diariamente e o

¹¹ MANZONI, op. cit. P.712,

Entre a fé e a vacina: quanto vale uma vida?

lazareto aumentou de dois mil para doze mil pacientes. Segundo Tadino, a mortalidade chegou a três mil e quinhentos por dia no seu pior momento, e o lazareto chegou a quinze mil¹² pacientes. (...) A maioria da população morreu e o resto ficou empobrecido. A cidade, deserta e dilapidada, as portas e janelas das casas queimadas para combater a propagação, levaria anos para se recuperar.¹³

Nosso Caro Leitor poderia pensar há alguns poucos anos que, com tecnologia disponível ao século XXI, bem como toda a sorte de informações, evidências históricas e científicas a humanidade não repetiria os erros dos milaneses do século XVII, não é mesmo? Até pouco tempo atrás, porém, ignorávamos o quanto o ser humano possui crenças limitadoras, que o conduzem a um caminho para o qual não há volta, a morte. Causar-lhe-ia certamente espécie se disséssemos há alguns anos que em 2020 esse sentimento de negação ainda existiria entre nós e o encontramos representados nas palavras do filósofo Giorgio Agamben, não?

A desproporção de frente àquela que segundo o CNR é uma normal gripe, não muito diferente daquelas recorrentes todo ano, salta aos olhos. Dir-se-ia que, uma vez que o terrorismo foi esgotado como uma causa de medidas excepcionais, *a invenção de uma epidemia* possa oferecer o pretexto ideal para ampliá-las para além de qualquer limite. O outro fator, não menos inquietante, é a condição de insegurança e medo que nesses anos se é evidentemente difundida nas consciências dos indivíduos e que se traduz em um verdadeiro estado de pânico coletivo, ao qual a epidemia oferece ainda uma vez o *pretexto ideal*. *Dir-se-ia que uma gigantesca onda de medo, causada pelo menor ser existente, esteja percorrendo a humanidade, e os potentes do mundo a guiam e orientam segundo os seus objetivos*. Assim, em um perverso círculo vicioso, a limitação da liberdade imposta pelos governos é recebida em nome de um desejo de segurança que foi induzido pelos mesmos governos que agora intervêm para satisfazê-lo.¹⁴

Com a COVID-19, esse pensamento anacrônico tem sido assustadoramente frequente. Devemos, no entanto, lembrar que a resistência a doenças e tratamentos não é novidade no Brasil. A Revolta da Vacina, um fato histórico que consistiu em uma insurreição ocorrida de 10 a 16 de novembro de 1904, em oposição ao programa de vacinação compulsória, sob o comando do Presidente Rodrigues Alves, é um exemplo.

¹² Na obra de Manzoni, o valor mencionado é dezesseis mil do público do lazareto e cerca de duzentas mil pessoas teriam morrido de peste, deixando a população final de Milão, que outrora contava com duzentos e cinquenta mil aproximadamente, em sessenta e quatro mil.

¹³ LEDERMANN D., op. cit. p. 91-92

¹⁴ AGAMBEN, Giorgio. *A che punto siamo?* Macerata: Quodlibet srl., 2020. P. 12. Tradução e grifo nossos. CNR é o *Consiglio Nazionale di Ricerca*, entidade responsável pelos dados relativos aos casos de doenças e, naturalmente, da COVID-19.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

No dia 9 de novembro de 1904, a primeira página do Jornal *A Notícia* anunciava a reprodução do projeto de regulamentação da Lei da Vacina Obrigatória, a qual tinha como autor o médico e sanitarista Oswaldo Cruz, que ocupava o cargo de diretor-geral da Saúde Pública. Embora haja divergentes dados estatísticos, a Revolta da Vacina é considerada o maior motim histórico carioca.

Esse motim nos traz muitas reflexões do que era o Rio de Janeiro há um século, comparado ao que experienciamos atualmente, tanto no âmbito da saúde, quanto no âmbito social. A cidade carioca no início do século XX era conhecida pelos imigrantes como “túmulo dos estrangeiros”. Para reconstruirmos A Revolta da Vacina, é necessário entender que havia um contexto mais complexo, o qual desvendava inúmeras transformações que estavam sendo implementadas. Nesses primeiros anos da nascente República, a cidade-capital do país passava por duas reformas que valem ser destacadas: a sanitária, dirigida pelo médico sanitarista Oswaldo Cruz, e a urbanística, que tinha como responsável o Prefeito Pereira Passos.

Estudos apontam que o texto redigido por Oswaldo Cruz, no qual se reproduz o projeto de regulamentação da Lei da Vacina Obrigatória, traduz um cientista muito autoritário e pouco assertivo. Por consequência disso, a população saiu às ruas e deu início ao motim, houve centenas de presos, mortos e feridos. Esses confrontos entre polícia e revoltosos, conflitos entre opiniões favoráveis e contrárias ao projeto de lei, ocuparam as páginas dos jornais com muitas charges que eram tradicionais à época. Os momentos de tensão e sangue no Rio de Janeiro duraram uma semana, porém, além dos insatisfeitos com o a obrigatoriedade da vacina também havia os descontentes com a atuação do então presidente Rodrigues Alves e prefeito do Pereira Passos. Os descontentes formavam um grupo composto por republicanos radicais, militares, monarquistas e positivistas. Nicolau Shevchenko analisa o episódio em nível histórico e sociológico com palavras de indignação e sensibilidade:

Nunca se contaram os mortos da Revolta da Vacina. Nem seria possível, pois muitos, como veremos, foram morrer bem longe do palco dos acontecimentos. Seriam inúmeros, centenas, milhares, mas é impossível avaliar quantos. A autoridade policial, como seria de se esperar, apresentou números sóbrios e precisos, na tentativa de reduzir uma autêntica rebelião social à caricatura de uma baderna urbana: fútil, atabalhoada, inconsequente. Os massacres, porém, não manifestam rigor com a precisão. Sabe-se quantos morreram em Canudos, no Contestado ou na Revolução Federalista – para só ficarmos nas grandes chacinas da Primeira República? A matança coletiva dirige-se, via de regra, contra um objeto unificado por algum padrão abstrato que retira a humanidade das vítimas: uma seita, uma comunidade peculiar, uma

facção política, uma cultura, uma etnia. Personificando nesse grupo assim circunscrito todo o mal e toda a ameaça à ordem das coisas, os executores se representam a si mesmos como heróis redentores, cuja energia implacável esconjura a ameaça que pesa sobre o mundo. O preço a ser pago pela sua bravura é o peso do seu predomínio. A cor das bandeiras dos heróis é a mais variada, só o tom do sangue de suas vítimas permanece o mesmo ao longo da história.¹⁵

As palavras de Shevchenko também iluminam uma questão atemporal, o negacionismo, que sempre roubou o pódio do vilão, tanto na disputa com a Varíola como com a Covid-19: mesmo havendo a possibilidade de salvação pela vacina, essa crença continua ceifando vidas. Mesmo com a vacina à disposição da população, mais de 100 anos depois ainda há quem recuse a se imunizar e insista em agir desse modo, perpetuando a circulação do vírus.

O século XX foi marcado pela *Belle Époque*, movimento que consistiu num período que visava levar a cidade carioca a alcançar um padrão urbanístico similar ao europeu, tendo o modelo parisiense como meta. No entanto, enquanto existia uma preocupação estética com a paisagem carioca, as epidemias chegavam e as mortes eram registradas. Segundo o censo do IBGE de 1900, a cidade comportava 811.443 habitantes, porém sua rede de água e esgoto eram insuficientes para a demanda; nas ruas, o lixo se acumulava livremente e as moradias, conhecidas como cortiços, estavam sempre superlotadas. Tínhamos no Rio da *Belle Époque*, portanto, um ambiente propício à proliferação de doenças como a peste bubônica, febre amarela e varíola, referenciadas como grandes carros-chefes de violentas epidemias, além de outras como tuberculose, hanseníase, tifo, sarampo, escarlatina, difteria e coqueluche.

O nome dado ao processo de reforma urbana foi a Regeneração, recebido com muito entusiasmo pela imprensa conservadora. Nessa onda de reformas, as maiores vítimas foram os mais humildes que constituíam a massa trabalhadora e que contavam com subempregos para sobreviver, bem como toda a sorte de pessoas aflitas. Além de dar fim aos seus alojamentos, cortiços e prédios mais antigos foram derrubados, contabilizando 614 habitações, no lugar disso tudo, foram construídas grandes avenidas, praças, jardins e modernos edifícios. Esse processo que mutilou a população carente carioca deu origem à favelização de hoje, pois, sem opção de moradia, essas pessoas migraram para a periferia e morros. Além de dar fim aos seus alojamentos, tudo que

¹⁵ SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina. Mentis insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984. P. 68.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

aquelas pessoas conseguiram juntar com o fruto de seu trabalho, documentos, roupas, pertences, animais, enfim, suas histórias, foram dizimados. Essa manobra autoritária e covarde atingiu aqueles seres humanos em todas as esferas de suas vidas. As medidas tomadas pelo governo foram extremamente desumanas:

Gesto brutal, disciplinador e discriminador, que separava claramente o espaço do privilégio e as fronteiras da exclusão e da opressão. À determinação com que foram conduzidas as demolições, o popularmente chamado bota-abaixo, pode-se acrescentar, em alguns casos, o empenho da desforra.¹⁶

Foi nesse cenário que despontou João do Rio, uma voz que, como nenhuma outra, soube narrar as mazelas da sociedade carioca. O conto “A Peste” é ambientado na cidade do Rio de Janeiro e traz uma narrativa sobre dois amigos, Luciano e Francisco. Com narração em primeira pessoa, o cenário que é construído para o leitor é assombrado pelo terror dos efeitos da varíola. De início, Luciano nega a realidade epidêmica e procura mostrar ao amigo que devem manter suas rotinas normalmente.

Um mês antes ria dessa epidemia. Para que pensar em males cruéis, nesses males que deformam o físico, roem para todo sempre ou afogam a vida em sangue podre? Para que pensar? E Francisco, o meu querido Francisco a que eu amava como a melhor coisa do mundo, pensava todo o dia, lia os jornais, tomava informações. A média de casos fatais é de trinta por dia. Ela vem aí, a vermelha, dizia. E já organizara um regimen, tomara quinino, tinha o quarto cheio de antisépticos, os bolsos com pedras das farmácias para afastar o vírus. Coitado! Era impressionante. Eu bem lhe dizia — Mas criatura, não tenhas medo. Andamos todo o dia pelas ruas, vamos aos teatros. Qual varíola! Vê como toda gente ri e goza. Deixa de preocupações. (...) De manhã, porém, nós líamos juntos, ao almoço, os jornais. Para que mentir? Havia, havia sim! A sinistra rebentava em purulências toda a cidade. Um dia em que passava por uma igreja, Francisco ouviu os sinos a badalar sinistramente. Teve a curiosidade de saber por quem tão tristes badalavam e perguntou a um velho¹⁷

Outra fala de Luciano nos leva a pensar num político, cujo cargo o colocava na função principal no combate à COVID-19, mas a vaidade, a soberba e o desprezo a quem não pertence ao seu pequeno círculo de relações o impediram de assumir essa função e lhe garantiram um espaço de desprezo na História: “Nunca tive medo de moléstias, morre quem tem de morrer.” (DO RIO, p. 59). Naquela época, as palavras de João do Rio deram voz a quem subestimou a doença e se arrependeu. A dor de Luciano retratada ao final do

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ RIO, João do. *Dentro da Noite*. São Paulo: Antiqua, 2002. P. 59.

Entre a fé e a vacina: quanto vale uma vida?

conto evoca-nos sentimentos de dor ao pensar que ainda hoje há quem não trate a vida de toda uma população com o devido cuidado, acreditando que o tempo nos fará esquecer esses dias tão cruéis e que em alguns momentos parecem infinitos.

Então veio-me um louco desejo de chorar, um desejo desvairado. Fiz um vago gesto. O funcionário abriu-me a porta e eu saí tropeçando, descí o morro a correr quase, entre os empregados num vaivém constante e as macas que subiam com as podridões. Um delírio tomava-me. As plantas, as flores dos canteiros, o barro da encosta, as grades de ferro do portão, os homens, as roupas, a rua suja, o recanto do mar escamoso, as árvores, pareciam atacados daquele horror de sangue maculado e de gangrena. Parei. Encarei o sol, e o próprio sol, na apoteose de luz, pareceu-me gangrenado e pútrido. Deus do céu! Eu tinha febre. Corri mais, corri daquela casa, daquele laboratório de horror em que o africano deus selvagem da bexiga, Obaluaíê, escancarava a face deglutindo pus. E atirei-me ao bonde, tremendo, tremendo, tremendo...¹⁸

Contrário ao negacionismo de Luciano, Francisco apresentava-se genuinamente preocupado, mantendo-se informado por meio dos jornais e fazendo uso de quinino e antissépticos com intuito de se precaver do vírus e posteriormente tomou a decisão de se isolar no Corcovado. Um tempo depois, Luciano recebe a notícia que seu amigo havia sido internado. Decide visitá-lo, no caminho se depara com o poder destrutivo da doença evidenciado nas personagens. No hospital, fica frente a frente com um verdadeiro horror, enquanto espera que os funcionários encontrem seu amigo. Essa tensão vai tomando conta da narrativa, levando Luciano a refletir sobre a doença. Francisco é encontrado vivo por um enfermeiro e é comunicado que ele irá sobreviver, o diretor tenta convencer Luciano a ir para casa, mas ele insiste em ver o querido amigo, por quem nutria grande estima. Chegando no quarto, Luciano surpreende-se com os efeitos devastadores da doença estampados no rosto do amigo. Aterrorizado, deixa o hospital contaminado pelo pavor e finalmente acreditando na existência da doença. Ao final da história, já no último parágrafo, após uma mudança brusca no foco narrativo, um narrador diferente anuncia ao leitor a contaminação de Luciano e que se encontra em isolamento social:

Faço um esforço, salto. E vou. Vou devagar, vou não querendo ir. A impressão de fim, de extinção violenta! Aquele recanto, aquele hospital com ar de cottage inglês aviltado por usinas de porcelana, é bem o grande forno da peste sangrenta. Como deve morrer gente ali, como devem estar morrendo naquele instante. Desço a rua atordoado, com um zumbido nos ouvidos. O mar é um vasto coalho de putrefações, de lodo que se bronzeia e se esverdinha em gosmas reluzentes na praia morta. O chão está todo sujo, e passam carroças da Assistência, carroças que vêm de lá, que para lá vão. Quase não há rumor. É como se os

¹⁸ Idem, p. 62.

transeuntes trouxessem rama de algodão nos pés. Só as carroças fazem barulho. E quando param — como elas param! — é o pavor de ver descer um monstro varioloso, desfeito em pus, seguindo para a cova. (...) *E Luciano Torres, após a narrativa, caiu-me nos braços a soluçar. Era de noite e foi há dois dias. Ontem vieram dizer-me que Luciano Torres, meu amigo e colega, fora conduzido em automóvel da Assistência do seu elegante apartamento das Laranjeiras para o posto de observação. Está com varíola.*¹⁹

Uma nova aurora?

Muitos acreditaram ingenuamente que a pandemia seria ocasião de mudança de paradigmas, que as coisas seriam postas no seu devido tamanho, que a vida seria mais importante que o dinheiro e que valores mais nobres como a solidariedade aflorariam nas várias sociedades ao longo do planeta. Mais de dois anos passados, acreditamos que já tivemos tempo suficiente para dar-mo-nos conta de que esse sonho não se realizará. O egoísmo e o negacionismo estão aí batendo violentamente em nossas faces. Não podemos dizer que “a economia em primeiro lugar” foi a posição vencedora, porque o vírus deu um tapa no rosto de muitos. Inclusive alguns que ironizavam os cuidados com a vida em primeiro lugar pereceram ante a força do vírus. Alguns negacionistas tiveram tempo e coragem de rever suas posições e mudar de lado, não sem serem perseguidos e ameaçados, quando não foram francamente convidados a ocultar sua mudança de opinião em prol de uma batalha política suja e genocida²⁰. Outros, precisaram passar pelo inferno da infecção para compreender o próprio erro²¹.

A ideia da economia, por exemplo, essa coisa invisível, a não ser por aquele emblema de cifrão. Pode ser uma ficção afirmar que se a economia não estiver funcionando plenamente nós morremos. Nós poderíamos colocar todos os dirigentes do Banco Central em um cofre gigante e deixá-los vivendo lá, com a economia deles. Ninguém come dinheiro²².

Em relação à economia e direitos individuais, um dos nomes que muito nos chocaram foi o já citado mais acima, Giorgio Agamben. Todos os textos publicados em seu pequeno livro são um choque para quem vive de fato a realidade da pandemia, sem

¹⁹ Idem, p.59-60; 62.

²⁰ Acesso em 10/02/2022 [Na Itália, médico ex-líder antivacina se diz arrependido e com 'culpa' \(uol.com.br\)](#)

²¹ Acesso em 10/02/2022 [Após quadro grave de COVID-19, líder antivacina afirma que vai se imunizar - Internacional - Estado de Minas](#)

²²KRENAC, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2020. pp. 6-7.

Entre a fé e a vacina: quanto vale uma vida?

escondê-la sob mentiras e sem enxergar nas necessárias medidas de proteção à vida um instrumento de golpe político.

Vamos supor que todo o planeta adotasse essa mentalidade negacionista e tivéssemos vivido normalmente os últimos dois anos, trabalhando, saindo para encontros com amigos e amores: como estaríamos diante das mortes que certamente teriam acontecido e poderiam ter sido evitadas²³? Como sobreviveríamos ao remorso de termos podido evitar essas mortes e não as termos evitado porque nossos direitos individuais precisavam ser protegidos a qualquer custo? Quantos milhões de mortos a mais teríamos hoje? A queda no número dos mortos é a prova de que as vacinas funcionaram. Quantos teriam perecido até que elas chegassem às nossas mãos se não nos tivéssemos resguardado? E, sobretudo, quem teria sido mais atingido por essa doença? Certamente os pobres, por estarem mais expostos, por viverem numa perene insegurança alimentar, que cresceu muito nos rincões mais pobres por obra de governos negacionistas, aqui e em outros países, sem saneamento básico e por viverem em construções dotadas de cômodos pequenos e em número insuficientes para um correto isolamento daqueles que precisavam sair para garantir o mínimo sustento e os mais idosos, os doentes e os imunossuprimidos.

No penúltimo capítulo, dedicado aos estudantes e datado de maio de 2020, Agamben atinge implacavelmente duas classes que pouco puderam decidir durante a pandemia e usa palavras pesadas para exprimir uma opinião equivocada sobre o ensino à distância:

²³Na Itália, em 10 de janeiro de 2020, os idosos já morriam em grande número, já se aproximando dos 140 mil. Dos 138.099 mortos, apenas 1.473, tinham menos de 50 anos, 5.113, entre 50 e 59 anos e 14.398 tinham entre 60 e 69 anos. A faixa etária com mais mortos era a de 80 a 89 anos, com 55.338 mortos. Se no Brasil ainda não tínhamos um número de mortos que suscitasse alerta, na Itália, a ‘epidemia de gripezinha’ já mostrava a que vinha. Ainda assim, naquele momento, é possível compreender um ceticismo em relação ao potencial da pandemia que se iniciava. Hoje, 27 de março de 2022, constam entre os dados oficiais 159 mil mortos (taxa de morte de aproximadamente 1,15%), apesar de terem tido até hoje 14 milhões e 300 mil infectados. Ou seja, o auge das mortes foi durante o período anterior à vacinação e antes da adoção do isolamento social. Comparando ao Brasil, que hoje conta com mais de 29 milhões e 800 mil infectados, mais de 600 mil mortos (e uma taxa de morte de aproximadamente 2,3%), a caminho dos 700 mil, e onde todas as medidas de contenção da transmissão foram sistematicamente ignoradas ou mesmo francamente desrespeitadas e desafiadas, há de se considerar que as medidas que foram implementadas na Itália funcionaram. Claro que são países diferentes no tamanho do território e da população, bem como na idade média populacional, mas o percentual de mortes obtido pelo cálculo de mortos por infectados e considerando que o nosso pior período foi quando a vacinação já estava sendo implementada, nos mostra que uma população, ao se unir por um objetivo, não está necessariamente renunciando aos seus direitos fundamentais, nem à sua liberdade. Olhando os números de um país com população e território próximos do Brasil, os Estados Unidos, vemos que essa argumentação não se sustenta, pois com um total de 79 milhões e 800 mil infectados e 975 mil mortos, seu índice de mortos foi de pouco mais de 1,2%. Dados obtidos no site: [Caratteristiche dei pazienti deceduti positivi all'infezione da SARS-CoV-2 in Italia \(iss.it\)](https://www.iss.it/it/Caratteristiche-dei-pazienti-deceduti-positivi-all-infezione-da-SARS-CoV-2-in-Italia), consultado em 13/02/2022.

- 1) Os professores que aceitam – como estão fazendo em massa – submeter-se à nova ditadura digital e dar os seus cursos somente on-line são o perfeito equivalente dos docentes universitários que em 1931 juraram fidelidade ao regime fascista. Como aconteceu então, é provável que somente 15 em mil se recusem, mas certamente os seus nomes serão recordados junto daqueles 15 docentes que não juraram.
- 2) Os estudantes que amam verdadeiramente o estudo deverão recusar-se a inscrever-se nas universidades assim transformadas e, como às origens, constituir-se em novas *universitates*, dentro das quais somente, de frente à barbárie tecnológica, poderá sobreviver a palavra do passado e nascer – se nascerá – algo como uma nova cultura.²⁴

Não podemos responder por todos, mas nós não juramos fidelidade a fascismo algum, muito pelo contrário, em nossa esfera particular, combatemos as forças que têm planejado a sua instalação já há algum tempo, antes mesmo da pandemia. Dar aulas *on-line* foi o mais duro desafio da pandemia, exigiu uma redescoberta da didática, já que os mesmos procedimentos utilizados por tantos anos não mais serviam. Não bastava apenas apresentar textos e esperar que os alunos cumprissem a sua parte no jogo do ensino, lendo-os em casa e vindo para a aula com dúvidas e provocações. No virtual, o texto literário tomou posse de um lugar que sempre foi seu, mas que muitas vezes foi invadido pelos textos críticos, inclusive do senhor Agamben. A leitura assumiu um novo lugar na sala de aula pandêmica. Quanto aos alunos que amam verdadeiramente o estudo, se já era insultante que o senhor Agamben, do alto de sua provável segurança financeira, se achasse dono do martelo que decide o caráter de pessoas e realidades que ele desconhece, mais ofensivo torna-se ao dizer que os alunos que passaram por inúmeras dificuldades para seguir o ensino on-line em prol de uma formação profissional que lhes permita viver com alguma dignidade não amam o estudo. Suas últimas palavras, sobre a barbárie tecnológica, nos fazem recordar os versos imortalizados pela saudosa Elis Regina:

Você pode até dizer que eu tô por fora
Ou então que eu tô inventando
Mas é você que ama o passado e que não vê
É você que ama o passado e que não vê
Que o novo sempre vem
Hoje eu sei que quem me deu a ideia
De uma nova consciência e juventude
Está em casa guardado por Deus
Contando o vil metal...²⁵

²⁴ Agamben, p. 64.

²⁵ [Como Nossos Pais - Elis Regina - LETRAS.MUS.BR](http://www.lettras.mus.br)

Entre a fé e a vacina: quanto vale uma vida?

Alessandro Manzoni e João do Rio não estão mais entre nós para saber como suas obras impactaram nossas vidas, as emoções que nos despertaram, as lágrimas, sorrisos e angústias que iluminaram nossas faces durante os momentos de leitura. Ficamos curiosos, entretanto, sobre como o senhor Giorgio Agamben se sente agora, em 2022, ao ver que seus piores temores não se concretizaram. Estará ele produzindo um *mea culpa*? O tempo é o senhor da razão e, dentro das nossas possibilidades, todos seremos testemunhas dos atos heroicos e mesquinhos realizados durante esses mais de dois anos. A História colocará cada personagem dessa novela em desenvolvimento no seu devido lugar. Vários personagens políticos adquiriram com sucesso seu lugar na galeria dos negacionistas e genocidas. Esperamos que a varíola do macaco não nos ponha em casa, de castigo, por outros dois anos, mas muito do que vai acontecer em 2023 será determinado pelo número que for digitado nas urnas eletrônicas em outubro de 2022. Tomara que dois anos de educação domiciliar tenha ensinado ao povo que um governante deve antes de tudo ser exemplo para a população lhe concedeu a honra de a representar diante do mundo. E para fechar essa viagem no tempo, talvez nos fosse útil ouvir os povos originários:

Vivemos hoje esta experiência de isolamento social, como está sendo definido o confinamento, em que todas as pessoas têm de se recolher. Se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou da extinção do sentido da nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda. Assistimos a uma tragédia de gente morrendo em diferentes lugares do planeta, a ponto de na Itália os corpos serem transportados para a incineração em caminhões. *Essa dor talvez ajude as pessoas a responder se somos de fato uma humanidade.*²⁶

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGAMBEN, Giorgio. *A che punto siamo?* Macerata: Quodlibet srl., 2020.

Agência Senado. Publicado em: 7. out. 2019. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/fake-news-sabotaram-campanhas-de-vacinacao-na-epoca-do-imperio> Acesso em 16 Abr. 2022.

Censo Demográfico Brasileiro. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:

<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6> . Acesso em 16 Abr. 2022.

KRENAC, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2020.

²⁶ Krenac, op.cit., p. 44.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

_____. [Ailton Krenak: “A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho” - \(ufrgs.br\)](#). Acesso em 13/01/2022.

LEDERMANN D., WALTER. “Peste en Milán: Borromeos y untadores”. *Rev. chil. infectol.*, Santiago , v. 20, supl. notashist, p. 89-92, 2003 . Disponible en http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0716-10182003020200031&lng=es&nrm=iso . Acesso em 20 de Abr. 2022.

SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina. Mentis insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DO RIO, João. *Dentro da Noite*. São Paulo: Antiqua, 2002.

BARRETO, Paulo (Dir.). *João do Rio: a alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1991.

BARRETO, Paulo. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1990.

FIOCRUZ. “A revolta da vacina”. In: *Comunicação e informação*, Notícias. Rio de Janeiro, 25 abr. 2005. Disponível em: [Buscar na Fiocruz | Portal Fiocruz](#). Acesso em 16 Abr. 2022.

MANZONI, Alessandro. *I promessi sposi*. a cura di Angelo Marchese. - Milano: A. Mondadori, 1985.

ECOS PANDÊMICOS: A CEGUEIRA BRANCA NOS TEMPOS DA COVID-19

RENAN MARQUES ISSE¹

MARSEILLE LOPES COSTA²

Introdução

É inegável que a pandemia do novo Coronavírus (Sars-CoV-2) causou situações nunca antes vivenciadas no mundo moderno. O cerceamento da liberdade humana, ainda que por um motivo digno, não foi bem aceito por muitos, pois estes entendiam que se tratava de um ataque às liberdades individuais garantidas pelas Constituições dos países. A excepcionalidade da situação resultou em apelos para que se priorizasse o isolamento social, e, dessa forma, que as pessoas evitassem locais com aglomerações ao máximo possível. Dessa forma, fecharam-se *shoppings*, cinemas, teatros, centros comerciais, bares, restaurantes, escolas, universidades, entre outros serviços. A circulação foi restringida ao mínimo e ao indispensável, atendendo a determinadas portarias decretadas pelo governo.

Giorgio Agamben apresenta, em *Reflexões sobre a peste* (2020), algumas consequências oriundas da privação da liberdade de circulação, a partir do panorama infeccioso que se manifestou na Itália. Com palavras duras e fortemente negacionistas, seu posicionamento reverbera no do presidente do Brasil. O que é irônico, no entanto, é que enquanto o filósofo italiano é um forte crítico do Estado de exceção, o presidente do Brasil é um declarado fã do totalitarismo.

No Brasil, os três níveis de governo (Federal, Estadual e Municipal) foram incapazes de construir uma voz em uníssono. Enquanto algumas instâncias preconizavam o funcionamento normal dos estabelecimentos e da vida nos territórios, outras apelavam ao bom-senso das demais para solicitar um fechamento das fronteiras e dos pontos comerciais como uma tentativa de desestimular a circulação e aglomeração de pessoas em espaços públicos e privados.

Em alguns países, a tomada de decisões foi norteadada por estudos científicos, análise de ocupações hospitalares e estatísticas de transmissão, contágio e número de óbitos para propor a abertura gradual da cidade. Em outros, a pressão de empreendedores, empresários e apoiadores políticos do governo foi o que catalisou as decisões de retomada ao “novo normal”.

¹ E-mail: renanisse18@gmail.com – Doutorando em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

² E-mail: marseillelopes@gmail.com – Mestranda em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Igualmente equivocada foi a forma de controle da epidemia da cegueira branca em *Ensaio sobre a cegueira*. Em um território não especificado na narrativa, Saramago apresenta metodologias de contenção da epidemia que evidenciam procedimentos autoritários, arbitrários e impensados. Tais escolhas, portanto, não se mostraram efetivas na diminuição e no controle do contágio do mal que assola a obra de José Saramago. As decisões tomadas pelo governo, inclusive, favorecem o aumento dos contágios e a infecção dos habitantes daquela cidade.

1. Os direitos inalienáveis do cidadão

A Constituição Federal do Brasil apresenta o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à propriedade e à segurança como direitos invioláveis do cidadão brasileiro ou do estrangeiro residente. No discurso jurídico, tal determinação indica que esses direitos não podem ser alvo de decisões judiciais, ou seja, não podem ser negados aos cidadãos. Vale ressaltar que, apesar de não se expressar sobre quais tipos de liberdade, a Constituição determina, apontamos como exemplos, a liberdade de expressão, de circulação e de crença religiosa. Nesse sentido, ao promulgar decretos que coíbam a circulação do povo, o governo estará violando um direito inviolável.

A pandemia do Covid-19, contudo, colocou o mundo de ponta-cabeça. Após verificar a situação lamentável vivenciada na Itália, em que os profissionais de saúde eram recomendados a priorizar o atendimento aos pacientes menos idosos, pois a probabilidade de se recuperarem da síndrome respiratória é, teoricamente, maior, coube aos médicos a dura decisão de escolher entre a vida e a morte de uma pessoa.

Em vistas dessa situação grave, a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) visou ao apelo que os governantes incentivassem a redução de circulação das pessoas, de modo a coibir os contágios e as transmissões comunitárias do vírus. Nessa situação, coube às autoridades políticas decidirem qual dos dois direitos invioláveis seria violado: o direito à vida ou o direito à liberdade.

A falta de delimitações claras quanto a como lidar com situações em que os direitos invioláveis se sobrepõem causa uma instabilidade jurídica, pois não há uma voz única para reger tais situações. Em razão disso, o Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes é preciso: em casos que envolvam o direito à vida, este deve ser priorizado. (MENDES, 2000 *apud* MEIRELES; TELES, 2017).

Partindo de uma leitura sobre casos em que a liberdade religiosa e o direito à vida se sobrepõem, considerando a instabilidade jurídica que se apresenta, as autoras demonstram um parecer jurídico sobre os casos em que Testemunhas de Jeová optam por não autorizar a transfusão de sangue por se tratar de uma violação das doutrinas religiosas que fundamentam a religião. A relatoria do caso, após apreciação da peça jurídica, indicou que o direito à vida se sobrepõe ao direito à liberdade religiosa. Nesse sentido, o entendimento em situações em que haja casos de sobreposição é categórico: “[...] o direito à vida é o direito que dá validade a todos os outros direitos.” (MEIRELES; TELES, 2017).

Validar políticas governamentais que não priorizem o direito à vida, portanto, é agir contra a letra da lei e as leituras apresentadas por doutrinadores jurídicos que defendem a sobreposição dos direitos, sendo o mais importante aquele que garante que sejam aplicadas políticas e práticas que assegurem as condições de vida dos seres humanos.

Durante uma pandemia provocada por um vírus contagioso, cuja transmissão se dá por gotículas de saliva sendo absorvidas pelo corpo humano através do contato com olhos, bocas e narizes, faz-se necessário solicitar um isolamento social, de modo a inibir que as pessoas se aglomerem ou estejam muito próximas umas das outras, justamente para evitar o contágio e a transmissão comunitária. Conforme orientações da OMS, tal isolamento foi a providência mais adequada para promover o enfrentamento da pandemia, em uma situação em que não havia vacinas e ainda se desenvolviam estudos concernentes à utilização de equipamentos de proteção individual.

Hesitar em declarar decretos que estimulem o distanciamento social e colocar-se contrário a tais propostas, portanto, pode ser compreendido como uma maneira de dirimir a importância daquele que deveria ser o principal direito a ser garantido pela Constituição. Sabendo que há leituras que apontam diretrizes sobre como agir em casos de sobreposição dos direitos inalienáveis, priorizar a vida humana faz parte de políticas públicas de manutenção da vida, mesmo que a liberdade de ir e vir seja limitada temporariamente. Nesse contexto, estimular a não circulação de pessoas num território afetado por uma pandemia de proporções nunca antes vistas deve ser considerado uma forma de resguardar o direito à vida dos cidadãos, afinal, do que adianta a liberdade de ir e vir se a vida do ser humano será posta em riscos?

Conforme apontam Ferreira e Moribe (2020),

De toda forma, analisando hoje as medidas restritivas ao direito e à locomoção da lei 13.979/20 sob o enfoque constitucional do direito à saúde, podemos concluir que elas devem prevalecer, neste caso, sob a liberdade de ir e vir dos cidadãos, em sentido contrário à fala do senhor presidente da República. (FERREIRA; MORIBE, 2020)

O direito de ir e vir é inalienável, garantido no artigo 5º, inciso XV da Constituição Federal, conforme expresso na letra da lei. Tal garantia, no entanto, não é absoluta: há situações em que esta pode ser cerceada, dentre as quais estão a prisão após delito flagrante, a prisão após decreto de sentença judicial ou durante estado de sítio. Além disso, outro momento em que esse direito deve ceder à primazia do direito à saúde se explica através da noção de individualidade e coletividade, uma vez que os direitos individuais não se sobrepõem aos direitos coletivos.

2. A cegueira branca e a “gripezinha”

Ensaio sobre a cegueira, publicado em 1995, é, sem dúvidas, um dos trabalhos mais significativos do autor português José Saramago, contemplado em 1998 com o

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

Prêmio Nobel da Literatura. O romance oferece-nos o acompanhamento da gestão de uma epidemia de cegueira branca, desde a descoberta da doença até o estabelecimento da quarentena instaurada como forma de controlar o contágio.

Em uma cidade desconhecida, um motorista fica cego em um cruzamento sem causa ou motivo aparente. Pouco tempo depois, toda a cidade é afligida por uma misteriosa epidemia de cegueira branca. Em vista disso, o Governo, após os primeiros casos alarmantes, começa a tomar medidas drásticas de contenção para frear o contágio do “mal branco”. Todas as pessoas infectadas – e quem mais esteve em contato com estas – são levadas ao antigo manicômio da cidade para permanecer em quarentena.

O Governo mostra sua face desumana e condena os infectados a uma existência indigna no manicômio, abandonando-os à própria sorte. O espaço é guardado por soldados que possuem ordens para atirar à menor provocação, ou seja, toda ação que represente uma ameaça de saída ou abandono da área determinada para o cumprimento da quarentena. Além de serem privados de qualquer contato com o lado exterior do prédio, os cegos recebem muito pouco suporte das autoridades locais. Falta de suprimentos básicos, como medicamentos, itens de higiene pessoal e até mesmo alimentos, determina a rotina diária desses indivíduos.

Em poucos dias, o alojamento encontra-se completamente lotado. A falta de espaço não é o único problema vivenciado pelos habitantes do manicômio: a higiene do local e as condições de vida dessas pessoas seguem em profundo declínio. A única esperança para os cegos é a esposa de um oftalmologista, que, embora não tenha perdido sua visão, fingiu ser cega para poder permanecer ao lado do marido, o que lhe permitiu estruturar a vida caótica de quarentena para ele e seus companheiros de sofrimento. Com a situação do local se deteriorando rapidamente, sua capacidade de ver torna-se cada vez mais um peso, visto que ela é a única capaz de enxergar a decadência e a miséria em plena medida.

Tudo piora quando um grupo de cegos se serve da força bruta para tomar o poder e controlar a distribuição de alimentos destinados às camaratas, estabelecendo uma atividade econômica primitiva. O grupo se apodera de todas as refeições para chantagear os mais fracos e obter algumas vantagens em troca, como objetos de valor que estes trouxeram consigo. Quando não existem mais pertences para a realização do câmbio, um novo modo de negociação é criado por esses cegos quadrilheiros: todas as alas devem enviar mulheres, em intervalos regulares, em troca das refeições. Em vista disso, para que consigam se alimentar, a esposa do médico e mais algumas mulheres da ala se oferecem para ser violadas pelo grupo no comando. Quando uma das voluntárias é violentamente assassinada durante o ato, aquela que é a única a enxergar, a fim de vingar a morte de sua colega de quarto e evitar que o episódio se repita, enfia uma tesoura na garganta do líder opressor, desencadeando um grande conflito no local.

A rebelião das mulheres toma uma proporção muito grande e, subitamente, o lugar é completamente tomado por fogo, provocado por uma de suas ocupantes. Na tentativa

de solicitar ajuda, a mulher do médico decide gritar pelos soldados. Não obtendo nenhuma reação à sua súplica, logo chegou à conclusão de que os militares haviam cegado, como todas as outras pessoas, ou abandonado o manicômio. A mulher, então, revela aos demais que estão livres e os guia ao encontro dos portões. Ao saírem do prédio em chamas, os sobreviventes encontram-se na versão mais miserável e escatológica do mundo: pessoas mortas na rua, cegos ocupando as casas uns dos outros e lutando entre si por restos de comida, uma completa barbárie.

O pequeno grupo segue o caminho, tentando ignorar todo o caos que se instaurou na cidade, até finalmente se instalar no apartamento do oftalmologista. Apesar de não haver eletricidade e tampouco água, o lugar, por um curto espaço de tempo, tornou-se um local que poderiam chamar de lar, termo que durante longos dias foi desconhecido pelos cegos. Ao final da narrativa, quando a visão, novamente sem qualquer explicação, retorna aos olhos de todos, a mulher do médico, por fim, conclui que foi a única espectadora de uma cegueira que não fez nada além de revelar a verdadeira face do homem.

Ao ler o romance em meio ao caos que se tornou a pandemia da Covid-19, percebe-se o quanto a imaginação de um autor e a sua capacidade de analisar a sociedade foi capaz de antecipar, há vinte e seis anos, dezenas de situações que hoje vivenciamos diariamente. Cabe ressaltar aqui que o romance de Saramago não é sobre uma epidemia e, portanto, não fala sobre como o ser humano se comporta quando uma doença inesperada o aflige, tampouco como o “vírus” se manifesta nas personagens. Seu elemento chave é apresentado através de uma parábola sobre a humanidade, que permite ao autor fazer uma crítica política e social a partir de uma forma de cegueira que se alastra no país sem sequer uma explicação científica, desencadeando uma guerra pela sobrevivência e pela supremacia, com distorções e abusos de poder, e, também, a total ausência de solidariedade e empatia para com o próximo. Dentre as críticas levantadas pelo autor, destacam-se aquelas ao ministério da Saúde, ao Governo, aos militares e às relações humanas.

No que se refere ao ministério da Saúde, uma das críticas feitas por Saramago recai ao modo com que o setor negligencia a informação apresentada pelo oftalmologista, fazendo com que o profissional seja descredibilizado e submetido a indagações.

A lógica e a eficácia mandavam que a sua participação do que estava a acontecer fosse feita directamente o mais depressa possível a um alto cargo responsável do ministério da Saúde, mas não tardou a mudar de ideias quando percebeu que apresentar-se apenas como um médico que tinha uma informação importante e urgente a comunicar não era suficiente para convencer o funcionário médio com quem, por fim, depois de muitos rogos, a telefonista condescendera em pô-lo em contacto. (SARAMAGO, 1995, p.40)

No decorrer da conversa com o funcionário de cargo médio, o médico diz que gostaria de tratar de assuntos confidenciais com o superior do ministério da Saúde e, para sua surpresa, é tratado com ironia e deboche pelo funcionário da instituição.

Assuntos confidenciais não se tratam por telefone, o melhor será vir cá pessoalmente, Não posso sair de casa, Quer dizer que está doente, Sim, estou doente, disse o cego depois de uma hesitação, Nesse caso o que você deverá fazer é chamar um médico, um médico autêntico, retorquiu o funcionário, e, encantado com o seu próprio espírito, desligou o telefone. (SARAMAGO, 1995, p.40)

A descridibilização da ciência foi bastante recorrente no Brasil durante a crise sanitária do coronavírus, inclusive, incitada pelo próprio Presidente da República, que defendeu o uso de medicamento para parasitas contra a doença, mesmo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmando reiteradas vezes a ineficácia do fármaco.³ Em uma transmissão ao vivo nas redes sociais, o presidente Jair Bolsonaro, após indicar que já havia feito uso do medicamento, diz aos apoiadores: "Então é por isso que a esquerda não toma, porque vai matar os vermes que eles são." (QUEIROGA, 2021). Nesse sentido, além de insistir no uso de um fármaco ineficaz, o presidente manifesta ataques à parcela do eleitorado que faz oposição ao seu governo, demonstrando abertamente que o não respeito às diferenças.

Voltando ao romance, uma série de exigências do Governo é reproduzida diariamente aos cegos, que, se descumprida, poderia levá-los à morte. No entanto, no desenrolar da narrativa, observa-se que o próprio Governo não cumpre a sua parte no acordo, visto que prometeu depositar as refeições três vezes ao dia e itens básicos para a sobrevivência, o que não aconteceu.

O Governo lamenta ter sido forçado a exercer energicamente o que considera ser seu direito e seu dever, proteger por todos os meios as populações na crise que estamos a atravessar, etc., etc. Quando a voz se calou, levantou-se um coro indignado de protestos, Estamos fechados, Vamos morrer aqui todos, Não há direito, Onde estão os médicos que nos tinham prometido, isto era novidade, as autoridades tinham prometidos médicos, assistência, talvez mesmo a cura completa. O médico não disse que se precisassem de um médico o tinham ali a ele. Nunca mais o diria. A um médico não bastam as mãos, um médico cura com fármacos, drogas, compostos químicos, combinações disto e daquilo, e aqui não há rasto deles, nem a esperança de os conseguir (SARAMAGO, 1995, p.74).

Ainda sobre o Governo na obra de Saramago, outra crítica foi levantada pelo autor quando um cego recém-chegado ao manicômio relata a situação fora do prédio. O homem diz que, logo no segundo dia, a contar a partir do primeiro contaminado, as autoridades informaram a diminuição do contágio da doença. A omissão de novos casos de cegueira

³ Acesso em 29/03: <https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/oms-recomenda-que-ivermectina-nao-seja-usada-para-tratar-pacientes-com-covid-19-24949671>

branca levaria a população a acreditar que a situação já estava sob controle e evitaria uma ameaça à ordem pública.

No segundo dia falou-se haver uma certa diminuição no número de novos casos, passou-se das centenas às dezenas, e isso levou o Governo a anunciar prontamente que, de acordo com as mais razoáveis perspectivas, a situação não tardaria a estar sob controle. (SARAMAGO, 1995, p.122)

Convém ressaltar que o Brasil, inclusive, vivenciou uma situação semelhante à retratada por José Saramago. Nos estágios iniciais da pandemia no país, o Ministério da Saúde suspendeu a divulgação de dados oficiais sobre o número total de infectados e de óbitos da Covid-19, omitindo da população informações sobre o acumulado de vítimas da doença. Ainda no mesmo período, alguns estados brasileiros já começavam a pensar em um plano de flexibilização da quarentena, mesmo quando a taxa de transmissão do coronavírus ainda indicava um aumento significativo no número de casos.⁴

A atuação dos militares durante a crise sanitária também não foi poupada das críticas do autor em *Ensaio sobre a Cegueira*, uma vez que agiram com violência contra os cegos que só tentavam obter informações simples sobre as refeições e ausência de itens de higiene e primeiros socorros. O exército, que deveria se ocupar da segurança de todos no local, foi acionado apenas para a manutenção da garantia da Lei e da ordem.

A vontade dos soldados era apontar as armas e fuzilar deliberadamente, friamente, aqueles imbecis que se moviam diante dos seus olhos como caranguejos coxos, agitando as pinças trôpegas à procura da perna que lhes faltava. Sabiam o que no quartel tinha sido dito essa manhã pelo comandante do regimento, que o problema dos cegos só poderia ser resolvido pela liquidação física de todos eles, os havidos e os por haver, sem contemplações falsamente humanitárias, palavras suas, da mesma maneira que se corta um membro gangrenado para salvar a vida do corpo (...) (SARAMAGO, 1995, p.105)

Saramago também questiona a civilização humana e o seu retrocesso e, por isso, reflete, sobretudo, sobre a natureza humana e seu estatuto ontológico. No romance, somos levados a um lento mergulho no abismo da violência, da brutalidade e do instinto animal, onde a fronteira entre o vilão e a vítima se torna tênue. Um exemplo disso está em uma cena em que um dos cegos, com posse de arma, assume a liderança do lugar e exige que objetos de valor, além de violências sexuais, sejam oferecidos em troca das refeições.

Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. (...) A resposta foi curta e seca, Se não nos trouxerem mulheres, não comem. Humilhados, os emissários regressaram às camaratas com a ordem, Ou vão lá, ou não nos dão de comer (...) (SARAMAGO, 1995, p.165)

⁴ Acesso em 29/03: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/governo-bolsonaro-impoe-apagao-de-dados-sobre-a-covid-19-no-brasil-em-meio-a-disparada-das-mortes.html?outputType=amp>
<https://veja.abril.com.br/brasil/os-desafios-dos-estados-que-comecam-a-flexibilizar-a-quarentena-no-brasil/>

A narrativa salienta o egoísmo que se manifesta em cada um dos personagens que luta constantemente pela sobrevivência. Aqui, o autor transmite uma imagem assustadora e, ao mesmo tempo, comovente dos tempos sombrios, revelando os profundos abismos da humanidade, que se abrem cada vez mais durante a crise sanitária.

O ano de 2019 desafiou o mundo com a recente pandemia do Coronavírus e descreveu algo semelhante à deterioração que Saramago oferece em seu livro. Nesse sentido, pode-se dizer que a referida obra literária é um espelho da sociedade atual, uma alegoria oculta – ou óbvia – da história da desumanidade na vida humana, da cegueira de quem vê, do descaso do Governo, do que é humano em si e do significado de uma vida digna, dando a conhecer a cegueira para além de uma doença física.

3. O negacionismo frente à peste

Em *A biopolítica da pandemia: Agamben e Bolsonaro entram em um bar*, Maikon Scaldaferro (2021) apresenta pontos de interseção entre o discurso do filósofo italiano e do presidente do Brasil e salienta os principais, em um contexto em que ambos decretam ataques às medidas de contenção da transmissão do coronavírus. De acordo com Scaldaferro (2021), os três pilares da “biopolítica da pandemia” são: 1) o menosprezo pela gravidade da situação combinado com o negacionismo científico; 2) o alarmismo em torno da suposta ameaça de um Estado de exceção; 3) uma convocação ao heroísmo suicidário. Privilegiaremos, neste tópico, a informação presente no item número um.

No atual contexto pandêmico, podem ser encontradas inúmeras declarações em discursos oficiais que negam a importância de algumas medidas preconizadas como forma de combate e/ou controle da Covid-19. Em pronunciamento à cadeia nacional de rádio e televisão, o chefe de Estado brasileiro disse que “o vírus chegou, está sendo enfrentado por nós, e brevemente passará”, contrariando as previsões da OMS acerca do fim da crise sanitária. Além disso, recomendou que a população mantivesse a vida normal, insistindo em minimizar a relevância da pandemia. Esse comportamento também é notado na obra de José Saramago, visto que houve uma demora por parte das autoridades em admitir a presença da cegueira branca na cidade.

Um dos maiores problemas enfrentados tanto pela população em *Ensaio sobre a cegueira* quanto durante a pandemia da Covid-19 diz respeito ao negacionismo científico, que nada mais é do que o uso de fundamentações e postulações rasas que vão de encontro às pesquisas científicas encabeçadas por pesquisadores e cientistas. O negacionismo tem um custo alto para as nações; ele custa vidas humanas que foram perdidas graças a desencontros e direcionamentos incoerentes e incapazes de garantir o direito mais importante que reza na Constituição Federal: o direito à vida.

No que concerne ao romance, logo nas primeiras vinte e quatro horas a contar a partir do surgimento do primeiro infectado, mais de centenas de pessoas manifestaram a doença e, ainda assim, o Governo e o Ministério da Saúde negavam a existência de uma epidemia na cidade. Assim, na tentativa de mistificá-la, o Governo se vale do discurso

negacionista de que o impacto da doença não será tão forte e assegura uma breve resolução para o problema.

Voltando ao assunto, excluiu o Governo, portanto, a hipótese, primeiramente ventilada, de que o país se encontrasse sob a acção de uma epidemia sem precedentes conhecidos, provocada por um agente mórbido ainda não identificado, de efeito instantâneo, com ausência total de sinais prévios de incubação ou de latência. Tratar-se-ia, pois, de acordo com a nova opinião científica e a consequente e actualizada interpretação administrativa, de uma casual e desafortunada concomitância temporal de circunstâncias também por enquanto não averiguadas e em cuja exaltação patogénica já era possível, acentuava o comunicado do Governo, a partir do tratamento dos dados disponíveis, que indicam a proximidade de uma clara curva de resolução, observar indícios tendenciais de esgotamento. (SARAMAGO, 1995, p.123)

Agamben, numa tentativa de criticar o suposto Estado de exceção que se originou a partir da adoção de políticas que endossam o isolamento e a higiene social, incita a população a desacreditar no discurso científico. Uma tentativa de modalização discursiva se vê logo na colocação que abre o seu primeiro capítulo: “Diante das *frenéticas, irracionais e totalmente imotivadas* medidas de emergência motivadas por uma *suposta* epidemia do coronavírus [...]” (AGAMBEN, 2020, p. 9. Grifos nossos). Os adjetivos escolhidos pelo filósofo já ditam o tom que permeará seu discurso ao longo das páginas: uma postura negacionista, que considera histórica e irracional a tentativa de evitar os contágios, além de, claro, duvidar da existência da pandemia ao tentar negá-la.

A sua crítica principal recai sob os governantes que se aproveitam da existência da pandemia para legitimar o estado de exceção. Nesse sentido, a situação que o filósofo denuncia é que os governantes, incapazes de atenuar os efeitos da pandemia, optam por decretar medidas severas e rígidas de isolamento, as quais, em situações normais, seriam vistas como impeditivo para a livre circulação das pessoas, mas que agora são analisadas sob a ótica de uma tentativa de zelar pela segurança da nação: “[...] a limitação da liberdade imposta pelos governos é aceita em nome de um desejo de segurança que foi induzido pelos próprios governos que agora intervêm para satisfazê-lo.” (AGAMBEN, 2020, p. 11)

A “suposta” epidemia, na visão de Agamben, encontra ecos na “gripezinha⁵, da qual fala abertamente o presidente do Brasil. O contexto da argumentação bolsonarista diz respeito à paralisação dos setores produtivos brasileiros em favor do isolamento e distanciamento social enquanto tentativas de dificultar o seu contágio. Além de ter menosprezado a doença, o presidente incitou aglomerações entre seus apoiadores e seu nicho ideológico combativo, inclusive, fazendo recomendações sobre o uso de uma série de medicamentos contra o coronavírus, cuja ineficácia já havia sido comprovada. Não obstante, o

⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

presidente, cuja formação não é na área da medicina, continuou abertamente defendendo esses remédios em seus discursos.

Considerações finais

Em primeira instância, parece haver uma certa organização em relação ao controle da cegueira branca por parte dos governantes. No entanto, com o passar dos capítulos, José Saramago apresenta a completa desestruturação das ações governamentais para o combate e controle da peste. Dessa forma, um estado decretado de isolamento social para todos os contaminados se estendeu para toda a população, sob condição de abandono no antigo manicômio da cidade. Ao se perceberem isolados e entregues a deus-dará, o grupo de cegos, liderado pelo médico e por sua esposa, optou por fugir do isolamento e retomar a vida na cidade, que se apresentou saqueada, pilhada e tomada pela falta de controle e organização política.

Saramago pinta o retrato de uma cidade em tempos de Estado de exceção. A suspensão das leis e a atuação do governo por base de decretos e posicionamentos autoritários minam a democracia e criam situações nunca antes imaginadas.

Agamben, apesar de apresentar manifestações fortemente negacionistas no seu discurso, possui um objetivo que vai além da simples leitura sobre os impactos do Coronavírus: ele busca criticar os governantes que tomaram a pandemia como brecha para decretar “[...] o estado de exceção como paradigma normal de governo.” (AGAMBEN, 2020, p. 9).

Na visão do presidente do Brasil, “existe algo a perder mais importante do que a própria vida: a liberdade”. (MILITÃO, 2021). Tal declaração, feita pelo presidente em uma participação em redes sociais, demonstra que seguir a Constituição Federal não é um dos seus pontos fortes. O mais irônico, no entanto, é o apreço demasiado que ele tem à liberdade, haja vista as suas inúmeras manifestações contrárias às liberdades individuais.

Negar a existência e a gravidade de uma doença que dizimou milhões de pessoas é banalizar a vida e seguir a cartilha negacionista de Agamben e Bolsonaro. No caso do Brasil, além disso, existe o claro e manifesto desrespeito ao artigo 5º da Constituição. Segundo o entendimento dos juristas aqui apreciado, os direitos apresentados no artigo supracitado são invioláveis, porém, a todos eles, tem primazia o direito à vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Reflexões sobre a peste*. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

FERREIRA, André; MORIBE, Camila. “Tempos de pandemia e o direito constitucional de ir e vir”. In: *Migalhas.com.br*, 2021. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/325170/tempos-de-pandemia-e-o-direito-constitucional-de-ir-e-vir>. Acesso em: 21/08/2021.

MEIRELES, Raphaela; TELES, Bárbara. “Colisão de direitos fundamentais: direito a vida e liberdade religiosa”. In: *jus.com.br*, 2017. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/62500/colisao-de-direitos-fundamentais-direito-a-vida-e-liberdade-religiosa>. Acesso em: 19/08/2021.

MILITÃO, Eduardo. ‘Existe algo a perder mais importante do que a própria vida’ diz Bolsonaro. *Uol*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/03/09/existe-algo-a-perder-mais-importante-que-a-propria-vida-diz-bolsonaro.htm>. Acesso em 01/05/2022.

QUEIROGA, Louise. 'Então é por isso que a esquerda não toma, porque vai matar os vermes que eles são', diz Bolsonaro sobre medicamento”. In: *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/entao-por-isso-que-esquerda-nao-toma-porque-vai-matar-os-vermes-que-eles-sao-diz-bolsonaro-sobre-medicamento-1-25027304>. Acesso em: 20/05/2021.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCALDAFERRO, Maikon. “A biopolítica da pandemia: Agamben e Bolsonaro entram em um bar”. In: *Griot: Revista de Filosofia, Amargosa – BA*, v. 21 n.3, p. 319-335, outubro, 2021.

UM HALO DE MORTE ILUMINA A VENEZA DE THOMAS MANN

CARLINDA FRAGALE PATE NUÑEZ¹

A
Jorge Nuñez,
que ganhou a eternidade.

1. Mundo em chamas

O século XXI será para sempre lembrado como aquele que viu as celebrações do novo milênio serem abruptamente usurpadas pela perversa Covid-19, a pandemia renitente, emissária de luto e malefícios que se alastram em ondas impenitentes. Se a humanidade varre da memória os males que carpiu ao ser fustigada por flagelos que tais, a vingança desse inimigo inesperado, quando assoma, é apenas ufanar-se com a resenha rancorosa das guerras invisíveis.

Ainda que a primeira pandemia de que se tem notícia tenha ocorrido na era cristã, endemias fizeram parte da memória dos povos desde a Antiguidade. Peste², cólera³, praga⁴, fúria⁵ são algumas das palavras que, desde os antigos gregos, serviram para designar metaforicamente a doença perniciososa que persegue incessantemente suas vítimas, ou quem que não esquece ou não deixa impune uma falta, o ἄλᾶστωρ (*alástor*); mas pode referir-se também àquele que é perseguido pela vingança divina, execrável, maldito. De uma forma ou de outra, trata-se de alguém ou algo que se “alastra” (esta

¹ carlindanunez@gmail.com, UERJ/Instituto de Letras.

Este texto amplia a versão original publicada em NUÑEZ, Carlinda F. Pate (Org.). *Armadilhas ficcionais: Modos de desarmar*. Rio de Janeiro: 7letras, 2003. Pp. 25-40. As circunstâncias atuais de leitura, marcadas pela pandemia, nos levaram a novas prospecções, aqui apresentadas.

² As palavras atuais que definem moléstias antigas preservam significados que auxiliam a exegese da História. Assim se dá com “peste”, em lt. **pestis**, **-is**, que designa enfermidades contagiosas e calamidades de grandes proporções, do odor nauseabundo à insalubridade; em gr. **λοιμός** (*loimós*), enfermidade epidêmica, e **λύμη** (*lýme*), coisa perniciososa.

³ Gr. **Χολέρα** (*Khólera*), doença mortífera que produz dejeção abundante de líquido esverdeado, bile; lt., **cholera**, doença grave que causa vômito e diarreia, derrame de gr. **χολή** (*kholé*), bile, fel.

⁴ Lt. **plaga**: golpe, choque; ferida, chaga; armadilha, emboscada, rede de caça; (e ainda) calamidade ligada ao ataque de insetos e doenças a plantas e animais; gr. **ἄρα** (*ará*): impreciação, maldição e, por empréstimo, doença contagiosa.

⁵ Lt. **fúrior**, acesso de loucura; no pl. e maiúscula, **Fúriæ**, Fúrias, deusas romanas equivalentes às Moiras gregas, agentes da vingança e de expiação de culpabilidade. Em gr. **ὀργή** (*orgué*): estado colérico incontrolável que transtorna a mente, como ocorre com Aquiles: **μῆνις** (*ménis*), “ira, cólera durável, ressentimento” (*Iliada* I,1).

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

palavra, cognata de “lastro”, também remete ao lastro dos navios, veículos altamente comprometidos com a disseminação de doenças, desde tempos remotos). Por extensão, *ab origine* (desde o início) as mortandades coletivas, inexplicáveis e catastróficas, foram entendidas como mensagens ou castigos enviados por entes etéreos para o expurgo de alguma grave culpa.

O Antigo Testamento contém várias referências à peste (“Mandou, pois, o Senhor a peste a Israel; e caíram de Israel setenta mil homens”, 1 Crônicas 21:14), que são referidos e servem de escopo para os escritos neotestamentários. O mundo judaico-cristão tremeu (e ainda é treme) perante o relato – em três capítulos! – das dez pragas que Deus fez cair sobre o Egito (*Êx.* 7-10), sinais da ira e da vingança de Deus pela escravidão dos judeus. Não é menos impactante a também extensa resenha de Tucídides (*Hist.*, 47.3-54.5) sobre a grande peste em assolou a Ática por cinco anos (429 a. C - 424 a.C.), a partir do segundo ano da Guerra do Peloponeso, entre Atenas e Esparta (430 a.C.-404 a.C.). Mais de um quarto da população de Atenas morreu de febre tifoide. A obra foi escrita parcialmente no exílio de vinte anos. Tendo voltado a Atenas em 404, a obra ficou inacabada, porém inclui hipóteses para as causas da “Peste de Atenas”: a epidemia pode ter vindo por mar (já que o porto de Pireu era internacional e recebia embarcações até do Oriente), ou ter derivado de sabotagem do inimigo, através do envenenamento das cisternas de Atenas, ou – *last but not least* – um oráculo que previa uma guerra ateniense com os dórios (etnia dos espartanos)...

A primeira pandemia da História remonta a quando o imperador bizantino Justiniano (482-565) decidiu restaurar o Império Romano do Ocidente. No rastro de seus exércitos, de Constantinopla (atual Istambul) a Roma, disseminou-se uma praga, provavelmente levada por pulgas de ratos embarcados nos porões de navios do Egito ao Oriente Médio e desferida em Constantinopla, no ano de 540. Com poder mortífero jamais visto, a chamada “Praga de Justiniano” foi a primeira incidência de peste bubônica⁶, que matou a sírios, turcos (Ásia Menor) e europeus. A peste, que assolou o império bizantino, matou a metade da população mundial conhecida à época. Ao revés do que pretendia o imperador, o evento acabou cooperando para o desmantelamento irreversível do império

⁶ A doença se caracterizou por bubões (bolhas excretoras de pus) nos gânglios linfáticos (virilha, axila ou pescoço) que, a partir daí, se espalham pelo corpo; “manchas negras ou lívidas” constituíam “indício inegável de morte próxima”, em geral depois de três excruciantes dias, nas palavras de Boccaccio.

romano e o prenúncio da época medieval. A partir daí, abriu-se a agenda epidemiológica do planeta.

A calamidade retornou mais avassaladora, assumindo proporções pandêmicas, de 1346 a 1352, através do surto bubônico que se estendeu da Ásia à Europa, então rebatizada como “Peste Negra”. Tamanho foi seu poder mortífero, que o continente levou duzentos anos para restabelecer seus índices populacionais. No século XV, doenças epidêmicas como gripe, sarampo, malária, cólera, tifo e mesmo a peste bubônica atravessaram o Atlântico, desta vez, em caravelas. Nenhuma delas foi tão devastadora quanto a varíola, doença conhecida há mais de três mil anos (matou Ramsés II). As populações nativas das Américas ficaram reduzidas a dez por cento do estimado à chegada dos europeus, logo no primeiro século de colonização⁷ (HAAK: 2016; TODOROV: 1983, p. 131: “Os conquistadores consideraram as epidemias como uma de suas armas...”), consequência do ataque bacteriológico do primeiro grupo de doenças e do contágio viral da última. A França sofreu, no XVIII, com a irrupção da Grande Peste de Marselha, em 1720 – epicentro da segunda Peste Negra e a última da França. Um surto pandêmico medonho, no início do século XIX (de 1817 a 1823), explodiu na Índia, de onde se espalhou por todos os continentes: foi o cólera (no masculino, como o consagrou Gabriel García Márquez), uma epidemia também bacteriana mortífera, porém lancinante e perversa para o contaminado, que se esvai em espasmos intestinais. O país dos brâmanes, devido a péssimas condições sanitárias, enfrentou sete surtos dos agentes patogênicos até 1961, quando foram controlados. O século XX conheceu a segunda mais letal das epidemias, a erroneamente denominada “Gripe Espanhola” – na verdade, a gripe mortífera foi notificada em maio de 1918, num soldado norte-americano que prestava serviço militar no interior do estado de Kansas. Em cinco semanas, mais de mil soldados do mesmo acampamento se viram contaminados. As tropas americanas que se deslocaram para o conflito mundial, neste último ano da guerra, provavelmente exportaram o vírus (nem norte-americano, nem espanhol...) para a Europa. Esta foi a *entrée* do vírus *influenza*, que infectou quinhentos milhões de indivíduos, dos quais dez por cento – cinquenta milhões – sucumbiram em todos os continentes. Como a imprensa internacional foi proibida de noticiar a pandemia durante a guerra, à exceção da Espanha, o país tornou-

⁷ O pesquisador Wolfgang Haak, do Instituto Max Planck (Berlim), publicou em 2016 um artigo científico com sua equipe de paleogeneticistas sobre o desaparecimento de populações americanas nativas (sobretudo mexicanas) (<https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.1501385>), cuja síntese pode ser lida na matéria do jornal *El País* de 04/04/2016: Acesso 15/05/2022. https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/31/ciencia/1459446271_454060.html.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

se a fonte de informações sobre o assunto, emprestou seu nome à doença e ainda levou a “pecha” de *locus* originário da mesma. No fim do século XX, depois de trinta e cinco anos de pesquisa (1970-2005), foi identificado o vírus HIV, responsável pelo *boom* epidêmico da Aids, de início circulante no âmbito de comunidades *gay* (OLIVEIRA: 2008); depois, transmissível mesmo sem determinação sexual.

No século XXI, um vírus proveniente de porcos mexicanos, em 2009, espalhou-se globalmente, provocando um surto da “febre suína”. Inaugurava-se ali a geração de surtos epidêmicos cuja matriz seria o H1N1. A partir deste, surgiram outros. Até que, de Wuhan para o mundo, no apagar das luzes de 2019, da boca do dragão chinês, irrompe o atual coronavírus Sars-CoV-2, versão inédita, para a qual não se conhecia tratamento. Dois anos e meio e vacinação em massa, o mundo aprendeu a lidar com a pandemia e a sobreviver.

Se há um fruto benéfico no panorama descrito, é a literatura que, mimetizando a realidade inóspita e excruciante, descobre formas e razões para recriá-la, enquanto a desnuda e assim a converte em gozo estético e vício da leitura.

A partir daqui abrem-se algumas páginas do compêndio literário que bebeu do fel da peste e conheceu o peso das pragas, domou a sanha colérica e absorveu desafios com o mais eficaz antídoto para todo veneno, φάρμακον τῶν φαρμακῶν, o *phármakon* dos *pharmakōn*, a droga das drogas – a ficção literária.

2. A literatura e as epidemias

As pandemias desafiaram de tal forma a sobrevivência do homem com suas intervenções sazonais e particularmente catastróficas, que se impuseram como objeto de relatos historiográficos (UJVARI, 2020; LITTLE, 2007; BRAUDEL, 1995; O.M.S, 2022 *et alii*). O mesmo se pode afirmar, até com mais ênfase, quanto ao incidental protagonismo temático dos surtos mortíferos, no discurso ficcional. Mais do que uma história da literatura construída por tramas decorrentes de, ou ambientadas em surtos de pestilência, importa aqui demonstrar o “co(m)partencimento”⁸ que se formou entre pandemia e literatura, do qual decorre certa homologia entre episódio sanitário agônico e imaginário textual. É notável como, em obras primas da biblioteca universal, a própria concepção de certas narrativas os coloca (aos surtos epidêmicos) no centro do sistema

⁸ O termo não está vocabularizado, mas é a palavra que expressa nosso pensamento: a ligação intestinal entre os dois fatores colocados mais do que em correlação, em compartilhamento de seus atributos..

diegético, mimetizando o previsível ressurgimento da circunstância macabra no circuito fabular, bem como a forma insidiosa pela qual eles (ainda os surtos) se infiltram no sistema sanitário e de saúde das cidades e dos países – e não menos no imaginário textual – por eles afetados.

Em síntese, ao que tudo indica, peste, cólera, pragas; endemias, epidemias ou pandemias podem ser apontadas como temas literários genuínos. Basta passar brevemente em revista alguns *highlights* da literatura universal.

2.1 - É quase profético que a primeira palavra da poesia grega e, por extensão, da literatura ocidental seja **μῆνις** (*ménis*), “ressentimento indomável”, “cólera durável”. Por um lado, com esta palavra se inauguram a *Ilíada* (I, 1), a cronologia dos tempos históricos, a cultura letrada, a literatura grega, as fontes/modelos que até hoje abastecem criações poéticas e pesquisas, por outro, é a peste que germina a poética dos primórdios, na Jônia homérica: Aquiles, em acesso furioso, nega ao próprio Apolo o atendimento à prece de um de seus sacerdotes, Crises: este suplica ao deus que o vingue, por Aquiles não lhe restituir a filha, obtida como prêmio, em recente batalha. O episódio ficou tradicionalmente conhecido como “A Peste”. São dezenove versos (*Il*, I, vv. 33-52) em que Apolo é invocado através de cinco epítetos diferentes: “filho de Zeus e Leto” – rerepresentando ao deus do equilíbrio e da racionalidade os direitos parentais; “de bela cabeleira” – símbolo de fibra e laços com seus devotos; Febo – “Brilhante”; “portador do arco de prata” – exímio na pontaria, e o mais contundente, “simitiano”, ou seja, matador de ratos! Em seguida, lembra ao deus os templos que ergueu para honrá-lo e formula seu pedido: vingança olímpica. Apolo não tem como desatendê-lo. Mostrando sua face tenebrosa e mortífera, o deus desce, “negro como a noite” (face cáustica do sol), veloz, as “setas ressoando na aljava”, em frêmito, para começarem a matar. O deus atinge progressivamente as mulas, depois os cães e por fim os soldados gregos. O episódio é abruptamente concluído, com uma imagem cinematográfica: “as piras dos mortos começaram a arder”. A mestria poética maximiza os efeitos da realidade – comprovadamente a incineração dos cadáveres era praticada entre micênicos pré-helênicos para evitar a disseminação de pestilência e o degradante espetáculo de putrefação corporal (os micênicos praticavam o sepultamento dos mortos); ao mesmo tempo, a maldição divina traz a irrupção da moléstia. A peste, que germina em corpos

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

putrefatos, grassou entre as tropas gregas. Foram necessários mais 15.587 versos⁹ para que a peste fosse aplacada em todos os seus desdobramentos desfavoráveis aos gregos.

2.2 – No Atenas do século V a.C., em que floresceu o esplêndido teatro grego, outra praga marca presença. No prólogo (vv. 22-29) do *Édipo Tirano* (ca. 427 a.C.) de Sófocles, fala-se de uma mortandade generalizada: homens, animais, colheitas fenecem; ocorrem abortos e natimortos. Tebas está (metaforicamente) “em chamas”: há sinais evidentes de que os deuses repudiam faltas (*ἁμαρτία*, *hamartia*) ignominiosas – e impunes – entre os tebanos. O reclamo divino pelo retorno à ordem mobiliza o drama: Creonte vai a Delfos consultar o oráculo; visitantes trazem informações ao palácio; memórias de família são reabertas. Todos os dados, em embaralhamento promíscuo, se encaixam, traduzem a pestilência moral da pólis. A peste só é debelada quando se desvenda a verdade escabrosa. A podridão humana, então, é saneada. Crimes são impuros. Imagine-se o somatório de regicídio, parricídio e incesto!

2.3 – Tito Lucrecio Caro (ca. 94 a.C. – ca. 53 a.C.) abordou a Peste de Atenas no último capítulo de seu longo poema *De Rerum Natura*¹⁰ (*Sobre a Natureza das Coisas*), capítulo VI, 1138-1286, que descrevem a origem e os fenômenos da epidemia supostamente trazida do Egito. Segundo o poema, foi bombástico o contágio. O sofrimento dos contaminados, imenso: atenienses e cidadãos da Ática

entregavam-se aos montes à doença e à morte.
No princípio, sentiam a cabeça a arder pelo calor 1145
e os dúplices olhos avermelhados, com a luz difusa.
As fauces também, negras por dentro, suavam
sangue, e o caminho da voz, coberto por feridas, se fechava,
e a língua, intérprete do espírito, jorrava em cruor,
debilitada pelos males, pesada a mover-se, áspera ao toque 1150
(DRN, VI.1141-50. Trad. Alexandre P. Hasegawa)

A crueza e a autenticidade das descrições da peste que Lucrecio recita são a culminância de um programa poético que se inicia com a exaltação de Vênus, no próêmio do poema, sucedida pelas progressivas lições sobre as crenças inócuas em deuses e em suas ações mirabolantes, das demonstrações sobre incongruências nos relatos míticos: como é possível aceitar que os sons da natureza decorram de existência de sátiros, faunos e ninfas? Lucrecio é taxativo: o pavor da peste decorre da ignorância humana, da submissão dos homens à crença em deuses perversos, do desprezo à racionalidade. O poema passa pela teoria dos átomos, pela paciente demonstração de que tudo é

⁹ A obra conta com 15.639 versos.

¹⁰ As citações da obra virão referidas pela sigla DRN.

racionalmente explicável. O capítulo final sobre a peste é, em essência, o final da "demitologização" de fenômenos naturais que demandariam uma atitude também racional – a famosa “ataraxia” defendida pelo mestre Demócrito, o equilíbrio emocional alcançado filosoficamente pelo controle dos desejos e o fortalecimento da alma perante as mazelas humanas. Mas não é preciso chegar a tanto. A praga em Atenas foi dolorosamente real, e suas imagens não são míticas, mas da própria natureza.

O que Lucrécio almeja é substituir os relatos mitológicos sobre fenômenos naturais por explicações baseadas em suas verdadeiras causas, ou seja, libertando o leitor do medo dos deuses. O filósofo está interessado em explicar a peste sem recorrer à ira dos deuses, como tradicionalmente se fazia. E argumenta: as leis da natureza não podem ser alteradas, nem mesmo pela própria natureza. É possível desmistificar a vida, a morte, as doenças, Vênus e a própria natureza.... Educar a mente, domar as paixões, ser “capaz de observar tudo com a mente tranquila” - *Placata posse omnia mente tueri* (DRN, V. 1203)!

A praga, aos olhos dos tementes, indefesos mortais, é a representação da natureza terrível, em seu estado mais feio e severo, um estado muito real e possível. Para o poeta-filósofo, é dar a chance de se usar o conhecimento adquirido e orientado pelo epicurismo para se deleitar, em seu novo estado de esclarecimento.

O professor de literatura latina (USP) e tradutor Alexandre Hasegawa (2020) ressalta que, no original, “aliterações e outros recursos poéticos (...) tornam o horror audível e visível; dá-se assim prazer à dor.” Acrescenta que o tema rendeu elevadas homenagens, desde a Antiguidade clássica, e foi mimetizada em verso e prosa por Virgílio, nas *Geórgicas* 3.478-566; em Ovídio, *Metamorfoses* 7.523-613; em Sêneca, *Édipo* 110-201; Tito Lívio etc.

Não resta dúvida de que Lucrécio foi um grande poeta. Mas, sem a peste de Atenas, o poema talvez não alcançasse tamanho impacto nos legatários do helenismo¹¹.

2.4 – Muito do que se sabe sobre a Peste Negra, que flagelou Florença no séc. XIV, se deve ao *Decameron* de Giovanni Boccaccio, que conheceu a moléstia de perto. O livro é uma coletânea de contos sobre as aventuras de dez jovens florentinos (três moças e sete rapazes) que se refugiaram da calamidade nos campos, em 1348. Os arruaceiros se entretinham contando os mais aventureiros enredos, alguns de amor, muitos de morte.

¹¹ Segundo Timothy Stover (1999), o cap. VI foi o primeiro a ser escrito. O principal objetivo do poema era desmitologizar a mente humana, explicando as verdadeiras causas dos fenômenos naturais. Para tal, o campo de demonstração mais prestigioso e realístico seria mesmo a peste ateniense.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

Inepto para combater o inimigo invisível, o grupo chegou a cem histórias em dez dias. A comédia humana, em estilo jocoso e amoral, é também a recusa da vida real, adulta e mortífera que sangrou a cidade de Petrarca e Dante por seis anos.

A obra explica, no prefácio, o que eram os “bubões”; os contos informam como o prenúncio da morte surgia na forma de “manchas negras ou lívidas”, após as quais restavam três dias para o óbito. Os cadáveres eram localizados pela exalação mefítica, pois costumava-se abandonar os contaminados, para evitar mais contágio. As cerimônias fúnebres eram sumárias, e os corpos, depositados de imediato em covas improvisadas. Boccaccio registra também problemas ligados ao isolamento social e à expectativa de superação daquela tortura; os vícios e o desperdício de saúde – a libertinagem, o ceticismo ou o seu contrário – foram antídotos para afastar a fantasmagoria da morte, apresentada de forma realista, nesta narrativa tragicômica. Ainda que a ciência às vezes contrarie as vozes da tradição¹², os relatos de Boccaccio jamais serão derogados, pelo bem que continuam fazendo a seus eternos leitores.

2.5 – No século XVI, William Shakespeare, que não desperdiçou informações sobre a epidemia florentina divulgadas no *Decameron* e na vulgata da época, ambientou *Romeu e Julieta* (1593 ou 1594) na Verona dos tempos da Peste de dois séculos antes. Todos ainda se recordavam o estado de pânico vivido na região: procissões de arrependidos, cruzes à porta de casas sinalizando perigo de contágio e barrando espiritualmente a entrada do inimigo. Histeria à solta, mistério a vista.

A cerca de 250km de Florença, a febre bubônica ainda não chegara à cidade dos apaixonados, mas atrapalhou os planos de Frei Lorenzo e de Julieta: como o epicentro da doença era Florença, as estradas da região foram bloqueadas para reter uma nova “onda” da epidemia. Lorenzo ficou impedido de partir para a cidade onde Romeu se exilara, e Romeu não recebeu a carta de Julieta, explicando o plano da bebida encantada que apenas a tornaria cataléptica. Deu tudo errado, como se sabe, e os amantes acabaram unindo-se bem longe da Toscana...

2.6 – Daniel Defoe (1660-1731), célebre pelas *Viagens de Guliver*, é autor de *Um diário do ano da peste* (1722), menos conhecido, mas certamente uma proeza literária

¹² Em pesquisa recém-publicada pela revista *Nature* (2022), arqueólogos e paleogeneticistas relatam suas escavações no Vale do Chu, próximo ao Lago Issyk-Kul, no Quirguistão, onde encontraram lápides datadas de 1338-1339. Inscrições informam ‘pestilência’ como *causa mortis* dos ali enterrados. Análises detectaram traços diferentes do antigo DNA da peste bubônica. Até então acreditava-se que a peste havia se originado na China e na Ásia Central e chegado à Europa levada por genoveses que fizeram a rota da seda, em 1348. Segundo a *Nature*, a peste florentina ocorreu oito anos depois dos enterros no Quirguistão. O maldito bacilo florentino seria, então, eurasiático, e não chinês.

para quem testemunhou a peste em Londres quando tinha apenas 5 anos, soube reconstitui-la e dar-lhe vida ficcional. A partir do relato de um sobrevivente, dentre outros informes e considerações, o narrador confirma a prática de lacrar as casas onde havia doentes, pintando uma cruz vermelha na porta de acesso ao interior, mencionado na tragédia shakespeariana. Fleumático e preciso, o narrador declara:

Eu tinha duas missões importantes: cuidar de meus negócios e da minha loja, de um porte considerável, na qual eu investira todo o capital que eu tinha nesse mundo. A outra era a de preservar minha vida enquanto se abatia em toda a cidade uma calamidade aparentemente tão sombria, mas que o meu medo e o medo dos outros tornavam ainda mais sombria. (DEFOE, 2021, p. 25).

2.7 A passagem do século XVII para o XVIII, no influxo de projetos urbanísticos e da implementação de inadiáveis projetos sanitários em cidades europeias e alhures, finalmente dá sinais concretos de mudança de mentalidade, e começa a valorizar a higiene privada e a salubridade pública. São os primeiros vagidos da efetiva modernidade. Isso, lá; não, aqui.

Belém do Pará, ainda hoje uma capital longe de gozar de um sistema sanitário decente, foi notícia na *Notícia Verdadeira do Terrível Contágio*¹³, um folheto anônimo de oito páginas publicado em 1749, em Lisboa. Era o relato da epidemia de sarampo que assolou Belém do Pará entre 1748 e 1749. As péssimas condições sanitárias da cidade levaram a quinze mil óbitos; os escravos se furtavam a transportar cadáveres; a população livre empobreceu; houve inflação e desabastecimento para todos. O folheto declara não dispor de informações para o que acontecia nos sertões. Mas sabia-se que, desde 1724, a saúde e o clima da região começaram a degenerar.

A literatura popular cantou seus mortos, ainda que de longe.

2.8 A literatura do século XIX se apropria da morbidez da paisagem epidêmica e até lhe atribui certa positividade, na esfera evanescente do Romantismo. O *glamour* dos devaneios idealistas, erotizados e/ou decadentes, o *mal du siècle* ou *spleen* da intelectualidade com arroubos tão apaixonados quanto mórbidos fantasiaram a tuberculose, pandemia mortífera, até que o bacilo de Koch fosse identificado (1882) e o antídoto, mais celebrado que o Nobel de Medicina atribuído a seu patrono (1905). Do horror ao estilo de uma época, a mortandade e as mazelas decorrentes da tuberculose atravessaram gerações. Artistas, e sobretudo poetas do período, encarnaram o charme

¹³ O Folheto fez parte da exposição virtual de obras antigas que tratam de epidemias no Brasil montada pela Biblioteca Brasileira da USP e divulgada pelo Jornal da USP em 29/04/2020. Cf. <https://jornal.usp.br/cultura/livros-dos-seculos-18-e-19-ajudam-a-refletir-sobre-epidemias/>

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

masoquista, uma sobrevivência alterada da “bela morte” (καλὸς θάνατος, *kalòs thánatos*), “de todo bela” (πάντα καλά, *pánta kalá*) dos heróis gregos épicos (πάντ’ πέοικεν’, *pant’epéoiiken’*, “plenamente honrado[s]”, II, 22, 72)¹⁴. Morrer e amar são quase sinônimos, o que faz do amoroso oitocentista o “guerreiro” romântico por excelência, alguém com a aura, a virtude (ἀρετή, *areté*) de um Aquiles

Charlotte Brontë (1816-1855), emancipacionista e vanguardista em diversas frentes, publica, em 1847, *Jane Eyre*, um romance de formação (*Bildungsroman*) *sui generis*: a protagonista, que dá nome à obra, uma enjeitada da família, vai parar num reformatório onde encontra dois “anjos”: a preceptora compassiva que faz contraponto com a rigidez e a desumanidade dos educandários para crianças e jovens de poucos recursos – tornou-se um paradigma de autonomia e força de vontade; além desta, descobre a amiga-irmã, Helen, que contrai tuberculose. Jane, mesmo tendo de se separar da doente, diariamente a visita, e a acalanta em seus braços. Soa como generosidade entre as almas a morte de Helen durante a noite, certamente para poupar à Jane a cena traumática. A rivalidade entre Jane e a doença fortaleceu a jovem, como um antídoto que a tornou gigante para a vida e para o romance moderno inglês.

2.9 - Na mesma linha da experiência pessoal com a tuberculose, Thomas Mann escreveu *A Montanha mágica* (1924). O breve período que acompanhou o tratamento da esposa, numa clínica em Davos (Suíça). Adiante faremos o percurso inverso, de aprofundamento, em *Morte em Veneza* (1912), uma ficção onírica, sinestésica, estética, em torno da contaminação mortífera na alvorada do século XX.

Por ora subimos à montanha mágica, também um *Bildungsroman*, mas peculiar, cujo protagonista experimenta o confinamento numa clínica para tuberculosos em Davos, Alpes suícos. Da mesma forma que o sanatório nos píncaros nevados era um microcosmo da Europa em frenesi, o que parecia uma anemia rapidamente curável, se mostrou uma doença insidiosa, de lenta recuperação. Hans Castorp, “um rapaz singelo, o contraponto deste mundo doentio” (MANN, 1996, p. 132), ficou seis anos em tratamento, o que o levou a uma experimentação do tempo fora da usual cronologia. O tempo do confinamento é circunspecto, denso, leva à reflexão, ao confronto com idiosincrasias – no caso de Castorp, à contemplação da doença e ao fascínio pela morte. O sanatório perde suas características físicas e funcionais, para assomar como a representação da sociedade

¹⁴ A “bela morte” dos antigos gregos nada tem a ver com a “kalotanásia”, conjunto de ações que busca facultar uma morte suave, tendo como cenário médico identificado com o uso continuado e persistente de alta tecnologia.

burguesa ocidental, doente; a Europa, um empório de ideologias, interesses particulares, os efervescentes *Goldene Zwanziger Jahre*¹⁵ (“Loucos Anos 20 Dourados”); mas é ali, fora do tempo cronal, que se dá a imersão em questões da subjetividade. Castorp vence a tuberculose depois de seis anos. Venceu a guerra contra a doença. Em 39 se alista, e se perde na massa de combatentes.

2.10 – Também com teor filosófico, o romance brasileiro *Floradas na serra* (1939), de Dinah Silveira de Queiroz, coloca em pauta a “peste branca”, a tuberculose, entre pacientes de um sanatório em Campos do Jordão. As personagens discutem sobre a vida, o isolamento, a morte e o amor, com uma simplicidade que oculta o trabalho terapêutico da palavra, no tratamento de doenças estigmatizadas, e sobreleva a observação perspicaz, a *finesse* na abordagem das relações humanas ficcionadas pela escritora, em seu livro de estreia.

Entre 1926 e 1941, as pensões de Campos do Jordão chegaram a receber 3.563 hóspedes com tuberculose, ainda que os doentes precisassem ter boas condições financeiras para se tratarem. O romance, nesse sentido, é especialmente interessante, porque registra a representação social da doença no Brasil. Por outro lado, a narração humaniza a condição do tuberculoso, àquela altura visto como um desenganado, à mercê do entendimento da época¹⁶.

A obra conquistou, em 1940, o Prêmio Antônio de Alcântara Machado, da Academia Paulista de Letras, foi adaptada para o cinema, em 1954, tendo Cacilda Becker, atriz renomada dos anos 1950-60, no papel principal, e duas vezes, em 1981 e 1991, para a televisão. A “tísica” (eufemismo da doença) confirma sua força, na vida e nas obras de grandes ícones da literatura brasileira¹⁷.

2.11 – Concluído o conflito mundial que dividiu o mundo em blocos, levantou muros e, ainda assim, continuou complacente com a fome na África, Albert Camus traz de volta, em 1947, *A Peste*. A narrativa se abre com uma cena repulsiva: a mortandade de ratos, em Orã, capital da Argélia, no início daquela década. O mundo já em guerra. A doença aparece em seguida, aturdindo e impondo as medidas sanitárias já consabidas, de

¹⁵ A expressão se refere ao período entre 1924 e 1929 na Alemanha. Ilustra o *boom* econômico na década de 1920 em muitos países industrializados, o apogeu da arte, cultura e ciência alemãs.

¹⁶ A respeito, HERZLICH e PIERRET são categóricas: “O indivíduo doente, em toda parte e em cada época, é doente aos olhos da sociedade, em função dela e segundo as modalidades por ela fixadas” (apud BIRABEN: 1985, p. 120).

¹⁷ A doença ingressou na literatura brasileira também por ter vitimado poetas tais como Álvares de Azevedo, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Augusto dos Anjos e Manuel Bandeira; os escritores José de Alencar e Cruz e Sousa, o dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues. A lista é grande!

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

eventos anteriores: isolamento social, quarentena, ritos de separação – inclusive fetiches. Heranças ancestrais levam a pensar na ambiguidade de todas as pestes: ameaçam a vida, cobrando a expiação de faltas. O médico Rieux tem consciência de que “o bacilo não morre, nem desaparece nunca” (referindo-se ambigualmente ao gérmen maldito e ao totalitarismo). O peso da responsabilidade pelo colaboracionismo, durante a ocupação nazista (“peste marrom”), entra no balanço das culpas e dos destinos coletivos. Os desdobramentos filosóficos da epidemia caminham – se é que já não transcendam – junto às providências sanitárias. Da mesma forma a necessidade de posicionamentos claros não só perante a doença, mas perante a opressão, o terror, o mal. Estas são as pestes que assolam Orã.

2.12 – Se os surtos epidêmicos permanecem assustadores pela malévola robustez de novas cepas, a aceleração do biorritmo mundial vem facilitando a adaptação das sociedades planetárias ao combate epidemiológico. Stephen King lançou *A Dança da morte* (1978), ficção pós-apocalíptica sobre a pandemia de uma supergripe que dizima quase toda a humanidade, à exceção dos que lhe são naturalmente imunes. Dentre os poucos remanescentes surge o impasse pela necessidade de uma liderança. Colocam-se como candidatas uma senhora, que conta com apoiadores, e um jovem disposto a dar algum sentido a sua vida. Este episódio final gerou uma versão ampliada do romance (1990) e uma minissérie de TV (1994). A capitalização de um flagelo, numa obra de ficção, dá bem a imagem social da pandemia no contexto da pós-modernidade.

2.13 – Em 1985, o Nobel de literatura Gabriel Garcia Marques volta a se superar com a publicação de *O Amor nos tempos do cólera*, romance caudaloso, contaminado pelos imprevisíveis desdobramentos do projeto civilizatório, no plano da obsessiva desinfecção, da desodorização do mundo natural, que erradica, em sua fúria saneadora, os perfumes de Narciso (pruridos de toda singularidade).¹⁸

A narrativa acontece num período em que o cólera mantém seus níveis constantes de enfermos e mortos, numa cidade colombiana (talvez Cartagena de las Índias), em fins do século XIX. Entre a profusão de personagens e acontecimentos, a presença da doença se dá através do fedor; da força do código olfativo, dos poderes osmológicos (dos aromas) e coprológicos (das fezes). Na configuração não só do espaço, mas também das personagens e do enredo, são os cheiros que determinam as relações entre os homens, os fatos e a própria trama. Tudo se passa em torno de um triângulo não exatamente amoroso,

¹⁸ Uma análise mais ampla do romance se encontra em NUÑEZ, 2007, pp. 27-42.

mas constituído em função de um caso de amor frustrado: Florentino Ariza, delicado e aromático como as flores, fora namorado da infância de Fermina Daza que, firme, desiste do namoro exclusivamente epistolar: casa-se com Juvenal Urbino – médico sanitário, representante de uma ordem ortodoxa e desinfetada que se apaixonara pela jovem quando foi vê-la, sob suspeita de ter contraído o cólera. Fez por ela o que não conseguira fazer pelo pai.

(Mas) depois a morte do pai, aprendeu tudo que se podia aprender sobre as diversas formas do cólera, quase como uma penitência para dar descanso à sua memória, e foi aluno do epidemiólogo mais destacado do seu tempo e criador dos cordões sanitários, o professor Adrien Proust, pai do grande romancista¹⁹. De modo que quando voltou à sua terra e sentiu vinda do mar a pestilência do mercado, e viu os ratos nos esgotos expostos e os meninos se revolvendo nus nas poças das ruas, não só compreendeu que a desgraça tivesse acontecido como teve a certeza de que se repetiria a qualquer momento. (GARCÍA MÁRQUEZ, *ATC*, 1985, p. 144).

Florentino Ariza, ao contrário do rival cientista, era um romântico obstinado, regido pelo nariz: à anosmia de um correspondia a sensibilidade olfativa do outro. Na adolescência, postou-se muito perto dela, e lhe “sentiu a trilha, a forma de uma respiração e o hálito floral, com que havia de identificá-la pelo resto da vida” (id., 80). Outra de suas manias, o missivismo, frustrou a resistência de Fermina. O eterno enamorado escrevia “missivas perfumadas”, cada vez “mais extensas e lunáticas, à medida que tentava imitar seus poetas prediletos” (id., 361). O namoro de Fermina soçobra através da “carta de adeus escrita numa folha de papel higiênico” (id., 107).

Desde sempre situada entre o namorado da infância e o marido, Fermina vive a experiência do istmo, entre a exuberância romântica, epistolar e olfativa de um e a economia matrimonial, ortodoxa e desinfetada do outro.

O rio Magdalena, que atravessa toda a cidade, protagoniza as fases da novela e da epidemia, constituindo-se, no final, depois da morte acidental de Urbano, lugar no qual os antigos namorados passam a viver, numa espécie de terceira margem do cólera.

Posto desta forma, García Márquez é um discípulo rebelde de Lucrécio que não despreza os carismas do onirismo mítico. Sem uma loquacidade aurática e figurativa não se consuma o realismo mágico do fabulador. A literatura de Gabo necessita desta ofuscação mítica para aniquilar a ameaça de uma escrita desenraizada do mundo. Essa é a face política do texto de García Márquez. Desde o início da colonização das Américas,

¹⁹ O dado permite datar o tempo da novela. O pai de Proust faleceu em 1903; A novela transcorre entre o último quartel do séc. XIX e o as primeiras décadas do séc. XX.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

a estratégia missionária adotada foi a conversão de valores e códigos indígenas à semântica cristã. À perda das línguas nativas, seguiu-se a renúncia aos deuses. Os próprios incensos indígenas passaram a ser usados nas procissões de santos. Vale dizer que a mais refinada tática de aculturação por aí se anunciava: a do silêncio olfativo, ou, em outras palavras, a de implantação de uma osmologia cristã.

2.14 - O mundo do pós-Grandes Guerras não esperava travar ainda outra, no fim do século XX, contra uma epidemia inédita, com célere poder de devastação corporal, resultante da revolução de costumes dos anos 1960 e da liberdade sexual conquistada. A identificação do vírus HIV, nos anos 1980, colocou a nu o peso dos estigmas sexuais mantidos sob controle por gerações. Sem dó, a imunodeficiência humana tornou-se a peste pós-moderna.

Com a disseminação da síndrome imunológica que assolou primeiro a comunidade gay, e depois se disseminou indiscriminadamente também entre heterossexuais mundo afora, dramaturgos passaram a discutir as problemáticas ligadas à doença em textos que se tornaram símbolos de uma era. São muitos os autores e, hoje, incontáveis as obras produzidas em torno do surto epidêmico da AIDS. A peça *Anjos na América* (1990), de Tony Kushner (Prêmio Pulitzer de Melhor Drama de 1991, Drama Desk e Tony Awards de 1993), e o romance *As horas*, de Michael Cunningham (prêmio Pulitzer de Literatura de 1999), são os pioneiros da temática e os textos emblemáticos da vertente temática. O díptico está inserido no fenômeno do teatro mundial chamado *Aids Drama* e foi também adaptado para uma minissérie da HBO em 2003.

Angels in America: A Gay Fantasia on National Themes se constitui de duas peças curtas, *O Milênio se Aproxima* (Parte I) e *Perestroika* (Parte II), textos autônomos, porém questionadores em relação ao flagelo do doente e das pessoas em torno dele; ao vício que funcionou como gatilho para mais um grupo de contaminados; à tardia tomada de posição de políticos e governantes perante a crise de saúde pública instaurada; à irrupção de afetos extremos de teor religioso, ideológico, trabalhista, familiar, em nativos ou imigrantes. Em suma, a epidemia foi também o fato desvelador de problemas de várias ordens que serão redimidos por anjos anônimos da História²⁰.

²⁰ Não se descartam as ilações cabíveis em relação à imagem do “Anjo da História” descrito por Walter Benjamin (nas suas célebres “Teses sobre a História”), a partir da gravura de Paul Klee: o anjo em traços primitivos, de olhos arregalados, as asas sendo empurradas para o futuro, o pânico de deixar para trás os deserdados, injustiçados, esquecidos da História.

2.15 - Philip Milton Roth (1933- 2018) chamou ao último de seus romances *Nêmesis* (2010). O título enigmático atravessa o arco da literatura mundial, para recuperar a abstração arcaica, grega, da justiça reparadora, colérica, que vinga o desequilíbrio causado por toda injustiça praticada. Figurativamente, ela é a vingança se ergue, inopinada, para acertar as contas entre a ordem visível e a invisível.

Ainda que ambientado nos anos de 1940, o imaginário textual gira em torno da dívida moral que Bucky Cantor se atribui, uma culpa ancestral, familiar aos judeus – o protagonista é nascido e criado na comunidade judaica de Newark, New Jersey. O jovem Bucky é dispensado do alistamento militar, à época da Segunda Grande Guerra, mesmo sendo atleta, por ter uma miopia avançada. Sentindo-se em dívida com os seus iguais que assumiram a missão patriótica, dedica-se ao ensino de educação física numa escola. No circuito social, à tensão mundial corresponde o pânico local em face da poliomielite, que vitima principalmente a crianças, causando paralisia irreversível das pernas. Não se sabia, àquela altura, como evitar a contaminação. A doença, descrita em 1955, só teve a vacina formulada por Albert Sabin em 1961.

Na verdade, não houve epidemia de pólio em Newark, porém a cidade é o microcosmo do mundo, que vive a fantasmagoria da perda das pernas, um medo coletivo real. Bucky, atormentado pela atávica culpa judaica, e sentindo-se impotente diante do azar – a doença, concorda com a noiva em partir para um local mais seguro. Transferidos, Bucky se reinsere no ambiente escolar. Quis o “*fatum*” trágico, entretanto, que um aluno contraísse a doença. Por “azar” (disfarce de *Nêmesis*), ele próprio se descobre contaminado. O destino se materializa no adoecimento. Bucky, obcecado pelo bem, mas torturado pelas dores do mundo, se descobre como instrumento do mal, o responsável pela infiltração da moléstia entre as crianças. O excesso de responsabilidade do “garantidor de saúde” macula não só o ideal virtuoso, como também aos atingidos pelas ações dele.

A narrativa surpreende, ao final, quando o narrador se revela: o ex-aluno, o primeiro contaminado da escola, já adulto paralítico. Ficamos tão impactados perante o golpe da narrativa, quanto Bucky, em relação à imprevisibilidade do contágio, ou o próprio Roth, ao encerrar sua produção ficcional tematizando não só com o medo das epidemias, mas com a epidemia do medo a que a humanidade está ineditamente exposta.

3. A Veneza de Thomas Mann

O mar não é uma paisagem, é uma vivência da eternidade, do nada e da morte, um sonho metafísico; e se assemelha muito com as regiões, de ar rarefeito, das neves eternas. Mar e cumes das montanhas não são terrenos. Eles são elementais, no sentido da derradeira, desértica e sobre-humana grandiosidade, e é quase como se o artista civil, culto, urbano e burguês tendesse a saltar por cima da paisagem campestre e buscasse diretamente o elemental, porque, frente a este, sua relação com a natureza pode reconhecer e manifestar, na plenitude do humano, o que ela [a natureza] é: como medo, como estranheza, como aventura irrealizável e selvagem. (MANN, 1963, p. 27).

Três vetores norteiam a leitura de *Morte em Veneza* (1913) que aqui tem lugar: jogos, encenação e leitura, entendidos como atos performáticos desde a tradição greco-romana, que os denominava *agónes* (em grego) ou *ludi* (em latim). Neste horizonte, o *ludus* é uma forma de divertimento e passatempo, razão pela qual a leitura aí se enquadra. A conexão trina é proposta por Wolfgang Iser, em *O fictício e o imaginário*, onde se lê que “O jogo do texto resulta de uma transformação de seus mundos de referência” (ISER, 1996, p. 341). Dentre os “mundos de referência” que integram a ficção em tela, sobressai a cólera, paradoxalmente ligada a águas insalubres e a ares revigorantes, amor e morte, entre outros aspectos, no universo concebido pelo prêmio Nobel de Literatura de 1929, aos 25 anos, por sua obra de estreia (*Os Buddenbrucks*).

Thomas Mann (1875-1955), na novela literária que já foi filmada (Luchino Visconti, 1971, EUA), propõe um tipo de experiência estética calcada na articulação de dois elementos: um, da ordem do enredo; o outro, da ordem do discurso; ambos abastecendo o jogo ficcional, que preside a leitura.

O primeiro desses elementos é o argumento mesmo da novela: o estupor causado no artista pela contemplação do belo antropomorfizado. O enredo é conhecido: Gustav von Aschenbach, escritor consagrado, veraneando em Veneza, conhece o esplêndido adolescente polonês Tadzio, por quem se apaixona e por cujo obsessante desejo de com ele prolongar a fugaz convivência até o limite possível, acaba por contrair a cólera que se infiltra no arquipélago. A ironia determina que a cidade também denominada *Sereníssima*

se transforme em cenário para a deterioração dos corpos e para o convulsionamento das emoções, a ponto de acontecimentos valerem menos pela externalidade das ações que por intuições pânicas. À serenidade da secular e encantatória Veneza corresponde, na novela, a violência da irrupção letal, confundida com as alucinações do Apaixonado pelo Belo. As identidades se rarefazem. As convicções da racionalidade e a autoridade dos projetos saneados dos pruridos de afeto vulgar e banal se veem derrotados por forças incognoscíveis e reminiscências todo-poderosas, ligadas a desejos soterrados. Tudo são figurações míticas e ecos assombrosos que emergem de mundos distantes. A ironia aí se insere como o esquema articulador de um jogo que gerencia parcerias capazes de, ao dismantelar as fantasias venezianas, criar o programa ficcional da novela.

O outro elemento se liga às estratégias metadiscursivas adotadas por um narrador *transparente* (meio ausente e totalmente honesto), mas que "dá as cartas", dita as regras de um jogo poético-dramático capaz de desestabilizar alguns estatutos da narrativa de ficção tradicional, tais como verossimilhança, nó e desenlace, suspensão da descrença, realismo imanente, *tarefa de enganar*²¹ (Adorno: 1972, p. 270) etc... A novela de Mann lida - sem disfarces - com o estilhaçamento de tais convenções. Em lugar dos procedimentos usuais da tradição poética, são postos em evidência emblemas que se conectam intertextualmente com o *Banquete* de Platão e outros signos da cultura grega clássica. O imbricamento de discursos, assim como o entrecimento de fragmentos textuais e memórias, projeta *Morte em Veneza* no especialíssimo nicho de obras que privilegiam não a mimesis de acontecimentos ou de caracteres, mas da própria *tékhnē* (na acepção de engenhosidade verificada na urdidura do discurso poético) que lhes dá forma e confecciona-lhes o(s) sentido(s). Não se trata exatamente de representar situações, objetos ou indivíduos, mas de potencializar a representação.

Os dois elementos em destaque – a ironia como fator construtivo do enredo e a metadiscursividade como expediente de uma *mimesis* "antiempirista"²² – são

²¹ O novo realismo alcançado pelo narrador do romance contemporâneo condiz, para Adorno, com as resistências a um mundo que reifica as relações, massifica os desejos, *petrifica* os indivíduos. “*O momento antirrealista do novo romance, sua dimensão metafísica, é ele próprio produzido por seu objeto real – por uma sociedade em que os homens estão separados uns dos outros e de si mesmos*”; “*o sujeito da criação literária renega as convenções de representação do objeto*” e investe no estetismo. Esse é o caminho da reinvenção do romance, em Thomas Mann (ADORNO, 1972, p. 270).

²² Iser fala em *ilusão representativa* (1996, p. 348); Adorno, em *novo realismo* (1972: p. 270). O que importa assinalar é que a mimesis pós-clássica (que já não *imita* atos performáticos, mas a *performance* mesma) assume o dado ilusório, o onirismo e a representação lúdica de um horizonte fragmentado, tanto por aceitar a manutenção do conceito de *mimesis* (cf. argumentação iseriana), quanto como gesto de

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

agenciadores de reduplicação da presença, o que projeta *tékhne* e *mímesis* no campo do (fazer/acontecer) lúdrico.

Como explica Iser, *a mímesis agora se torna representante de performance* (1996: 350). A mudança no estatuto da figuração só pode ser concebida em termos de jogo, pois as referências consagradas (a Veneza dos doges, por exemplo, com suas gôndolas e carnavais elegantes) se desgarram de suas constelações originais. No circuito da *mimesis* pós-clássica, elas *emergem apenas ciberneticamente* (idem), ou seja, da intercomunicação de vozes integrantes do catálogo universal e da própria imaginação, que se tornaram, por sua vez, referências²³.

É interessante observar que Iser e Adorno adotam a metáfora cenográfica na abordagem do narrador contemporâneo. O segundo comenta que o narrador pode excluir o leitor dos acontecimentos, ou conduzi-lo *até o palco, para trás dos bastidores, para a casa das máquinas* (Adorno: *op. cit.*, 172), enfim, incorporar produtivamente a *tékhne* concebida (como o fez Philip Roth, acima comentado).

O texto de Mann *joga*, por conseguinte, enquanto dirige (aqui a palavra é usada no sentido de orientar a encenação) os desdobramentos metaenunciativos da novela, isto é, a impregnação mítica do discurso, a colagem de símiles épicos, a osmose de passagens platônicas, explicações e análises psicagógicas e estéticas. Seja na apresentação da requintada e pútrida Veneza, seja nas descrições do esplêndido e estranho Tadzio, trechos atribuídos ao narrador vão indiciando a subjetivação do processo narrativo. A ironia socrática parece orquestrar a focalização progressivamente mais entusiástica do mundo objetivo. O *lógos* da linguagem comum se estetiza vertiginosamente: cede a impulsos ditirâmbicos; impõe visões míticas, divagações arcaicas e apelo dionísíaco. Os jogos do narrador se desdobram em presenças ficcionais que teatralizam a operatória do discurso. Veneza se torna cenário de reemergência do mundo platônico e do misticismo órfico, de saltimbancos e coros bufos, da dança do amor e da peste.

resistência literária, que quer salvar a criatividade e triunfar sobre a ameaça de reificação da própria literatura (cf. argumentação adorniiana).

²³ Assim surpreendida, a narrativa alcança a reflexão sobre realidades inaparentes. A linguagem, em sofisticado grau de elaboração e intertextualizada com a tradição épico-filosófica, constrói metáforas mais capazes de nomear o presente que o relato dos acontecimentos.

O JOGO DO JOGO, NO HORIZONTE DA MÍMESIS

Ainda que fornecendo um novo paradigma para o romance contemporâneo, *Morte em Veneza* se insere numa tradição antiga. É uma narrativa filosófica, que se vale do expediente da ficcionalidade - ao estilo platônico - para retomar o tema que se confunde com o próprio *télos* (finalidade) da filosofia: o amor como fonte do bem. Não é gratuito, no sistema de referências ancorado em Platão, que convenções do discurso teatral se infiltrem, na novela. Figuras associadas às artes cênicas e intervenções teatrais são uma constante no texto. Marcadores do dramático e da teatralidade vão tornando o discurso progressivamente mais expressivo, carregando densidade fantasmal para personagens e situações, impregnando simbolicamente objetos e espaços.

Certa teatralização dos eventos narrados parece ser a solução formal encontrada para o enfrentamento de imprevisíveis irrupções de estranheza, num mundo que se arroga o pleno conhecimento de si e a eficiência absoluta de seus mecanismos de controle. O inaparente processo social se adequa ao tratamento que o narrador contemporâneo lhe confere, assim como o jogo dramático preside outros jogos, que a história de Aschenbach encobre.

O escritor-protagonista, que é uma glória nacional, se encontra em crise de criatividade, no início da novela. Ao se deparar com um estranho, que irrompe à sua frente, no isolamento de um local improvável para qualquer transeunte, devolve a Aschenbach o reprimido desejo de viajar²⁴ (*Reiselust*), *uma necessária intervenção no cotidiano previsível e altamente disciplinado, um pouco de improviso, malandragem, ares longínquos... Não para muito longe, não até os tigres* (11). O *desejo de viajar*, após a primeira evocação a *tigres à espreita* e a *terror e desejo enigmático* (9), se transforma em *ímpeto de fugir* (*Fluchtdrang*, 10). Essas imagens, que se iniciam pela intervenção de um estranho, geram um padrão discursivo, discernível através das redundâncias que a ele, já não como personagem, mas como fenômeno assimilado pelo discurso, continuamente remetem. Em outras palavras, o processo enunciativo assimila a estranheza da personagem, gerando situações que se repetem, variadas ou invertidas; discursos oraculares²⁵ e recortes na temporalidade. Igualmente incomum é a atitude do narrador

²⁴ As citações entram em tradução livre do original. Serão acompanhadas, em alguns casos, de palavras ou expressões em alemão, quando for conveniente dar algum destaque. Entre parênteses, o número das páginas, na edição alemã.

²⁵ Para Aschenbach, chegar a Veneza por terra era como entrar num palácio pela porta dos fundos (21); foi justamente por aí que ele entrou no Grande Hotel (25). Já no Lido, praticamente se autocondena, ao dizer,

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

defensivo, integrando variados paradigmas poéticos e, acima de tudo, externando emoções inusitadas, demolidoras de todas as convicções, que transbordam²⁶ nas páginas iniciais.

A única certeza que se confirma é a escolha do destino de Aschenbach. O artista não deseja apenas se afastar de Munique. *O que procurava era o estranho (Fremdartige) e o sem relação (Bezuglose: 17)*. A dialética perto/longe com que a personagem lida (o prestígio angariado com o reconhecimento de talento, que o aproxima de uma massa de leitores, o afasta de prazeres primários e da convivialidade interpessoal) é matriz para outras situações conflitantes. Dificilmente Aschenbach tem acesso direto à realização de seus desejos (a ida a Veneza só foi possível depois da baldeação no Adriático; o navio teve de esperar uma hora em alto mar, antes de atracar: *Uma hora até ela aparecer. Tinha-se chegado e não se tinha chegado; não se tinha pressa e, no entanto, se sentia impelido por impaciência (20)*); o edifício da moral europeia milenar se interpõe entre o escritor e Tadzio. O *locus* compatível com o indefectível *desassossego (16)* do artista e com sua *simpatia pelo abismo (15)* se constrói à custa da desconstrução da Veneza turística. Em seu lugar, uma Veneza mítica serve de cenário para a catábase de Aschenbach, seu mergulho na morte, pelo programa reificador, e a respectiva anábase, a reaproximação em relação a si mesmo e a seus desejos. Aschenbach busca um determinado espaço - não necessariamente físico - que ele tem a convicção (ainda que inconsciente), encontra-se em Veneza. Realidades imateriais, verdades insólitas, cenários difusos criam as condições propícias para que a narrativa instaure estratégias miméticas também insuspeitáveis.

Até que esse território de desejo seja conquistado, Aschenbach vai progressivamente alterando sua determinação e vontade. O percurso descrito pelo artista o afasta de sua própria realidade de personagem de ficção, a ponto de se tornar emissário de realidades iminentes, no jogo de situações irônicas em que submerge.

em contemplação a Tadzio: *Se o mar e a praia não me esperassem, ficaria aqui enquanto você ficasse!* (29). De fato, o artista morre, no dia da partida de seu ídolo.

²⁶ A transformação do protagonista se faz acompanhar por drásticas alterações no discurso. Desde o encontro com o estranho até o desembarque em Veneza, o discurso espalha semas de negatividade e dureza (na viagem de navio, o camareiro "ordenou" [*nötigte: 20*] a ida dos passageiros para o restaurante). No momento em que Tadzio entra em cena, o discurso se suaviza e adquire tom amoroso. A citação de um verso de Homero provoca o surgimento intermitente de versos datílicos e mesmo de hexâmetros completos, que se integram ao *continuum* em prosa (29). À medida que a saúde de Aschenbach decai, as descrições vão perdendo clareza: no corpo do *lógos* se traduz a lógica corporal. A linguagem veicula, sobretudo, o fenecimento dos sentidos e a intuição de um mundo que se esboroa

Uma sequência de estranhos encontros principia pelo marinheiro corcunda, sujo e de sorridente solicitude, chapéu de lado e *fisionomia de velho diretor de circo*, que, além de *pantomimas de leves atitudes e mesura de ator*, na sua lide de vendedor de bilhetes de viagem, demonstra *habilidade de 'croupier'* (18). Jogos cênicos e financeiros se encontram na mesma figura sintetizados.

O segundo encontro se dá com o velho janota (*der greise Geck*: 20), que embarca também para Veneza. O rejuvenescimento artificial por meio de maquiagem e de peruca se transformara no roteiro seguido por Aschenbach, ao final de sua jornada veneziana, quando se encontra dominado pela doença e desinvestido do pleno juízo. No quinto capítulo, o artista, já de cabelos pintados, acompanha, no espelho, o maquiador, arqueando suas sobrancelhas, delineando suas pálpebras, aplicando *carmim delicado e framboesa em seus lábios anêmicos; as rugas das faces, da boca, dos olhos, desaparecem sob creme com um sopro de juventude* (66). Aschenbach transforma sua aparência com os mesmos recursos que anteriormente o enojaram. De alguma forma a mascarada, no embarque, fora pressentida pelo viajante, a quem não escapou que *nem tudo era como de costume, que começava a alastrar-se uma estranheza sonhadora, uma esquisita desfiguração do mundo...* (19) Forças estranhas transformam a personagem em juguete, no contexto de uma cênica disposta a desmoralizar suas antigas pretensões.

A seguir, o terceiro e impressionante encontro com o gondoleiro ruivo, de barbicha fendida²⁷ (como em algumas figurações de Mefisto), faixa amarela na cintura, chapéu de palha e aparência de estrangeiro. O tratamento dado ao navegador o torna um duplo de Caronte, senão do próprio Hades. *A estranha embarcação,... tão singularmente negra como entre todas as coisas só o são os ataúdes* (22), associada aos demais fatos da novela, confirma o valor oracular desta e de outras analogias, bem como da maioria das enunciações em discurso direto. Aschenbach, ao dizer para si mesmo: *A viagem será curta, gostaria que durasse para sempre!* (22), vaticina a curta estada na cidade como veranista e, ao mesmo tempo, a permanência para sempre, por suceder ali seu óbito. O gondoleiro que não executa o roteiro solicitado pelo passageiro, mas, ao contrário, estipula o itinerário que deve ser percorrido (metáfora da própria morte), também não responde objetivamente às perguntas de Aschenbach. Arguido sobre o custo da viagem,

²⁷ A imagem demoníaca teve diversas representações. Cf. GOYA. *El Aquelarre* ou *Sabá das Bruxas*, Museu Lázaro Galdiano, Madri, 1797-1798.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

limita-se a dizer: *O senhor pagará*. Ironicamente, o escritor não paga em dinheiro a corrida, mas com sua vida, e não mais deixará Veneza.

O forasteiro, o marujo, o velho janota e o gondoleiro apresentam-se como estrangeiros/estranhos, imagens de incursão no campo do insólito e de reversibilidade das realidades aparentes. Eles integram um conjunto que emoldura o grande encontro da primeira parte da narrativa - com a própria Veneza - e preparam o efeito em crescendo do segundo encontro, com o esplêndido Tadzio, que domina a segunda parte da novela.

Duas maravilhas que funcionam como par homológico, gerenciam o vaivém da mimesis performática. As imagens de Veneza e de Tadzio surgem, para o artista, como aparições sublimes, assinaladas pela superlatividade de sua aparência e da magnitude de sua própria condição: *O mais espantoso desembarcadouro, aquela brilhante composição de construções fantásticas ofuscando os olhares admirados dos navegantes conduzia à cidade mais inverossímil* (21), com seus palácios e opulência, *a rainha mergulhada, de ganancioso espírito comercial* (34), *lugar impossível e proibido para ele* (37). A sobreexcitação dos passageiros se mistura à *venerável felicidade e tristeza* (20) de entrar no espaço sagrado. Saímos completamente do âmbito da representação naturalista. A "aparição" (que Adorno destaca, na sua *Teoria estética*), constituindo *o rastro momentâneo do que não é*²⁸, derrota o utilitarismo da visibilidade convencional, daquilo que massivamente é/tem de ser, *apaga a ilusão inerente à aparência* (idem), para, *rompendo com o mundo dos objetos*, abrir-se a distância estética indispensável, onde a leitura opera o tráfego dos signos, as correlações e sínteses perceptivas.

O processo mimético é o mesmo, em relação a Tadzio, que emerge, na *confusão do grande idioma* (26), como um *assombro* (*Erstaunen*, 26), impactando por sua perfeição, seus *estranhos olhos cinza-alvorada* (27 e 65) - nublados, aliás, como o céu, no dia da chegada. O *susto feliz* (41) que se repetiria a cada reencontro. Para o admirador, *o estranho da fala do menino erguia-se em música, ... a sublimidade e extensa vista do mar profundo era sempre o fundo e o relevo de sua figura* (41). O inominável da experiência sublime faz Aschenbach admitir que *a palavra só consegue louvar a beleza sensual, porém não reproduzi-la* (48), da mesma forma que, para o narrador, na cidade de solo aquoso, só se podiam fundar incertezas: "Isto era Veneza, a bela, a adúladora e

²⁸ Nesse passo, os pensamentos de Adorno e Iser se associam, o que foi assinalado pelo segundo (cf. Iser: 1996, p. 351). Em outro lugar, Adorno diz: *O romance precisou concentrar-se naquilo de que o relata (fotográfico, por ex.) não dá conta* (Adorno: 1972, p. 269).

suspeita - esta cidade meio conto de fadas, meio armadilha para forasteiros, em cujo ar pútrido a arte outrora pululara luxuriosamente, e que inspirava sons aos místicos” (51).

O fasto recobre o nefasto, em ambos, Tazio provavelmente não ficará velho: os dentes imperfeitos o anunciam. A *esquisita-estranha cidade* (40), *com cheiro de cidade adoentada* (48), por cujas ruas *circulava ocultamente a morte repugnante* (63), projeta na Terra a *città dolente* que Dante situa no Inferno. Do alto a que se é alçado pela experiência sublime, compreensível apenas em sua potência, *vertigem da razão e espanto* (54), a peste e o amor se conaturalizam: o *grave segredo da cidade se fundia com seu próprio segredo* (50), *a aventura do mundo exterior se confundia com a do seu coração* (53) ... , frases que, no vaivém do discurso, imitam a vertigem do apaixonado.

Aschenbach admite que não pode deixar Veneza por causa de Tazio, somente depois do incidente de extravio de sua bagagem, cena que é um divisor de águas da novela. Aqui interfere a sorte ou o azar (Nêmesis!), de qualquer forma, o insólito, na consumação não do que é, mas do que deve ser, para que se cumpra o estatuto, não das realidades aparentes, mas do desejo.

A partida do protagonista para a estação ferroviária repete o episódio da gôndola, facultando que, agora, Aschenbach se aproprie ativamente da sua catábase ²⁹. O corriqueiro extravio de bagagem gera a reversão da experiência emocional de morte em deleite, esse alívio toldado de dor que o narrador traduz como *alegria aventureira* (37),

Aventura incrivelmente *estranha, vergonhosa, da ridicularidade* de um *sonho*: sítios dos quais a gente há pouco se despedira para sempre em profunda tristeza, revertidos (*umgewandt*) e jogados de volta (*zurückverschlagen*) pelo destino, tornarem a ser vistos na mesma hora! Espuma na proa, manobrando com agilidade *engraçada* entre as gôndolas e barcas, o pequeno e apressado veículo disparava de encontro ao seu destino, enquanto seu único passageiro, sob a *máscara* de aborrecida resignação, escondia a travessa - assustada *agitação* de um rapazote que fugiu de casa (38, destaques nossos),

A partir deste fato, discretas figurações do discurso se convertem em sinais que, implantados na primeira parte, começam a interagir fantasmaticamente com as situações posteriores. O leitor reconhece o tráfico de correspondências que se estabelece, por exemplo, entre o gesto distraído de Aschenbach de comer grandes morangos (32), na

²⁹ Cf. Nos termos empregados pelo narrador: *Foi uma viagem penosa, aflitiva, através de todas as profundezas do arrependimento. (..) A atmosfera da cidade, este cheiro pútrido de lama e mar, do qual se sentia tão impelido a fugir, respirou-o agora em fôlegos profundos, dolorosamente afetuosos* (36).

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

praia, quando se referira a Tadzio como Cristóbulo³⁰, e a repetição do mesmo gesto, já em delírio, desidratado, as forças deterioradas, na perseguição frustrada do Bem. Tomba em meio ao lixo, como os recém-comprados *morangos, mercadoria passada e mole* (65). A qualidade performática da cena traduz o que o narrador omitia sobre o autor de *Um Miserável*³¹, mas a crítica não deixa escapar: *Aschenbach tem uma oportunidade de entender que é, de fato, o sujeito de sua miséria* (Lins: 2002, 67).

Os cantores itinerantes reeditam a intervenção dos bandoleiros assaltantes, que haviam abordado a gôndola clandestina. O guitarrista saltimbanco, destacado do grupo pelos traços etnolinguísticos (é ruivo e napolitano) e histriônicos (de mímico e saltimbanco), permuta com o velho janota e com o novo/decaído Aschenbach o *modo de deixar a língua lascivamente brincar nos cantos da boca* (55).

Probidade e contenção se convertem em delírio, desfiguração, puro onirismo (*Um mundo de sagrado desfiguramento, cheio de vida assustadora, envolveu o fascinado*, 46). Aschenbach, imerso no jogo amoroso, revoga as leis restritivas do mundo da pura positividade (*Eros se assenhorava dele*, 52). Torna-se juguete do discurso. Não se deu conta de que a viagem a Veneza, afastando-o da assepsia amorosa, colocou-o na mira dos espreitadores tigres distantes (58) que retornam nas últimas páginas da novela.

JOGOS DE MORTE NA CITTÀ DOLENTE

Paralelamente a esses elementos indiciais de uma construção muito bem articulada, vai-se firmando um estatuto, concernente à percepção dos sentimentos capturados no/pelo discurso. Não se trata mais do entendimento dos processos textuais, mas do efeito produzido pelo vaivém dos signos, no discurso (a exemplo da discussão sobre o amor, no *Banquete* platônico) e no interior da ficção thomasmanniana.

³⁰ Filho adolescente de Críton de Atenas, discípulo de Sócrates e Xenofonte. Cristóbulo aparece no *Banquete* deste último, como paradigma do conceito de *kalokagathía*, a excelência da *boa e bela alma*.

³¹ Novela escrita por Aschenbach, comentada pelo narrador ao final do cap. 2 de *M.V.*: “*Que outra interpretação poderíamos dar à famosa novela Um miserável, a não ser a de uma explosão de asco em face do indecente psicologismo à moda da época, encarnado na pessoa de um semipatife indolente, tolo, o qual indevidamente adquire personalidade ao atirar, por impotência, vício ou veleidade ética, sua esposa aos braços de um moço imberbe, e acredita que sua índole profunda lhe permite cometer ações abjetas?*” (Trad. Herbert Caro. *Morte em Veneza /Tonio Kröger*. Companhia das Letras, s.d.. Digital: <https://athena.fweise.de/pdf/A-Morte-em-Veneza-Toni-Kr%F6ger-Thomas-Mann-Companhia-das-Letras.pdf>)

A evocação de verso homérico³² (e até do ritmo rapsódico), bem como a Cristóbulo³³, logo a seguir, coliga o regime oracular das palavras e o sistema de gestos à malha intertextual, nessa narração pretensamente infensa ao envolvimento emocional do narrador. Principalmente nos dois primeiros capítulos da novela, o tom do narrador é quase épico, na tentativa de isolar uma interferência sua, nos fatos narrados. No entanto, o mesmo narrador que quer atribuir à apresentação dos acontecimentos a qualidade da emoção presidida pela leitura, é absorvido pelo efeito de ofuscação decorrente da conversão de Aschenbach ao que ele de fato é, um homem na confluência de suas contradições. O narrador como que se dissolve no ludismo que domina a obra. Lembramo-nos dele, narrador, na última linha, quando termina o jogo.

A transparência absoluta acaba levando a uma evidência: a temática do jogo se impõe como presença suplementar, no plano/tabuleiro do discurso. Vale dizer que o narrador, ao repercutir vozes de uma tradição remota, está coligando performaticamente a *transfiguração* de referências consagradas e a *imaginação* do leitor, para que a tragédia de Aschenbach se possa consumir. Já não se pode pensar em referências *a priori*. Dessa forma, o jogo - com suas duplicações refigurativas - se encarrega de infraestruturar a apresentação.

Na economia lúdica do texto, a mimesis (antiempirista, ilusionista, irônica) gera uma percepção imprecisa sobre o que as formas do jogo são e o que elas querem eclipsar (Iser: *op. cit.*, 354). O encantamento/novo-realismo de *Morte em Veneza* se produz nessa zona pouco nítida, em que jogar é uma atividade tão indeterminada quanto a mimesis performativa, a que serve de realização concreta.

Aschenbach, aliás, não deixa de ser um jogador que aposta tudo, ao se entregar ao súbito e fulminante desejo de viajar. Depois, quando arrisca a permanência na cidade empestada; ou quando disputa com suas próprias resistências, em cenas de perseguição ao Belo, que se organizam exatamente como provas atléticas (a pé ou de gôndola, às claras ou às escondidas). Outras situações se tornam evidências dessa prerrogativa lúdica, na concepção dos episódios. Há os jogos de azar (episódio da mala extraviada), jogos a dinheiro (do funcionário italiano, que joga com uma resposta evasiva o jogo sujo do

³² A citação, que é colocada em destaque, numa linha, mas sem aspas (“As mudas de roupa, os banhos quentes e a cama”), não corresponde literalmente ao verso aludido da *Odisseia* (VIII, 245). É uma referência feita de memória, já alterada.

³³ Sócrates aconselha ao amigo Críton, no *Eutidemo*, que a educação do filho ficasse ao encargo de filósofos dialéticos, e não de mestres de duvidoso caráter, para evitar o risco de que o belo rapaz fosse pervertido.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

ocultamento da epidemia), jogos circenses e dramáticos (que vão desde intervenções teatrais por artistas de rua até os confrontos do escritor com o barbeiro e, depois, com o agente de viagens. A diferi-las, o fato de essas últimas constituírem provas de astúcia). Há jogos infantis e mortais, sem que se possa dizer que uns não remetam aos outros (na luta final entre Tadzio e Jachu, o folgado infantil, se não redundou desastroso para o Belo, pode ter causado a comoção que levou o observador aflito ao ataque cardíaco fatal). Aschenbach e Tadzio reinventam o brincar de esconde-esconde, e há os jogos de fascinação, no vaivém também de olhares. Há ainda os inumeráveis jogos intra- e intertextuais. Sobressai, nesse rol, a aposta na vida contra a peçonha da cólera.

É imensa a impregnação das formas do jogo no imaginário e no processo de apresentação da novela. Pode-se dizer que ela se encontra na esteira de uma "virada do jogo", que se inicia a partir do século XVII e se completa com as *Cartas sobre a educação estética do homem*, de Friedrich Schiller (publicadas em 1795). Na verdade, o jogo sai da cena filosófica, quando Aristóteles o identificou com o divertimento e o repouso. Ter como causa final a si próprio (*Política*, VIII, 3) trouxe-lhe a pecha de atividade menor, sem alcance, pueril e indigna de ser estudada. Schiller reabilita definitivamente o tema do jogo em filosofia, apoiando-se principalmente em Kant³⁴. Coloca-o como solução para o problema da divisão antropológica, a possibilidade de mediação entre duas tendências (*Triebe*) humanas que se opõem: *Formtrieb* (tendência formal) e *Sinnlichetrieb* (tendência sensível). Schiller demonstra a capacidade que o tema do jogo tem para realizar o encontro entre preocupações científicas e intenção estética. Nesse sentido, ele funciona como espaço teórico de cruzamento entre práticas sérias e altamente prazerosas; atividades que, não precisando ser belas, virtuosas ou utilitárias, são necessárias para definir o humano. Em outras palavras, sugere a intervenção da noção de jogo, como *agónes*, criações da cultura, que melhor a explicam.

É nessa perspectiva antropológica e unificadora do jogo que Mann reatualiza o trabalho mimético. *Morte em Veneza* lida com o *agón* (luta, disputa com regras) entre realidade e ficção, preservando-os como entidades conciliadas na tendência ao jogo da *mímesis*. Aí se fundamentam asserções desse narrador astucioso, que se diluem no pensamento de seu protagonista: *Quanto jogo, obstinação, deleite está na formação*

³⁴ Nas *Cartas ...*, Schiller dá continuidade ao pensamento de Kant, principalmente na Terceira crítica, onde o jogo funciona como termo mediador que coloca em circulação as faculdades descritas (cf. Kant: 1995, 90).

individual do talento! (16). Ou a dramatização da luta entre sentimento e razão, no retorno de Aschenbach a sua paixão. É ainda a situação, quando o narrador se defende: quem deu a partida, no jogo de ficcionalização da realidade, foram as autoridades italianas, desde o início da novela presentes/ausentes, *farejando e meditando* (49), com *seu(s) jogo(s) de mímica (mit Gebärdenspiel, idem)*, o aroma singular da “cidade doente” (64 / *Divina comedia*, III, 1).

O encantamento estaria prestes a se deslindar; as armadilhas do narrador contemporâneo, na iminência de se desarmarem, não fosse o próprio jogo, como o ensinam Schiller e Iser (a seu modo, também Adorno), jamais isolável do modo como ele intervém na estratégia discursiva. Não fosse o poder da metáfora, que refaz, ao nível do *lógos*, para nós, leitores, o que representou o olhar de Eros, o sorriso de Narciso para Aschenbach. O drama de Aschenbach é um drama semiótico. Encontra a realidade mais absoluta, depois de tornar-se fictício e assumir a forma textual. A metáfora do mar veneziano, como imensidão movente e canal que liga à morte, estrada líquida que abre caminhos para a cólera atracar, ludibria os sentidos textuais mais comunicativos com seus segredos profundos. Assim ela ajuda a consumir a síntese que orienta a *performance* textual. Sua meta é manter em aberto o desejo que primeiro atrai Aschenbach para o mar (*amava o mar por desejar acolher-se no seio do simples e imenso, por uma tendência proibida e, justamente por isso, tentadora; para o desligado, desmedido, eterno, para o nada: 31*), depois para a morte, ... *porque a ameaça permanente de catástrofe permite a mais ninguém a observação desinteressada, nem mesmo sua reprodução estética* (Adorno: 1972, 272). Ou, como o disse outro atormentado esteta alemão:

... o romance não é significativo por descrever pedagogicamente um destino alheio, mas porque esse destino, graças à chama que o consome, pode dar-nos o calor que não podemos encontrar em nosso próprio destino. O que seduz o leitor no romance é a esperança de aquecer sua vida gelada com a morte descrita no livro (Benjamin: 1996, 214).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, Theodor. "Posições do narrador no romance contemporâneo" In: *Textos Escolhidos*, Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

BENJAMIN, Walter. "O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: *Magia e técnica, política e arte*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996, pp.197-221. (Obras escolhidas. Vol. 1).

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

BIRABEN, Jean-Noël e MAÎTRE, Jacques. “Notes de lecture: HERZLICH, Claudine e PIERRET, Janine. *Malades d'hier, malades d'aujourd'hui. De la mort collective au devoir de guérison.*” In: *Sciences sociales et santé* Vol. 3, n1, 1985.

www.persee.fr/issue/sosan_0294-0337_1985_num_3_1

BRAUDEL, F. *Civilização material, economia e capitalismo: sécs. XV e XVIII.* São Paulo, Martins Fontes, 1995.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; AXT, Gunter e FERREIRA, Renata Brauner (Orgs.). *Epidemia na História.* Col. Viver na Pandemia (1). Pelotas (RS): EdUPel, 2021.

DEFOE, Daniel. *Diário do ano da peste.* Tradução Henrique Guerra. EPUB. São Paulo: Novo Século Editora Ltda., 2021.

DUFLO, Colas. *O jogo: de Pascal a Schiller.* Trad. Francisco Settineri e Patricia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1999.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *O Amor nos tempos do cólera.* Tradução de Antonio Callado. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2009.

HASEGAWA, Alexandre Pinheiro. “A Peste” no *De rerum natura* (6.1138-1286) de Lucrécio – Parte I. In: *Estado da Arte: Revista de arte, cultura e ideias.* Estadão.

23/04/2020. <https://estadodaarte.estadao.com.br/a-pestes-de-rerum-natura-lucrecio/>

ISER, Wolfgang. *O Fictício e o imaginário.* Perspectivas de uma antropologia literária. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

LINS, Ronaldo Lima. “Thomas Mann e a tragédia do homem moderno”. *O Felino predador: ensaio sobre o livro maldito da verdade.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002, pp.47-72.

LITTLE, L. K. *A peste e o fim da Antiguidade: a pandemia de 541-750.* Cambridge University Press, 2007.

MANN, Thomas. *A montanha mágica*, de Thomas Mann³⁵ - Uma concepção política peculiar: Introdução à *Montanha mágica*”. Tradução: Richard Miskolci. In: *Revista de Ciências Sociais Perspectivas.* São Paulo, 19: 131-142.

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108124/ISSN1984-0241-1996-19-131-142.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em Dez./2002.

MANN, Thomas. *'Der Tod in Venedig' und andere Erzählungen.* Hamburg: Fischer, 1971. Pp.7-68.

MANN, Michael. Das Thomas Mann-Buch. *Eine innere Biographie in Selbstzeugnissen.* Frankfurt a.M./Hamburg: Fischer, 1963.

NUÑEZ, Carlinda F. Pate. “O Ciclone e o rio: Paisagens paradoxais na ficção de García Márquez”. In: VALLADARES, Henriqueta do C. Prado. *Paisagens ficcionais: perspectivas entre o eu e o outro.* Rio de Janeiro: 7letras, 2007. Pp. 27-42.

O.M.S. *Gripe pandêmica: um desafio em evolução*, 2018. Disponível em:

<https://www.who.int/influenza/pandemic-influenza-an-evolvingchallenge/en/> . Acesso 20/05/2022.

OLIVEIRA, Fábio Germano de. *HIV: Os 35 anos do “boom” da epidemia e a comunidade gay masculina.* Kindle. (2018).

³⁵ Conferência de Thomas Mann em maio de 1939 aos estudantes da Universidade de Princeton.

Um halo de morte ilumina a Veneza de Thomas Mann

ROSENFELD, Anatol. *Thomas Mann*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

SCHILLER, Johann Chr. Friedrich. *Lettres sur l'education esthetique del'homme I Briefe uber die ästhetische Erziehung des Menschens*. Trad. R. Leroux. Paris: Aubier, 1992.

SPYROU, M.A., MUSRALINA, L., SLAVI, Philip *et alii*. “The source of the Black Death in fourteenth-century central Eurasia”. *Nature* 606, 718–724 (2022).
<https://doi.org/10.1038/s41586-022-04800-3>

STOVER, Timothy J. “*Placata Posse Omnia Mente Tueri*: ‘Demythologizing’ the Plague in Lucretius.” *Latomus* 58, no. 1 (1999): 69–76.
<http://www.jstor.org/stable/41538594>. Acesso em 1º /03/2022.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: A Questão do Outro*. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

UJVARI, Stefan C. *História das epidemias*. São Paulo: Contexto, 2020.

LEOPARDI, O PESSIMISMO CÓSMICO E A PANDEMIA DA COVID-19

MARINÊS LIMA CARDOSO¹

FLAVIA SOBRAL DE HOLANDA MAIA²

GIULIANO MACHADO ABBAGLIATO³

O homem é resultado de um constante processo de experimentação, que tem início no momento em que ele nasce e termina quando ele morre. No entanto, esse processo não se conclui nesse exato ponto, pois a experimentação se torna experiência e esta se torna ensinamento que, então, é passado por meio das inúmeras gerações. A partir do ensinamento, seus descendentes irão comparar a própria experimentação com a experiência daquele que o antecedeu e criar, então, seu próprio processo. Esse ciclo que procede infinitamente é o que define culturas, tradições, crenças, e é esse processo que define a caracterização de um povo. Mas a experimentação e a criação não são frutos apenas do homem que as vive, mas, principalmente, da natureza que o cerca, dos acontecimentos que definem todo o mundo ao seu redor, e é nesse ponto que o processo de experimentação do homem é um eterno ciclo de renovação, pois este é baseado na mudança e na evolução de todo o grupo. Entretanto, essa transformação da natureza pode acarretar algumas mudanças que causam dor e sofrimento na humanidade, gerando um sentimento de pessimismo diante das dificuldades. Assim, pode-se destacar que a manifestação de tristeza e da expectativa pelo pior não é um processo que se iniciou a partir da pandemia da Covid-19, mas já é um conjunto de situações que vêm sendo vividas pelos brasileiros ao longo do tempo e que, a partir do início da pandemia, intensificaram-se.

Nessa perspectiva, que apenas enxerga uma piora constante da situação geral, pode-se estabelecer um diálogo entre esse mal-estar dos dias atuais e a visão pessimista, no que diz respeito à reflexão de Giacomo Leopardi (1798 – 1837) sobre a natureza. Diante das dificuldades impostas por essa pandemia, pode-se inferir que a humanidade se

¹ E-mail: marinesrj@yahoo.com.br. Docente de Literatura Italiana do Instituto de Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² E-mail: flaviasobral59@gmail.com. Graduanda do Instituto de Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

³E-mail: giuliano.abbagliato@gmail.com. Graduando do Instituto de Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

sente perseguida pela natureza que parece conduzir todos a um fim trágico. E quando se trata de um vírus letal, a premissa da perseguição da natureza parece verdadeira, pois, conforme a humanidade desmata as florestas e consome os animais portadores do vírus, estes procuram hospedeiros nos seres humanos para suprir as suas necessidades. Não se deve subestimá-los, pois se eles estão a bilhões de anos na Terra é devido à sua capacidade evolutiva. Os vírus se hospedam, alimentam-se e, quando se acredita que foram derrotados, eles se escondem, sofrem mutações e retornam mais fortes. A partir do momento em que os humanos prejudicam a natureza, ela demonstra sua força e não hesita em se livrar da humanidade, caso necessário. Talvez o pessimismo não seja exatamente um pessimismo, mas uma realidade inevitável.

Esse sentimento de pessimismo pode ser, na verdade, o reconhecimento da força da natureza e da fragilidade da vida humana. O filósofo e poeta Leopardi não era exatamente um pessimista, pois, apesar de ser o criador do termo do “pessimismo cósmico”, era um apaixonado pela vida e tinha noção da fragilidade dela. E nessa paixão, nesse reconhecimento da fragilidade, ele encontrou, no homem, uma forma diminuta de vida que está alheia às forças da natureza que o cercam e que está longe de ser realmente uma espécie dominadora do mundo ao seu redor.

Giacomo Leopardi nasceu em 1798, em Recanati, uma comuna italiana na região das Marcas, no centro da Itália. Filho de uma família nobre local, Leopardi teve uma excelente educação e, embora a família tivesse passado por grande dificuldade financeira, valorizavam a educação do pequeno Giacomo. Ainda criança, ele teve instrução eclesiástica, e seus primeiros contatos com a literatura e a erudição foram frutos do acesso às mais de vinte mil obras da biblioteca de seu pai. Desde os dez anos de idade, o autor em foco começou a escrever poesias e reflexões filosóficas, tanto em italiano quanto em latim.

Autodidata, Leopardi, de 1809 a 1816, ampliou seus conhecimentos, dedicando-se, exclusivamente, ao enriquecimento da sua cultura. Aprofundou o estudo das línguas latina, grega, francesa e hebraica e se dedicou aos estudos filológicos. Ainda nesse período de sete anos, Leopardi também escreveu obras eruditas e traduziu Homero, Virgílio, Horácio e Hesíodo, além de se dedicar à composição de poesias. Sensível e com problemas familiares, o autor de *Le operette morali* sofria de depressão. Sempre dedicando-se à pesquisa, Leopardi percebia a fragilidade da vida, o que o leva a conceber o conceito de “pessimismo cósmico”, que será explorado nesse trabalho, através da

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

análise da obra *Le operette morali*, mais especificamente no *Dialogo della Natura e di un Islandese*.

Le operette morali é um compilado de textos em prosa de argumento filosófico, divididos em contos e diálogos, escritos entre 1824 e 1832. Como destacam Guido *et al*, esse vasto material não é exposto através de um conceito doutrinal, mas através de uma série de invenções fantásticas, míticas e alegóricas: “Muitos desses textos são diálogos, cujos interlocutores são criaturas imaginárias, personificações, personagens míticos ou de fábulas (...) em outros casos são figuras históricas”.¹

Dentre esses textos, *Dialogo della Natura e di un Islandese* retrata a figura de um homem que, tentando fugir incansavelmente dos problemas que a natureza traz, acaba por se deparar com a manifestação dessa natureza em uma figura física. O diálogo ocorre quando o homem a encontra em uma ilha e é então recebido por ela:

Natureza: Quem és tu? O que queres tu aqui, onde tua raça é desconhecida?

Islandês: Sou um pobre islandês, fugindo da Natureza. Fujo dela desde que era uma criança, passei por centenas de partes diferentes do mundo, e agora continuo fugindo dela.

Natureza: Assim também foge o esquilo da cascavel, e corre apressadamente e deliberadamente para a boca de seu atormentador. Eu sou aquilo do qual tu fugistes.

Islandês: Natureza?

Natureza: Ela mesma².

O Islandês³, sentindo-se desafortunado, depara-se, então, com uma encarnação de seu próprio pessimismo, a sua fuga em busca de um lugar livre da própria natureza o carrega direto aos braços dela. Ele, então, prossegue a narração sobre todos os problemas que teve, dos quais, em sua visão, a Natureza é a culpada. Observa-se, nesse fragmento, que o homem, cansado e abatido, enumera as diversas dificuldades, terremotos, furacões, e como tais fenômenos naturais substituem a serenidade de um céu azul e sem tempestades: “Em outros lugares, céus sem nuvens são compensados com terremotos

¹ Tradução nossa: “*Molte delle operette sono dialoghi, i cui interlocutori sono creature immaginose, personificazioni, personaggi mitici o favolosi; (...) in altri casi si tratta di personaggi storici*” (2011, p. 107).

² Todas as citações do *Dialogo della Natura e di un Islandese*, de Giacomo Leopardi, foram traduzidas para o português pelos autores deste capítulo e foram retiradas desta edição: LEOPARDI, Giacomo. *Operette morali*. Introduzione e note di Saverio Orlando; con un breve dizionario ideologico. - Milano!: Biblioteca universale Rizzoli, 1994. - 372 p.: ill., 2 ritr.; 20 cm. - (Superclassici ; 112). CODICE ISBN FONTE: 88-17-1521.

³ Optou-se por grifar o Islandês com inicial maiúscula, uma vez que se trata de um personagem e, do mesmo modo, quando o termo natureza se referir a figura fictícia da obra em destaque.

frequentes, vulcões ativos e comoções subterrâneas. Em outros, furacões e redemoinhos tomam o lugar de outros flagelos.”

O Islandês trata a natureza e tudo aquilo que é natural com uma visão pessimista que enxerga apenas a si mesmo como centro de uma recorrência catastrófica. Para ele, o homem é o alvo e a Natureza, sua predadora, visão essa reforçada pela própria Natureza em sua fala seguinte. Mas não somente a doença e os eventos naturais, como também os animais são o alvo da crítica do islandês:

Bestas selvagens tentaram me devorar, sem a menor provocação da minha parte. Serpentes procuraram me envenenar ou me esmagar; e eu quase fui morto por insetos. Não faço menção dos perigos diários pelos quais o homem está cercado. Estes últimos são tão numerosos que um antigo filósofo estabeleceu uma regra, que para resistir a influência do medo, era bom temer tudo.

Para ele, tudo que é natural, tudo que não é humano, é fatal e irá persegui-lo e matá-lo. Essa visão pessimista parece ser exagerada, no ponto de vista de muitos, mas está muito presente até hoje em meio à sociedade brasileira, especialmente nos últimos anos. O Islandês apresenta, em seguida, a sua visão em relação às doenças:

Mas de qualquer maneira, abstendo-me quase sempre e totalmente de todo deleite, não pude deixar de incorrer em muitas e diferentes doenças, algumas das quais me colocaram em perigo de morte; outras que me fizeram perder o uso de algum membro, ou que me fizeram viver uma vida mais miserável do que o passado para sempre; e todos por vários dias ou meses oprimiram o meu corpo e a minha alma com mil privações e mil dores.

Pode-se observar uma semelhança entre as dificuldades enumeradas pelo interlocutor dessa obra, no século XIX, e as vivenciadas nos últimos dois anos, no século em curso. Assim como o Islandês, o indivíduo vive em um momento que pode ser traduzido nessas exatas palavras usadas no texto, pois a humanidade teve que se abster do deleite e do prazer e passou a viver encarcerada, experimentando, dia após dia, a privação da própria vida. Tudo isso devido a uma pandemia que alardeou o mundo inteiro. Da mesma forma que o Islandês revela, não há o que se fazer neste momento, pois o mal causado por essa pandemia estará em todos os lugares. O sentimento sufocante propagado pela pandemia não afeta a humanidade apenas por via da doença, o *lockdown* afeta o aspecto psicológico e a condição física de todos, criando uma sensação desconcertante que se aproxima de maneira nítida do “pessimismo cósmico” de Leopardi.

Nesse conceito *leopardiano*, a natureza é a causa da infelicidade humana no seu mecanismo imutável e, desse modo, todos os homens, de todos os tempos, em todos os lugares e em qualquer tipo de sociedade serão infelizes. Leopardi concebe a natureza como “mecanismo cego, indiferente ao destino das suas criaturas, no qual o sofrimento dos seres e a sua destruição é uma lei essencial, pois os indivíduos devem perecer para permitir a preservação do mundo”⁴. Assim, a humanidade sofre com as doenças, a velhice e a morte, que são elementos imutáveis e que compreendem a existência dos indivíduos.

Esse sentimento de pessimismo se intensificou nesses últimos dois anos, pois aliado ao medo de se contrair a doença, assistiu-se, também, à indiferença de muitas pessoas, que negligenciaram as recomendações feitas pelos especialistas nas áreas de saúde e ciência. É indiscutível que parte da população não pode fazer um isolamento prolongado, pois sua presença no local de trabalho era exigida, mas outras pessoas que, embora pudessem permanecer em suas residências, não o fizeram, desafiando, assim, as orientações preconizadas. Além disso, questionaram o uso de máscaras e a eficácia das vacinas, revelando um negacionismo diante da violência que o vírus representava e pode representar, ainda hoje. Além do negacionismo, tais pessoas evidenciam um comportamento de negligência em relação aos seus pares, pois colocam em risco a vida de tais pessoas, revelando falta de empatia. Nesse aspecto, pode-se chamar à cena Ronaldo Lima Lins, que, em *A indiferença pós-moderna*, destaca que os afetos humanos sempre foram caracterizados em todas as épocas por “agrados e desagradados” (2006, p. 111). O estudioso revela que o mesmo sentimento de paixão pode ser usado tanto para o amor quanto para o ódio ou reação. Ele acrescenta, ainda, que seria de se esperar que esse sentimento negativo pudesse nascer somente em uma sociedade propícia para esse estado, entretanto em algumas sociedades em que tudo parece satisfatório, pode, algumas vezes, manifestar-se esse estado de indiferença ou de acomodação: “O resultado se reflete no olhar, num exercício do ver sem enxergar, come se um dispositivo da lucidez abrisse e fechasse as comportas da emoção de acordo com as circunstâncias” (2006, 112). Na sociedade brasileira, já tão marcada por diversas mazelas, como a desigualdade social, a violência, o desemprego, entre outras, parece que, realmente, alguns se fecham em si mesmo e parecem não observar ao seu redor as dificuldades que se apresentam a muitas

⁴ Tradução nossa: “*meccanismo cieco, indifferente alla sorte delle sue creature, in cui la sofferenza degli esseri e la loro distruzione è legge essenziale, perché gli individui devono perire per consentire la conservazione del mondo*” (BALDI et al, 2011, p. 8).

peças. São experiências e estados negativos que desencadeiam e aumentam a sensação de pessimismo, como se verifica nesse estudo.

Dessa forma, pode se destacar que o pessimismo, aliado à mente desgastada psicologicamente, pode provocar depressão, gerando questionamento sobre o papel do indivíduo no mundo e o motivo da sua própria existência, assim como o Islandês o faz:

Mas me diga: por que estou aqui? Eu pedi para vir ao mundo? Ou eu estou aqui anormalmente, contrariamente à sua vontade? Se, no entanto, você mesma me colocou aqui, sem me dar o poder de aceitação ou recusa deste dom da vida, você não deveria, na medida do possível, tentar me fazer feliz ou pelo menos preservar-me dos males e perigos que tornam minha jornada dolorosa? E o que digo de mim mesmo, digo de toda a raça humana e de toda criatura viva.

Do mesmo modo como o Islandês vê na Natureza o motivo de todos os problemas, a sociedade contemporânea também procura alguém para culpar como responsável pela sua infelicidade, em uma tentativa de externalizar a própria angústia, questionando-se o motivo desse sofrimento. No início da pandemia, essa procura se voltou para a China e para as pessoas de origem asiática, conforme se pode observar na publicação de um artigo do jornal da USP em maio de 2021: “(...) foram 6.603 casos de violência registrados entre março de 2020 e março de 2021. De acordo com o Departamento de Polícia de Nova York, houve aumento de 1.900% nesses incidentes, além das denúncias que não são relatadas”⁵.

Ainda no mesmo jornal:

Atualmente, esses discursos têm como principal alvo a China, onde o coronavírus foi identificado pela primeira vez, mas a violência atinge toda a população de origem asiática. “As pessoas, em geral, não sabem diferenciar, olhando no rosto da pessoa, se ela é chinesa ou coreana”, afirma Lais. “Acabam todos sendo vítimas desse preconceito”, acrescenta. A pesquisadora ainda comenta que há um estereótipo que generaliza diferentes etnias, como se japoneses e chineses, por exemplo, fossem iguais.

A questão de gênero também tem relação com o racismo. Ainda segundo o levantamento do Stop Asian Hate, cerca de 65% dos casos de violência têm como vítimas as mulheres.

Essa procura pelo culpado e esse ciclo pessimista que geram agressões de vários tipos, começam a criar uma situação em que todos se tornam alvo da culpa, todos

⁵<https://jornal.usp.br/atualidades/populacao-de-origem-asiatica-e-vitima-de-violencia-e-preconceito-na-pandemia/>

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

começam a fazer parte deste “mundo que está tentando nos matar”. Fazendo isso, esquece-se de algo que a própria Natureza diz para o Islandês:

Tu esqueceste que a vida do mundo é um ciclo perpétuo de produção e destruição, tão combinado que um trabalha para o bem do outro. Por sua operação conjunta, o universo é preservado. Se cessasse, o mundo se dissolveria. Portanto, se o sofrimento fosse removido da Terra, sua própria existência estaria em perigo.

Dessa forma, pode-se destacar que, apesar de reconhecer a fragilidade da humanidade e saber que esta é pequena em comparação à natureza, o autor também sabe que a força natural opera em um ciclo sem distinção. A natureza, como explicada pela representação dela mesma, não é uma entidade consciente e, sim, um ciclo de eventos que operam em uma balança de causa e consequência. Essa questão permite retornar ao processo de experimentação explanado no início desse trabalho. Para Leopardi, o processo de experimentação é árduo, pois é um processo de sobrevivência e não de vivência, sendo assim, o homem não vive a natureza, mas sobrevive a ela. Alguns podem afirmar que hoje, em pleno século XXI, o homem domou a natureza, mas seria essa afirmação realmente uma verdade? A pandemia que aflige a humanidade é um processo natural e a evolução do vírus também o é, e, no entanto, por mais que se tenham criado inúmeras vacinas, o vírus não foi dominado. Diante disso, a única afirmação que se pode fazer, no momento, é que o homem acredita ter dominado a natureza.

Nesse período marcado pela pandemia, a sociedade precisou se manter isolada, com medo, sabendo que existia algo externo que era ameaçador, algo invisível que poderia entrar em sua residência a qualquer momento. Esse medo de não sobreviver unido à ansiedade de um futuro incerto são alguns dos sentimentos que podem vir a provocar o mesmo pessimismo verificado nas falas do Islandês, enquanto conversa com a natureza manifestada. O diálogo entre ambos termina com um questionamento dele:

Assim dizem todos os filósofos. Mas, uma vez que aquilo que é destruído sofre, e aquilo que destrói não regozija, e por fim este é destruído da mesma forma; me diga o que nenhum filósofo pode me dizer: quem gosta ou quem se beneficia desta vida infeliz do universo, preservado com danos e morte de todas as coisas que o compõem?

Pode-se questionar sobre quem se beneficiaria diante das destruições e infelicidades causadas pela natureza. Talvez o Islandês não tenha descoberto a resposta, uma vez que logo após a pergunta e outros questionamentos, ele fora devorado por dois

leões famintos, ou, de acordo com outros críticos, fora levado por uma ventania muito forte. A Natureza, implacável como sempre, finalmente tira a vida do homem, utilizando algum de seus muitos modos de agir. E, assim, o diálogo termina, mas o questionamento feito pelo Islandês permanece sem resposta. Como dito pela própria Natureza, seu ciclo não tem distinção e este, também, não tem fim. Pode-se afirmar que o destino da humanidade talvez seja, por fim, ser reivindicado pela própria natureza. Mas não será o próprio indivíduo, em sua ganância e visão de dominador, que ataca a própria Terra em que vive? Nos últimos anos, foram testemunhadas duas grandes tragédias que destruíram completamente as regiões de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais. Esses eventos devastadores que foram provocados pelo próprio homem e, agora, esquecidos, tiveram consequências catastróficas para a natureza e ainda poderão afetar à comunidade ao seu redor, em algum momento.

Pode-se afirmar, então, que a resposta para a pergunta do Islandês varia de acordo com a catástrofe da qual se trata. A visão do Islandês pode ser até muito simples, talvez, por este mesmo ter uma vida simples, sua única “inimiga” era a própria natureza. Talvez o interlocutor em destaque discordasse da famosa frase de Hobbes (1651), quando este disse que “o homem é lobo do homem” e, certamente, a sua experiência de vida poderia ser usada como prova, uma vez que ele mesmo fugira de bestas selvagens durante sua vida. Assim, pode-se destacar que o culpado, apontado pelo pessimista, sempre estará atrelado com a sua experimentação. Em alguns casos, o culpado é óbvio, não é apenas um evento aleatório da natureza, não é como quem culpa o destino por seus infortúnios, mas é um evento observado, um resultado de constantes negações que geraram o resultado final.

Essas reflexões podem se estender ao contexto atual, período marcado por muitos infortúnios, em que a humanidade vivencia experiências negativas, como aquelas oriundas da pandemia. Pode-se vislumbrar uma variação do pessimismo cósmico, mas em uma escala menor e que, ainda assim, atinge uma camada grande que cerca todos os seres humanos. Esse também é o resultado de experimentações que se modelam e se tornam experiências e que, por fim, integram a nossa cultura. O esquecimento das tragédias de Brumadinho e Mariana são frutos de um pessimismo político que sempre acredita que os culpados não serão punidos e que faz com que a própria sociedade se abstenha de agir pela mudança. É ainda nesse cenário que alguns indivíduos tentam fingir que a pandemia não existe, afirmando que muitas pessoas irão ficar doentes em algum

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

momento de suas vidas. Assim, o pessimismo se torna negligência e o medo da morte dá espaço à conformidade do próprio destino.

Diferentemente do Islandês, muitos brasileiros resolveram ignorar aquilo que poderia matá-los, ignorando o *lockdown*, quando era possível mantê-lo, e até mesmo a vacina. Esse grupo buscou resultados rápidos, sem embasamento científico, que também podem ser vistos como uma forma de conformismo provocada pelo medo e pela ignorância.

Assim, dentro desse longo cenário de tristeza, ignorância, pessimismo e medo, podem ser vislumbrados, em um primeiro momento, dois tipos de comportamento na sociedade. Um grupo seguiu as recomendações sanitárias, no que diz respeito ao isolamento físico, ao uso de máscaras e álcool em gel e à campanha de vacinação. Algumas pessoas puderam respeitar a quarentena e encontraram uma maneira de se reunir com amigos e familiares por meio de plataformas de reuniões on-line. Além disso, muitos indivíduos se mostraram solidários para aqueles que se encontravam no grupo de risco, como os idosos, oferecendo-se para fazer as compras no mercado ou farmácias, ou seja, tiveram cuidado com o próximo. A *Noknox*, startup de tecnologia, desenvolveu uma plataforma chamada “Vizinho do Bem” para ajudar a reduzir o número de pessoas circulando na rua. A plataforma conectava moradores dispostos a ajudar vizinhos que fazem parte do grupo de risco em tarefas como ir ao mercado, farmácia ou levar o cachorro para passear. O serviço é gratuito e foi um sucesso; em maio de 2020, foram cadastrados mais de cinco mil voluntários em quase quatrocentas cidades⁶.

Já outro grupo, que parecia desafiar o vírus e as suas consequências, ignorou as medidas protetivas de saúde, circulando sem o uso de máscaras e se recusou a tomar a vacina. Muitas podiam respeitar a quarentena, mas não o fizeram e se aglomeraram. Em abril de 2020, um mês após o decreto de quarentena no Brasil, o Datafolha apontou que 28% dos brasileiros não seguiram, total ou parcialmente, o isolamento social.⁷ Esse grupo parece esquecer que agindo assim, não está prejudicando só a si próprio, mas está colocando em risco seus familiares e pessoas do seu círculo de amizade. Nesse aspecto, são esclarecedoras as palavras de Lins: “As vítimas do descaso não se acham apenas na categoria do outro. Nada nos separa do conjunto, vítimas que somos como qualquer um de seu comportamento que agora passa igualmente como responsabilidade (ou falta de

⁶ <https://exame.com/tecnologia/startup-cria-plataforma-para-ajudar-vizinhos-em-quarentena/>

⁷ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/28-dos-brasileiros-nao-fazem-isolamento-contra-coronavirus-diz-datafolha.shtml>

responsabilidade) nossa (2006, p. 121). Ou seja, quando alguém nega essa doença ou se abstém de tomar as medidas necessárias para o seu combate, ele também sofrerá as consequências.

Esse perfil do brasileiro que se revela indiferente ao próximo parece não coadunar com o estereótipo do cidadão generoso e hospitaleiro, que se preocupa com o outro. Parece haver um consenso, na sociedade brasileira e até internacional, na afirmação de que o brasileiro é cordial e a própria sociedade, muitas vezes, se reconhece nesse conceito de autodefinição. No dicionário Houaiss (2010), a definição de cordial remete à demonstração de afabilidade, de boa vontade, de caloroso contato físico e concordância com pontos de vista alheios. Entretanto, Sérgio Buarque de Holanda, em 1936, trouxe à cena a discussão desse atributo, em seu livro *Raízes do Brasil*, através de um outro viés. Para o historiador paulista, o termo “cordial” tem na sua etimologia a palavra “coração”, que compreende o que se refere à esfera mais íntima de uma pessoa, o que revela que o homem cordial apresenta “um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (2010, p. 147). Sendo determinada pela esfera emotiva, a cordialidade pode, desse modo, manifestar-se tanto na hospitalidade direcionada para aquele que agrada quanto pode se expressar em um ato de violência contra alguém que desagrade, permitindo perceber que tudo vai depender das circunstâncias. Observa-se, desse modo, que, nessa característica de cordialidade atribuída ao brasileiro, não brotam apenas sentimentos positivos, mas, também, aqueles negativos. Para o estudioso, essa característica atribuída ao brasileiro seria superada pela urbanização da primeira metade do século XX, uma vez que a racionalização da sociedade moderna poderia controlar esse impulso emotivo do homem cordial, que não engloba apenas atitudes positivas. Como adverte Calligaris, na acepção de Sérgio Buarque de Holanda, cordial significa uma “maneira de se relacionar que se opõe e eventualmente desmente as relações abstratas próprias ao mundo moderno” (2005, p. 47) que na verdade corresponde a uma expressão e “pano de fundo do universo social do favor, em que dependências, exclusões e inclusões são vividas ao ritmo do coração” (2005, p. 51).

Discorrendo um pouco mais sobre esse conceito, Sérgio Buarque de Holanda afirma que o brasileiro não consegue separar a esfera pública da privada, ou seja, ele não consegue se inserir na impessoalidade da vida pública e se sente somente à vontade no ambiente familiar. Essa dificuldade de inserção na esfera prática e objetiva da vida pública seria um resquício da sociedade patriarcal, onde os indivíduos são guiados pelas manifestações do coração. Nessa sociedade, prevalece a ‘camaradagem’ entre aqueles que

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

apresentam um mesmo interesse. Nesse sentido, o comportamento do indivíduo seria ditado não pela razão, mas, pela subjetividade.

Essa discussão sobre o homem cordial, concebida por Holanda, mais especificamente sobre essa dificuldade de separar as instâncias pública e privada, permite estabelecer um diálogo com algumas afirmações da antropóloga Lilia Schwarcz. Em seu livro *Sobre o autoritarismo brasileiro*, a autora discorre sobre alguns elementos que, embora fossem práticas do passado brasileiro, ainda permeiam as relações na sociedade brasileira, como o patrimonialismo e o mandonismo. Para a estudiosa, o patrimonialismo é “resultado da relação viciada que se estabelece entre a sociedade e o Estado”, ou seja, é um processo em que os limites entre as esferas pública e privada se tornam invisíveis e se confundem (2019, p. 65). Pode-se pontuar que, nesse sentido, o indivíduo busca a sua satisfação individual, não se importando com a coletividade, ou quando muito, satisfazendo o interesse daqueles que lhe são importantes e caros. As relações não são guiadas pela razão, mas, pela emoção, ou melhor, pelas necessidades de atender a um grupo do qual se faz parte, independentemente se diz respeito a interesses que privilegiem apenas uma parte em detrimento dos demais. Para entender o patrimonialismo e mostrar como ele se enraizou no Brasil, Schwarcz traça um longo percurso da sociedade brasileira desde a época da colonização, destacando outro traço atrelado ao patrimonialismo: o mandonismo. No seu longo passado colonial, a figura do chefe de família que tinha posse e controle de vasta propriedade rural, incluindo os familiares, agregados e escravos, passou também ao domínio da esfera política, ampliando o seu controle. Surge, assim, o homem político que não consegue se afastar da esfera familiar e busca se aproveitar das benesses da vida política, favorecendo aqueles lhes são mais próximos, mas, também, cobrando pelos “favores” concedidos. Para a antropóloga paulista, estava moldado, então, o modelo da sociedade patriarcal “a família (do senhor) funcionando como esteio e anteparo, real e simbólico, para toda a organização social” (2019, p. 43).

Esse líder político que busca agradar quem o segue e compartilha as suas ideias e que se mostra autoritário e severo aqueles que se rebelam se revela bem atual no cenário brasileiro. O contexto se deslocou do campo para a cidade, mas a figura mítica do pai político da época colonial adquiriu uma nova roupagem, trazendo à cena o líder idealizado com o discurso de ruptura com as velhas práticas políticas. Entretanto, observa-se que, ainda hoje, em pleno século XXI, parece reinar a prática do patrimonialismo, pois, uma vez no poder, alguns políticos fazem uso do Estado para fins privados, com o “entendimento, equivocado, de que o Estado é bem pessoal, ‘patrimônio’ de quem detém

o poder” (SCHWARCZ, 2019, p. 65). Assim, em uma atitude de descaso, ao invés de usar a notoriedade que possuem para alertar a população sobre as medidas a serem tomadas, eles preferem o caminho contrário, parecem não ouvir as orientações dos especialistas do seu próprio governo e se tornaram indiferentes às consequências da pandemia nesse período.

Pode-se afirmar que esses dois últimos anos foram marcados por um forte pessimismo diante da fragilidade da vida frente a um vírus que levou a morte para milhares de famílias. Leopardi já indicava, no século XIX, que o destino da humanidade era a infelicidade, pois a natureza pode impedir a felicidade humana através de alguns elementos, como a doença. A sociedade se sente, assim, fragilizada diante de uma pandemia que mudou as relações entre as pessoas, tanto de modo negativo quanto positivo. Podem ser vislumbrados, pelo menos, dois caminhos, um em que as pessoas buscam se proteger, ajudando-se umas às outras e adotando medidas que visam à preservação do próximo e, outro, em que um grupo parece desafiar o vírus, através de atitudes de indiferença. Neste último, alguns se recusam a adotar meios de precaução que objetivam a proteção individual bem como a coletiva, descortinando um comportamento que não se adequa à ideia do brasileiro caracterizado como cordial.

Observou-se que a definição empreendida por Sérgio Buarque de Holanda sobre o homem cordial se revela muito pertinente aos dias de hoje, pois, a vontade individual prevalece ainda sobre o interesse coletivo. Ou seja, contra todas as recomendações e evidências sobre as consequências da epidemia, alguns brasileiros se mostraram indiferentes e preocupados somente com os seus interesses particulares. Esse grupo age de acordo com os seus anseios e não se preocupa com o bem comum, com a coletividade e com as recomendações feitas pelos especialistas.

Por outro lado, um grupo bem grande se pautou pela razão, ou melhor, pela ciência, na medida em que seguiu as orientações feitas pelos especialistas para combater o vírus que se alastrava no mundo. Como apontado anteriormente, grande parte da população que pode se isolar por um período o fez, o uso da máscara de proteção e do álcool em gel foi uma realidade para esse grupo e a busca pela vacina se tornou uma preocupação e uma rotina para muitas brasileiras e brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BALDI, Guido et al. *Testi e storia della letteratura*. Vol. E. Milano: Pearson Italia, 2011.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

CALLIGARIS, Contardo. “Do homem cordial ao homem vulgar”. In: *Cordialidade à brasileira – mito ou realidade?* Org. João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: Ed. Museu da República, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOUAISS. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LEOPARDI, Giacomo. *Operette morali*. Introduzione e note di Saverio Orlando; con un breve dizionario ideologico. - \Milano!: Biblioteca universale Rizzoli, 1994. - 372 p.: ill., 2 ritr.; 20 cm. - (Superclassici ; 112). CODICE ISBN FONTE: 88-17-1521

LINS, Ronaldo Lima. *A indiferença pós-moderna*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019

LITERATURA E RESISTÊNCIA: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA

Laura Barbosa Campos¹

"não há quem goste de ser número
gente merece existir em prosa."
Edson Pavoni²

Durante o primeiro ano da pandemia de Covid-19, as vendas de *A Peste*, romance do franco-argelino Albert Camus (1913-1960), publicado originalmente em 1947, cresceram vertiginosamente. Segundo o site francês *Edistat*, desde o final de janeiro de 2020, momento do surgimento dos primeiros casos da doença na França, as vendas quadruplicaram, tendência que se manteve nos meses subsequentes.

O livro de Camus apresenta várias camadas de leitura, sendo uma das mais evidentes a correlação entre a doença e o nazismo, uma vez que o livro fora, em grande parte, redigido durante a Ocupação nazista na França na Segunda Guerra mundial. A dimensão alegórica é anunciada desde a epígrafe, trecho extraído do romance *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe: "É tão válido representar um modo de aprisionamento por outro quanto representar qualquer coisa que de fato existe por alguma coisa que não existe". O paratexto enfatiza a peste como a representação ficcional do sentimento de aprisionamento, sensação muito presente na população francesa durante a Ocupação.

Sabemos com Calvino (2020, p. 11) que "um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer" e, ainda, que sua retomada "é uma leitura de descoberta como a primeira." A releitura do romance de Camus me despertou a sensação de descoberta evocada por Calvino, fez-me pensar sobre minhas diferentes leituras pessoais do clássico de Camus, em variados momentos de vida. Li *A Peste* pela primeira vez ainda muito jovem, com o olhar ingênuo da adolescente aluna da Aliança Francesa de Juiz de Fora, a experiência me proporcionou aperfeiçoamento linguístico em francês e vários pesadelos com ratos. Anos depois, reli o romance de Camus, já mais madura e focada, sobretudo, na ideia da peste como a alegoria do nazismo, ou seja, o processo aconteceu à luz de uma determinada perspectiva histórica bastante específica. Em 2020, o fato de buscar reler *A Peste*, assim como fizeram milhões de pessoas pelo mundo afora, talvez tenha sido uma tentativa de simbolização do acontecimento

¹ laurabcampos9@hotmail.com. Docente de Língua Francesa, UERJ/ Instituto de Letras.

² Disponível no site do Memorial *Inumeráveis*.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

traumático, e a leitura foi uma aliada no processo de reconstrução de si e do sentido da vida, foi “*A arte de ler ou como resistir à adversidade*” – como propõe o belo título de Michèle Petit, que ressalta a arte de ler como um processo que diz respeito a si mesmo e também dos outros, expressando ideias em sociedade.

Voltar-se para a leitura da epidemia ficcional de Orã em meio à pandemia real do coronavírus e ao pandemônio político brasileiro, foi, certamente, uma estratégia de reação à crise, ao desamparo e ao abalo no sentimento de continuidade, foi a minha linha de fuga e a de tantos outros leitores. Mais uma vez, sigo na esteira de Calvino sobre a recepção de uma narrativa clássica:

O clássico não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma **relação, de uma pertinência**³. (2020, p.12)

Encontrar e construir narrativas traz essa “relação de pertinência” ao legado de experiências, tradições e práticas humanas.

Pandemia global e pandemônio nacional: o que *A Peste* pode nos dizer?

Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo igual número de pestes e de guerras. E, contudo, as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas." (CAMUS, 2014, p.40).

Todos os personagens do romance de Camus apresentam comportamentos que respondem à pergunta: o que fazer diante da peste? Cada um deles encarna uma reação distinta diante do flagelo. De políticos negacionistas a aproveitadores inescrupulosos, passando pelo olhar punitivo da religião, simbolizado no romance pelo personagem do padre Paneloux, mas também a presença daqueles que resistem de forma combativa ao mal, que são emblematizados na figura do médico Bernard Rieux, incansável na luta

³ O grifo é meu.

contra a doença. Lamentavelmente, há pouquíssimas personagens mulheres mencionadas no romance, todas com atuação secundária⁴.

O livro é dividido em cinco partes vinculadas ao ritmo das estações do ano e, sobretudo, à evolução da epidemia. Percebe-se uma estrutura dramática da narrativa iniciada com o crescimento rápido do número de mortos, em uma curva ascendente. Em seguida, no outono, alcança-se uma certa estabilização da situação sanitária e, finalmente, uma curva descendente do número de vítimas no inverno. Esse efeito dramático é reforçado pela insistente indicação das estatísticas, sobretudo na primeira parte do romance, momento em que nós, leitores na pandemia do século XXI, encontramos uma familiaridade com os números mortíferos da ficção.

A primeira parte do romance corresponde à descoberta do vírus. Existe a nítida utilização de um campo semântico bélico para evocar a doença ou para caracterizar a situação epidêmica. Ao final, anuncia-se: “Declarem o estado de peste. Fechem a cidade.” (CAMUS, 2014, p.64). A mobilização desse campo semântico evidentemente não é gratuita e foi bastante eloquente para o leitor francês no imediato pós-guerra.

É interessante pensar na recorrência do mesmo vocabulário marcial em relação à Covid-19, vale lembrar o pronunciamento do Presidente francês, em março de 2020, anunciando a “guerra sanitária”. A fala de Emmanuel Macron foi duramente criticada pela escritora Annie Ernaux, em carta aberta divulgada nas mídias francesas. A escritora contesta a retórica bélica empregada pelo Presidente para se referir ao corona vírus e condena a política neoliberal do governo. “Hoje, embora o senhor o declare, não estamos em guerra, o inimigo aqui não é humano, não é nosso semelhante [...]”⁵ (ERNAUX, 2020), afirma a escritora. Ela ainda destaca que o papel fundamental dos trabalhadores invisibilizados durante a pandemia: lixeiros, entregadores, caixas de supermercado. Trazendo para o contexto brasileiro, eu acrescentaria também o grupo das trabalhadoras domésticas ao comentário de Ernaux. Essa atividade exercida majoritariamente por mulheres foi uma das mais impactadas pela pandemia, conforme comentarei mais adiante.

Retomando o livro de Camus, a epidemia na cidade de Orã mostra seus primeiros sinais através do surgimento gradativo e rápido de ratos mortos pela cidade. A primeira vítima da doença é o porteiro-zelador Michel, aquele cuja ocupação consiste em proteger

⁴ Os únicos nomes femininos mencionados são Nicole e Jeanne. Todas as outras personagens femininas são apenas definidas a partir de um homem. Como "noiva de Rambert" ou "mãe de Rieux", por exemplo. Não desenvolveremos essa questão aqui.

⁵ « Aujourd’hui, quoique vous le proclamiez, nous ne sommes pas en guerre, l’ennemi ici n’est pas humain, pas notre semblable [...] ». Tradução minha.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

e cuidar do prédio, é o primeiro a sucumbir à doença. A partir dessa morte, as portas estão simbolicamente desprotegidas, o vírus penetra no interior da moradia dos personagens e se espalha rapidamente por toda a cidade. Quanto a uma origem externa da doença, frequente em narrativas que tematizam pestes, e a esse diferencial do livro de Camus, Eurídice Figueiredo destaca:

O Mal está escondido até que os ratos saem das profundezas dos esgotos e vêm morrer na cidade. Note-se que a peste não vem de longe, como em Tucídides, Boccaccio, Defoe e Artaud, o que marca seu início é o surgimento de ratos mortos na cidade. Todavia, é importante destacar que o romance se passa na África do Norte, não na Europa. Ainda que a Argélia fosse o país de nascimento de Camus, portanto, era normal que ele situasse o romance em Orã, cidade em que morou, pode-se conjecturar que a África já é excêntrica, do ponto de vista de um leitor francês, portanto, o flagelo é nativo dali mesmo. (FIGUEIREDO, 2021, p.187)

Mesmo considerando que, sob o ponto de vista do leitor francês, a África já é periférica, a reação do porteiro Michel marca uma recusa em admitir a origem do problema em seu espaço-território. O personagem nega a presença de ratos mortos no prédio e prefere acreditar que aquilo tenha sido uma farsa orquestrada por garotos levados, por mais que o médico Rieux lhe garantisse que os ratos mortos eram preocupantes, "a convicção de Michel permanecia firme. Não havia ratos na casa e certamente, esse tinha sido trazido de fora. Em resumo, tratava-se de uma brincadeira." (CAMUS, 2014, p.13).

A insistência em atribuir uma origem externa à doença, presente de forma subliminar em Camus, e de forma explícita nos autores elencados por Eurídice Figueiredo, lembra o comportamento dos políticos que, em 2020, trataram o SARS CoV 2, como o "vírus chinês", notadamente o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump e o presidente brasileiro.⁶

No momento da redação deste texto, o Brasil registra o alarmante número de mais de 664 mil vítimas fatais do coronavírus. É difícil apreender a dimensão de tantas mortes, sobretudo porque somos privados dos rituais fúnebres das vítimas, mais um lado perverso da doença. Na epidemia de Orã, o narrador divaga sobre a questão das estatísticas dos mortos e sobre a necessidade de nomeá-los, de personalizar os mortos. "É visto que um homem morto só tem significado se o vemos morrer, cem milhões de mortos esfumaçam-se na imaginação." (p.41). As pessoas passam a ser números e as biografias desaparecem,

⁶ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51963251>

o que nos distancia, retira de nós a possibilidade de sofrer verdadeiramente o luto. O narrador camusiano tenta dar alguma concretude às estatísticas, sugere que dez mil mortos são cinco vezes o público de um grande cinema e diz:

Aí está o que se deveria fazer. Juntar as pessoas à saída de cinco cinemas para conduzi-las a uma praça da cidade e fazê-las morrer em montes para se compreender alguma coisa. Ao menos se poderiam colocar alguns rostos conhecidos nesse amontoado anônimo. Mas, naturalmente, isso é impossível de realizar [...]. (CAMUS, 2014, p.41)

Dar nome aos mortos, retirá-los do anonimato e materializar a memória das vítimas é um trabalho essencial na elaboração do trauma da covid que tem sido empreendido em muitos países. No Brasil, essa é a proposta do portal *Inumeráveis*, memorial virtual concebido pelo artista Edson Pavoni⁷ em homenagem às vítimas do coronavírus. Além de funcionar como uma espécie de epitáfio, para que as famílias possam realizar o trabalho de luto em sua singularidade, os registros do Memorial de Pavoni constituem uma fonte determinante para a construção da memória coletiva da pandemia. O portal é atualizado regularmente e resgata a identidade dos mortos, apresentando nome completo, idade e uma breve biografia. Pensando também nas vítimas anônimas, a antropóloga Débora Diniz e o artista plástico Ramon Navarro criaram o perfil de Instagram Reliquia.rum, com o intuito de homenagear e tornar visíveis algumas das mulheres vítimas da Covid-19 no Brasil. Assim como o narrador de Camus buscava rostos nas estatísticas de mortos, o Reliquia.rum é um álbum de memórias dos números de mulheres mortas através de rostos imaginados. Diniz explica:

Se os números de mortos no país tiveram que ser contados por mecanismos alternativos à transparência do Estado, como o consórcio de imprensa, passei a imaginar como contar a história dos números por rostos imaginados. As notícias eram fragmentos da realidade desaparecida – uma professora morta numa pequena cidade, uma enfermeira que adoeceu cuidando, uma velhinha esquecida em um abrigo. [...] Em poucas notícias, havia um rosto, um nome ou mesmo biografias. (DINIZ, 2020, P.56)

O confinamento é para quem pode

A primeira vítima da Covid no Brasil, foi a diarista Rosana Aparecida Urbano, em São Paulo, no dia 12 de março de 2020, aos 57 anos. Uma semana depois, o Estado do

⁷ O memorial virtual *Inumeráveis* é uma obra do artista Edson Pavoni em colaboração com Rogério Oliveira, Rogério Zé, Alana Rizzo, Guilherme Bullejos, Gabriela Veiga, Giovana Madalosso, Rayane Urani, Jonathan Querubina e os jornalistas e voluntários que continuamente adicionam histórias ao memorial.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

Rio de Janeiro também registrou sua primeira vítima, mais uma vez, uma trabalhadora doméstica. “Qual seria o nome dessa senhora?”, indagou Djamila Ribeiro em artigo no jornal *Folha de São Paulo*, ao saber da morte de mais uma empregada doméstica não nomeada. A pergunta da filósofa é o gatilho para o projeto Reliquia.rum, da antropóloga Débora Diniz, que publica:

A primeira mulher a morrer no Rio de Janeiro é sem nome. Sabemos que era empregada doméstica. Morreu porque não lhe avisaram que a patroa estava doente. Deixou filhos. Deixou em nós a cicatriz do que faz a herança colonial neste país.⁸

O nome dela era Cleonice Gonçalves, tinha 63 anos e teve contato com a empregadora que retornara contaminada da Itália. Efetivamente, as trabalhadoras domésticas foram as primeiras a sofrer o impacto da pandemia no Brasil. A anomia imposta pelo período acentuou as desigualdades sociais e de gênero. Em prefácio para a edição brasileira do livro *Um feminismo decolonial* (2020), Françoise Vergès sublinha as desigualdades do confinamento:

Entre os elementos do confinamento que contribuem para as diferenças de classe, gênero e racialização, há aqueles/aqueles que vivem em 12m² e aquelas/aqueles que vivem em 150 m², aquelas/aqueles que podem usar o serviço de delivery ou não, aquelas/aqueles que têm como se cadastrar em diversos sites de streaming ou não, aquelas/aqueles que possuem uma boa banda larga para garantir cursos em casa ou não, aquelas/aqueles que podem ajudar as crianças com os deveres em casa ou não, aquelas/aqueles que têm computador e impressora em casa ou não, estrangeiros/as legalizados/as ou não, aquelas/aqueles que estão financeiramente confortáveis ou não, as mulheres e crianças que vivem com seus companheiros violentos, as mulheres sozinhas com crianças [...]. (2020, p.21)

No Brasil, muitas trabalhadoras domésticas, desprovidas dos equipamentos de Estado, como creches e escolas, foram obrigadas a levar seus filhos pequenos para o trabalho. Como não pensar na tragédia com o menino Miguel? A criança de cinco anos que caiu da janela de um prédio de classe alta em Recife em 2020, enquanto estava sob os “cuidados da patroa”, porque sua mãe, a empregada doméstica Mirtes Santana, fora encarregada de passear com o cachorro da família.

A emergência sanitária na qual fomos lançados exacerbou as vulnerabilidades preexistentes e deixou claro que, não apenas a vivência do confinamento é desigual, mas também os impactos da pandemia variam nas diferentes camadas da população. O grupo

⁸ @reliquia.rum . Ver figura 1 em anexo. [arte: @ramondebh]

de trabalhadoras domésticas, constituído majoritariamente por mulheres negras⁹, foi especialmente atingido, seja pelo aumento do desemprego, seja pela imersão total no risco, presente no acentuamento da violência doméstica e ou pela maior exposição ao vírus.

As questões relacionadas às trabalhadoras domésticas ainda são pouco estudadas no meio acadêmico no Brasil. Um dos estudos pioneiros sobre o tema foi: *Emprego doméstico e capitalismo* (1978), da socióloga Heleieth Saffioti. Mais recentemente, percebe-se avanços no interesse pela temática, embora ainda tímidos. Na literatura brasileira contemporânea, as narrativas nas quais personagens trabalhadoras domésticas ocupam posição central e subjetividades bem desenvolvidas também são escassas.¹⁰ Uma das primeiras publicações a tematizar a questão do trabalho doméstico dentro do contexto da pandemia foi a narrativa gráfica *Confinada* (2021), do roteirista Leandro Assis e da ciberativista feminista Triscila Oliveira.

Confinada é uma história ficcional que traz muito do Brasil real. O leitor acompanha a expansão da doença sob duas perspectivas opostas, a de Françoise (de ascendência francesa), mais conhecida como a influenciadora digital Fran Clemente, e a de Ju, trabalhadora doméstica cujos ancestrais foram “arrancados da África” (2021, p.25), como a personagem explica para a filha no início da narrativa. Para garantir o sustento da família, Ju concorda em passar o confinamento no local de trabalho, ou seja, no apartamento de Fran. Inicia-se, assim, uma difícil convivência entre as duas mulheres representantes de dois mundos que coexistem sob a marca do racismo estrutural brasileiro, da violência social e da exploração. Como aponta Vergès: “O confinamento é uma política de ricos. Ele é apenas um exemplo, entre tantos outros, de uma organização do mundo fundada sobre a exploração e a fabricação de vidas supérfluas” (2020, p.22).

Para Fran, mulher “rica, branca e magra” (2021, p.38), termos usados pela personagem em relação a si própria, o confinamento imposto pela pandemia é a oportunidade de “fazer um balanço”, “buscar novos desafios” e, sobretudo, amearhar novos seguidores em suas redes sociais e faturar mais com publicidade. Depois de propor exercícios físicos para fazer em casa, a socialite comenta: “o segredo é esse, galera: comer

⁹ Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 18,6% das mulheres negras se dedicam ao trabalho doméstico no Brasil (os dados são de 2018). https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35255

¹⁰ Nesse sentido, destaco o belo romance *Solitária* (2022), de Eliana Alves Cruz. A obra narra a intimidade de vidas segregadas ao quatinho de empregada (no diminutivo mesmo!). As narradoras são Eunice, sua filha Mabel e as paredes do quarto. O caso do menino Miguel está presente no universo ficcional elaborado por Cruz.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

certo, treinar pesado e dormir bem. Basta isso prá tirar a quarentena de letra” (p. 11). Rotina bem diferente daquela de Ju, mulher preta, moradora da periferia da cidade do Rio de Janeiro e sobrecarregada com acréscimo de afazeres na quarentena.

Todas as trabalhadoras domésticas de Fran tiveram que deixar o emprego para cuidar de seus filhos e pais idosos, apenas Ju permanece morando no local de trabalho, com conseqüente acréscimo de afazeres, além de estar privada do convívio com sua família – composta pela filha e pela mãe¹¹. De seu quarto de empregada, Ju troca mensagens com a filha pequena e acompanha de longe todos os dramas da menina durante a pandemia, como as dificuldades com o ensino remoto, a falta de equipamentos adequados, as impossibilidades da avó. Diversos pontos anteriormente elencados por Françoise Vergès, o que expressa a presença de vivências coletivas na ficção de Ju. Assim como no romance *Solitária*, em *Confinada*, o exíguo quarto de empregada, a “senzala moderna”¹², nos termos de Preta-Rara, metaforiza o aprisionamento e a dominação presentes nessa cruel arquitetura da opressão. Nas duas publicações, os espaços físicos e simbólicos refletem a triste herança colonial brasileira. Em determinado trecho de *Confinada*, a personagem Ju constata: “Só ódio explica ter um apartamento de mil metros quadrados e colocar a empregada num quartinho de dois. Sem ar-condicionado.” E acrescenta:

Figura 2:



Fonte: *Confinada* (2021, p.109)

¹¹ Subentende-se que a personagem de Ju é mãe solo.

¹² “A senzala moderna é o quartinho da empregada”, subtítulo do livro *Eu, empregada doméstica* (2019), de Preta-Rara, ex-trabalhadora doméstica e atual deputada federal pelo Partido dos trabalhadores do Rio de Janeiro.

A narrativa visual de Leandro Assis e Triscila Oliveira ficcionaliza, em estilo ácido, as diferentes realidades do confinamento entre as mulheres. As questões de gênero são tratadas dentro das múltiplas interseccionalidades que as compõem, além da obra mobilizar temas determinantes durante a pandemia, como a instrumentalização política do uso da máscara, o mundo das redes sociais e a chegada das vacinas.

Considerações finais

A experiência traumática que vivenciamos diz respeito também à pandemia dentro da pandemia, aquela de um Brasil desgovernado, de negacionistas pseudocientíficos e de violência.

Trabalhos como *Inumeráveis* e *Reliquia.rum* são essenciais para que os mortos deixem de ser números e passem a ser biografias pelas quais realizamos o luto. Além disso, as manifestações artísticas e literárias, sejam elas clássicas como o romance *A Peste*, sejam da ordem da cultura contemporânea, como a narrativa visual *Confinada* atuam como lentes de contato da realidade e contribuem para reagenciamentos individuais e coletivos.

A experiência da pandemia foi, e ainda é, uma catástrofe de proporções humanitárias, sociais e econômicas, impactando todo o Planeta. Entretanto, esse impacto atravessa os diferentes corpos de mulher de maneira desigual, o vírus é democrático no plano teórico, mas elitista nos efeitos e desdobramentos. Essa crença no caráter universal da doença é desconstruída no texto de Triscila Oliveira e Leandro Assis, que expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais, mas também são construtoras da experiência. O totalitarismo é realmente o pior dos bacilos e ele “não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos desaparecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada.” (CAMUS, 2014, p.291)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. *Confinada*. São Paulo: Todavia, 2021.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

CAMUS, Albert. *A Peste*. Tradução de Valérie Rumjanek. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.

CRUZ, Eliana Alves. *Solitária*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DINIZ, Débora. Revista DARCY nº24. “Álbum de Memórias”. In: Revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília, 2020. Disponível em : <https://revistadarcy.unb.br/edicao-n-24> Acesso em: 22 abril 2022.

ERNAUX, Annie. "Sachez, Monsieur le Président, que nous ne laisserons plus nous voler notre vie..." disponível em <https://www.franceinter.fr/emissions/lettres-d-interieur/lettres-d-interieur-30-mars-2020> Acesso em : 21 abril 2022.

FIGUEIREDO, Eurídice. "A peste de Camus em diálogo: epidemias do passado, pandemia do presente." *Revista Aletria*, 2021

INUMERÁVEIS. Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/> Acesso em: 21 abril 2022.

EDISTAT. Disponível em <https://www.edistat.com/> Acesso em: 22 abril 2022.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2012.

PRETA-RARA. *Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho de empregada*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

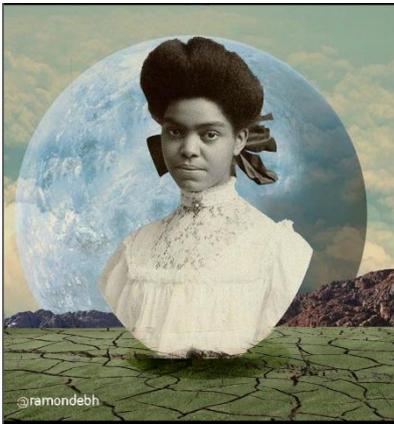
RIBEIRO, Djamila. “Doméstica idosa que morreu no Rio cuidava da patroa contagiada pelo coronavírus”. Folha de São Paulo, 19 de março de 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/03/domestica-idosa-que-morreu-no-rio-cuidava-da-patroa-contagiada-pelo-coronavirus.shtml> Acesso em: 20 abril 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. *Emprego doméstico e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1978.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São paulo: UBU, 2020.

Anexo

Figura 1:



Fonte: Instagram: @reliquia.rum [arte: @ramondebh]

FICÇÃO?

PARA OCUPAR VAZIOS

Monólogo por Carmem Teresa do Nascimento Elias¹

Cenário: um cômodo a meia luz, com uma cama, alguns livros e discos, duas máscaras decorando uma parede (Comédia e Tragédia), um abat-jour, uma poltrona ao centro, uma mesa ao fundo com microscópio e ao lado uma luneta.

Cena de abertura: Poltrona coberta por um lençol. Foco de luz fraca sobre a poltrona. Semiescuro no restante do palco. Silêncio e inatividade. Aos poucos, surge som em off de respiração, em crescendo. Suspense. Silêncio.

A personagem Clara emerge da poltrona. Corpo envolto em um lençol como proteção. E libera aos poucos o lençol que escorrega pela face. Inicia o monólogo e vai se levantando da poltrona enquanto o foco de luz se reforça sobre ela. Começa a fala pausadamente e segue adquirindo força e vivacidade.

Eu me escondo.

Eu me escondo

No medo.

(Clara se descobre e sai da poltrona). Não me escondo por medo.

(Clara pega um boneco ou máscara assustadora, olha e joga longe). Não tenho um medo interior por alguma ameaça externa. O mundo exterior carrega o invisível, um perigo esperado ou imaginado, porém invisível. O mundo não sou eu.

Tampouco me escondo do medo. Não tenho medo de sentir medo. (faz careta) Não o evito. O medo não me assusta. Ao contrário, ele me conforta e até me causa segurança...

Eu me escondo mesmo NO medo. Dentro do medo. Nos detalhes no interior do medo. Na minha intimidade com ele. Ali, onde EU SOU VISÍVEL!

¹ E-mail: carmemteresaelias@hotmail.com. Docente pós-graduada em Letras, pesquisadora e palestrante em Literatura Comparada; Escritora com 9 livros publicados (poesias, contos, romance juvenil) e Artista plástica.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

(Clara passa a caminhar pelo cômodo)

Estou desempregada no meio de uma quarentena na qual eu poderia estar ajudando muita gente! Sou profissional de saúde, sou uma médica altamente qualificada, ousei denunciar práticas errôneas a mando de uma política de saúde diabólica. E agora, demitida por causa da verdade, estou trancafiada no meu próprio quarto sem servir para nada. Um tênue limite entre a vida e a peste se esgarça como véus, vultos, nevoeiros e poeira. Distorções. Dias côncavos, noites convexas. Dias sem imagens nítidas, sem espelhos planos, sem realidade fidedigna. Dias seguidos de um pesadelo que parece não ter fim. Nessas noites em desabafo, em que alguém como eu fica caminhando na escuridão pela casa, em busca de alguma variação de rumos, é com o medo que se chega à constatação do descartável: não há mais ninguém pelo quarto da intimidade, nem pela sala das aparências. Só eu e o medo!

Não há do que se acanhar dessas ressonâncias. Somos esquecidos. Somos esquecidos no cetim de uma fronha macia, somos esquecidos na janela entreaberta que arrisca mostrar horizontes frente a um mar sem fim, para um céu sem fim, para um silêncio sem fim, para uma morte sem fim. Somos esquecidos na solidão. Solidão: origem do infinito!

Sabe, é nessas horas em que podíamos fazer tanto e somos podados, que nos escondemos, e somente podemos nos esconder, NO medo e sua materialização: a solidão. Para andar pela solidão é preciso se escorar à rudeza de alguma parede e visualizar o quão ociosos nós somos e, ainda assim, saber nos segurarmos e assegurar alguma paz ao ambiente!

É... nessas horas de inutilidade e escuridão é que se enxergam os vazios na concavidade distorcida do exagero que é SER!

(Clara se aproxima de uma fenda na parede, um buraco de onde pode ter caído um prego, talvez. Clara toca essa fenda e força que o emboço se esfarele)

Nessas horas é que se descobre que nós somos assim: (continua raspando com os dedos os farelos por várias partes das paredes do cômodo) Pequenos grãos que seguem a ser dissolvidos. Eis a verdade da vida que escorre de minhas mãos. Milhões de farelos de vida humana, mortos, como areia e cimento.

Para ocupar vazios

Nessa hora sem qualquer fatura, eu acendo um pequeno abat-jour. (acende a luminária junto a uma rachadura)

Sabe, essa luz, delicada, realça a escuridão! Ela realça ainda mais as rachaduras na parede: a lenta argamassa do esquecimento... esses menores fragmentos que fogem e escapam para o fim!

(Pega algumas fotos antigas, algumas na parede, outras sobre os móveis)

Tenho lembranças? Serei lembrança? Ah!... Essa poeira de emboço vai, lentamente, se soltando da ruína que um dia virá a ser a totalidade da própria parede.

(olhando as fotos, algumas com as bordas rasgadas) Minha avó, meu pai, meus tios...

Quanto mais perto eu observo esses farelos, mais detalhes eu descubro na fragilidade da alma. Não só o corpo é frágil.

(Clara se move para perto de um aparelho de som e, ao vê-lo, para e pega um disco)

Hoje esqueci-me de tocar um CD, mas se ligar o aparelho para evitar o silêncio infinito, inevitavelmente ouvirei, outra vez, o suave *Coro dos Escravos* de Verdi a ecoar no pensamento: (liga a música da ópera Nabuco e entoa o canto acompanhando o coral, cantando e gesticulando como uma diva) ‘Vá, pensiero, sull’alii dorate!’ Vá, pensamento, sobre asas douradas...

Lembrarei a ópera, a obra, os homens escravos a se agarrar às grades e a escalar o desespero da própria aceitação, como se fossem cacos tentando ocupar o infinitesimal espaço cedido pela poeira da desintegração. Os hebreus... Nabucodonosor... O Primeiro Templo em Jerusalém ruiu. Babilônia também...

Tantas vezes assisti a essa ópera. Tantas vezes cantarolava para aliviar a tensão da UTI. Tantos pacientes aprisionados ao leito e aos aparelhos. Era preciso ter alguma música no pensamento como esperança de salvação.

Toda essa textura porosa é o medo! E o medo é uma individualidade, invisível, das partes em fuga!

Cada paciente que parte, tanta dor que em mim partia junto... Toda partida é a expressão máxima da solidão.

São tantos os detalhes que se soltam e escapam de nós mesmos, que abandono o exagerado urro doloroso da solidão para brincar minimamente

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

com qualquer poeira, letra ou palavra que liberte meu pensamento ao espaço infinito do mínimo: a visão convexa da distorção!

Bem, estou aqui dentro sem sair há cinquenta e nove dias! Trancada sozinha com todas as vozes que me habitam, enquanto lá fora há uma morte invisível, inaudível, presente em toda parte, capaz de arrastar milhares e milhões ao redor do mundo para o fundo da terra. Eu os ouço. Ouço seus pensamentos e tremores de medo e abandono nas salas de emergência, nas faltas de vagas, nas suas respirações artificiais nas UTI's, seus choros, seus gritos, seus silêncios, suas mortes, seus enterros. Eu os ouço!!!!

Tenho cinquenta e nove anos! E vivo a vagar pela vida como se eu não tivesse existido antes de agora, e como não fosse possível continuar a existir depois. Raízes e germinares de botões terão passado e futuro se forem arrancados no agora?

DEUS!

Será que me ouve?

Por que Deus não fala comigo? Por que Deus não grita comigo?

Por que não me amordaça a consciência?

Deus é herege em sua própria solidão...

(Clara pega a luneta e o microscópio e brinca a olhar por um e pelo outro, trocando as lentes, revirando as peças)

Eu perguntaria a Ele se entre o Universo e os átomos, seremos nós, seres vivos, uma espécie de medida do meio, o meio do caminho, o equilíbrio. Perante o tamanho do Universo, seríamos proporcionalmente comparáveis a partículas subatômicas? Tomando a Via Láctea por um átomo, a galáxia por uma molécula, um conglomerado de estrelas a um órgão, o universo a uma forma de vida? Uma consciência? Um útero? Que serei perante o Universo? Uma partícula menor que um átomo, um foton, um pósitron, um quark? E se lá dentro do invisível inaudível de um átomo, girando ou não em spins, houver um princípio vivo consciente capaz de explicar e comprovar a existência de uma partícula de Deus?

Imaginem o tamanho dessas criaturinhas que viveriam numa partícula subatômica, como se fosse seu planetinha e um único átomo fosse para elas vasto como um universo! Imaginem o reverso, o tamanho desse organismo vivo chamado U-ni-ver-so e nós aqui dentro dele como uma subpartícula...

Para ocupar vazios

O que, afinal, nos separa e distingue entre o macro e o micro? Ah! Os mistérios da consciência humana: um prato saboroso de martírios e satisfação.

Tenho fome. Um pão vai bem. (Clara pega farinha e água. Assopra um pouco de farinha das mãos para que esvoacem. Depois acrescenta um pouco de óleo com farinha no preparo da massa).

Partícula amaldiçoada! Ou partícula de Deus? A menor partícula de matéria recebe qual desses dois atributos? Vingou sendo chamada de ‘partícula de Deus’ pelos físicos. (risos). Eu a chamo de pão nosso de cada dia... E o que essa subpartícula faz? Transforma a luz em matéria; e estilhaços de matéria em corpo... (Clara assopra farinha com uma mão, e aperta a massa de pão na outra). Se esse óleo não existisse, aliás, a partícula de Deus, que a tudo condena à gravidade, se não existisse, nós seríamos apenas um raio de luz, ou partículas subatômicas percorrendo a vastidão na velocidade da luz.... mas a partícula de Deus agrega, graças a ela, os farelos de matéria subatômica necessitam exercer uma força poderosa para atravessá-la. Eis, assim, a gênese da massa, eis o surgimento da “matéria”. Amaldiçoado ou divino?

Preciso de luz. Preciso de mais consciência, ou será de menos, para aceitar Deus! E eu digo: Precisarei ir ao fim do Universo para vê-Lo. Para encontrar e conhecer Deus, e só depois entender para quê Ele serve.

Eu também posso ser tão herege quanto Ele na minha solidão...

O pão serve para matar minha fome. A matéria serve para quê? Para estancar a fome de quem?

E para que eu sirvo, afinal?

(Clara começa a rir com suavidade. De repente, Clara dá um salto por sobre a cama, aumenta o volume do aparelho de som. A música invade. Visivelmente alterada, Clara segue em rodopio simulando um encontro. O cenário de enche de luz enquanto Clara recobre o cenário com largas faixas de toule de variadas cores, todas suaves: amarelo, verde, azul, rosa, lilás) e a Luz se apodera do palco. Ouve-se Liszt: ‘Bênção de Deus na Solidão’.

- Você me concede o prazer dessa dança, Clara?

- Claro, com muito prazer, Senhor meu Deus!

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

(Clara pausa e procura entre livros) - Preciso de um concerto e um juramento para me compor nessa ‘tessitura’. Acho que transcendi, finalmente.

(Clara abre o livro e lê) – “*De onde vem, ó Deus, esta paz que me sublima? De onde vem a sua fé com a qual meu coração transborda?*” Tão profundo esse poema de Alphonse de Lamartine! Foi a inspiração de Liszt para compor *Bênção de Deus na Solidão*.

(Tom solene. Clara pega um longo tecido de toule branca e o ergue ao alto com braços estendidos, amassando-o e dando-lhe volume, ou massa, como se dançasse com alguém)

(Clara baila com delicadeza em movimentos de êxtase de fé, de paz e de amor. Baila com alegria por toda a extensão do palco, contracenando com o toule branco como par da dança)

Eu creio na paz! Eu creio no amor, ainda. Deus com certeza é uma sublime dança com a vida! Se Ele é único na solidão do infinito e da eternidade, deve sonhar com essa dança e companhia de vida! Dancemos o amor! Dancemos juntos o amor à vida! (bailando)

(Clara para e em forma de juramento prossegue) “*E não somente convosco faço esse concerto e esse juramento, mas com aquele que hoje está aqui em pé conosco ... e com aquele que hoje não está aqui conosco... terei paz*” ... Minha avó costumava recitar essa parte de Deuteronomio.

(A música cessa. A iluminação baixa. Clara estende a toule branca sobre a cama simulando formar o aspecto de um corpo e senta-se)

Dizem que o Universo surgiu há 14 bilhões de anos. Surgiu, nasceu... do nada! (risos). Teve início e, logo, não é eterno. O eterno tem de ter existido desde sempre!

Sou médica intensivista. Trabalhei a pandemia dentro de uma UTI. Trabalhei ainda no suporte às famílias dos pacientes. Um serviço de assistência médico social voluntário. Ofereci-me a interceder entre o hospital e familiares comunicando o estado dos internados.

A dor de comunicar à família que o pai, a mãe, ou o irmão faleceu... e receber a dor, a revolta, a culpa, a resignação.

Alguém já teve compaixão por quem tem de comunicar a morte? (Clara levanta e enrola o tecido de toule). Alguém já concebeu a dor desse médico? Imagine, imagine por 10 segundos apenas a intensidade dessa angústia!

(silêncio solene por 10 segundos, Clara de pé segurando a toule embrulhada nas mãos)

Para ocupar vazios

Ninguém quer saber da tortura intrínseca de um profissional de saúde! Às vezes ele sabe o que fazer, mas não pode... Outras vezes, só Deus pode, mas não faz.

_ Foi o que Deus quis!, me respondeu a filha do senhor... (pausa sem mencionar do nome)

Eu sei que ele reagiu ao vírus... reagiu bravamente, sim! Conseguiu leito, conseguiu respirador mecânico, sabe-se como, ele conseguiu vaga!! Apresentava melhora, lenta, mas visível. Eu li todo o prontuário mais de dez vezes. Faltou um remédio. Complicou. Ele não conseguiu uma vaga no aparelho de hemodiálise... Não conseguiu a maldita vaga para a hemodiálise!! Porque a doença leva a essa necessidade, mas ninguém foi capaz de prever que a doença levaria a danos nos rins e tantos outros órgãos. No mundo inteiro, ninguém sabia a que consequências o vírus levaria. Era preciso uma quantidade muito maior de médicos, de remédios, de enfermeiros, de respiradores, de hemodiálise. Mas não havia tempo para obter os insumos e aparelhos e pessoal. Faltava força de trabalho, faltavam substâncias, faltava MATÉRIA. Os sistemas de saúde são muito mais porosos do que a sustentação da vida demanda. Gravidade! Não havia tempo e, no fundo, não havia uma força de ação de governos... E o paciente curável falece e eu tenho de explicar para a família!! Explicar o quê?? Gravidade! Não sei o que move a filha a aceitar a morte do pai sem questionar... Diz apenas: “foi a vontade de Deus”.

NÃO!! Não foi a vontade de Deus algum! Foi a negligência da sociedade, a negligência de sistemas governamentais que não atuaram em nada para salvar vidas! Eu não consigo enxergar a displicência e a falta de dignidade perante a vida e ainda ouvir a manipulação de mentes quando se justifica o inaceitável no descaso do homem como sendo ‘vontade de Deus’. Como podem incutir tamanha maldade a Deus????? Não era uma situação para questionar a fé em Deus. Era para se acreditar no poder do vírus e prover assistência médica em quantidade suficiente. Gravidade!

Partícula amaldiçoada! Vírus.

Sabem o que é um vírus? Algo desconhecido, invisível, que está por toda parte, com poder de vida e de morte sobre os homens. Agora, defina Deus... (pausa)

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

Se o homem não fizer nada, deixando sua vida unicamente nas mãos de Deus, Deus também não fará nada! Se o homem simplesmente lavar as mãos, Deus lavará as mãos junto...

Entre o vírus e Deus, cabe a interseção do homem, da ciência, do conhecimento, e da boa vontade de preservar vidas. Para isso fomos dotados de matéria e consciência! Para aprender a agir como Deus e criar. Um vírus coroado e um Deus culpado se tornam onipotentes nos domínios do medo.

Há inclusive quem afirme que o que justifica Deus é o medo humano diante do desconhecido. Então, em que o medo a Deus difere do medo por um vírus? (risos)

Há, sim, homens que vestem Deus com trajes de temor para exercer domínio sobre as mentes. Alguns são muito bons alfaiates... Mas sabemos que não se define Deus assim.

A indignação é uma arma poderosa para uma mente forte e ainda mais poderosa perante irresponsabilidades com a credulidade humana. Essa rebeldia dos livres que se despem para expor a verdade é o que dá consistência à minha fé.

(Clara arranca e joga o chão as tiras de toules que decoram o cenário)

O medo e Deus tampouco têm algo a ver com a morte. Eu sei tudo sobre a morte. Eu vivia nela antes de nascer. Eu e todo mundo mais.... A morte não há de ser nada diferente do que já fora antes de nascermos. Já passei por ela, certo? Portanto, não há medo na morte! Somos todos sobreviventes a ela. O medo, de verdade, é a vida, que é o que temos realmente por conhecer. A vida exige luta, é ela que temos de enfrentar, confrontar.

A morte anterior à vida e a morte posterior apenas assistem a vida entre elas. Face a face, as duas mortes apenas se aproximam e almejam se beijarem novamente, como qualquer amante. Enquanto vivos, somos apenas uma distância que as separam, o ar que respiram, a fome que as move. A vida é a partícula que confere gravidade à morte e à eternidade, a partícula que dá massa e consistência, para corporificar o beijo. Tudo que temos é o Espaço e o Tempo entre as duas bocas da morte. A questão que nos compete é como preencher essa lacuna para que o beijo, ao ser devorado, seja plenamente inundado de amor.

A minha demissão como médica em plena crise pandêmica, contudo, não foi por amor. Eu fui afastada porque falei a VERDADE, enquanto tudo que eu queria era agarrar cada paciente pela alma, assim como cada médico e cada enfermeiro, quer mantê-los na vida! (Clara olha para o toule branco, agarra-o, ergue mais uma vez ao alto, balança-o como uma vela de embarcação e deixa cair sobre ela, encobrendo seu rosto). Novamente depois descobre o rosto:

Nunca fui atriz. Nunca representei. Nunca enganei a verdade para criar outra verdade. No teatro basta abrir uma cortina... (Clara mostra o rosto para fora da toule), e acontece uma nova história como se fosse vida naquele universo chamado palco. Porém depois a cortina fecha. Alguém já observou um teatro vazio, escuro, mudo como uma sepultura? Aquela vida só existe em cena. (Clara pega as duas máscaras da parede, a Comédia e da Tragédia). É desejável que haja uma plateia para assistir ao espetáculo. (Vira as máscaras para si como se essas fossem sua plateia). pausa. E na vida há uma ânsia para que uma plateia nos assista, seja na terra, ou do céu, talvez, quem sabe? Almas e divindades também gostam de ver espetáculos (risos). Por que não? Somos a encenação em forma de vida! Agora vamos imaginar que eu seja uma atriz e que no meu trabalho eu tenha de desempenhar uma personagem. Eu confesso que eu queria viver como uma revolucionária da Verdade, mas enquanto personagem naquela pandemia, eu NÃO PODIA dizer verdades. Essa outra 'eu' era, por natureza do teatro, uma mentira, um fantoche, que tinha de contar uma mentira e ser convincente. Eu me senti assim: a verdade travestida de mentira tendo de parecer verdadeira ao contar uma mentira. O hospital adotou práticas ilícitas com uso de medicamentos ineficazes... e exigiam que eu mentisse como uma atriz. Para isso é fundamental que durante a representação em si o ator se deixe comover pela verdade da mentira, passe a acreditar nela a ponto dessa mentira se tornar verdade para a verdade do ator. O jogo verdade versus mentira pode ser mimetizado à convicção independente dos fatos. Durante uma representação somente a mentira pode ocupar o vazio de verdade... mas qual é o limite do ator dentro da personagem? Até que ponto ele é capaz de morrer para ser a mentira que todo personagem é? Ou seja, até que ponto o ator se esfarela para dizer e ser mentira para que a personagem possa parecer verdade? A personagem transforma o ator num mentiroso e melindrosamente passa a interferir e direcionar a intenção de verdade do ator.

A personagem: imagem e semelhança da mentira!

Foi aí que eu virei ruína... porque a mentira vai arrancando a argamassa da alma se o ator não voltar. E eu sequer estava num teatro. Eu estava num hospital. Quando eu falei a verdade sobre a impossibilidade de prestar atendimento digno ao paciente por displicência de ação política, e por uso de

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

práticas indevidas eu descerrei a cortina do teatro com o palco ainda aceso. Eu pequei. Eu pequei contra a castidade do poder. Pois a verdade é sempre um fruto proibido. Claro que fui expulsa. A Gênese de todo e qualquer sistema não permite que se devore a verdade na mordida do beijo. E o poderoso clamou: Faça-se o silêncio! E a escuridão se fez. Perdi o emprego.

(pausa)

A madrugada insone amplifica cenas diferentes e faz diferenças parecerem semelhanças.

Diante das paredes da casa, das encenações, dos panos, eu poderia rir ou ficar pasma, não fosse a suspeita de perceber nas coisas o precário frenesi de mim mesma. Em realidade, quanto mais perto observamos um fragmento, mais e mais detalhes passamos a descobrir nele, e das diferenças passam a surgir as semelhanças. Toda textura possui uma fuga para a individualidade das partes.

Não há mais ninguém pelo quarto da intimidade: Só eu e Deus!
É desses fragmentos de prosa que a minha alma precisa!

A liberdade e a riqueza dos detalhes no pensamento nos sobram e se soltam sem esconderijos e sem medo...

Pelos fragmentos dessa madrugada de prosa é que conheço a paz. Porque nem sempre há espaço para dizer com verdade, a luz e a vida que trago dentro da alma para ocupar os vazios. Eu amanheço luz! Se amanhã o mundo acabar, eu quero ver a minha alma.

UTOPIA FRACASSADA¹

PATRÍCIA GONÇALVES²

Todas as manhãs, a mulher cumpria uma rotina: acordava, ia à sacada, entortava o pescoço para ver como estavam as coisas do outro lado da baía da Guanabara. Lá longe, o mundo parecia normal: a silhueta da roda gigante, o esqueleto do museu do amanhã, as nuvens (ou seria poluição?); vez por outra, um avião passava, sabe lá para qual destino encantador ou entediante. Outras vezes, ouvia algum helicóptero. Não era, certamente, um helicóptero de turismo, porque, ainda que o seu bairro não fosse dos piores, não era, com toda certeza, um destino turístico. Em determinados dias, ouvia ao longe o som de uma buzina de navio, sempre de carga. Não que não visse às vezes um navio de turismo luxuoso no último grau, mas transatlânticos de luxo não tocam a buzina à toa. Certamente o Titanic não tocou a buzina para o *iceberg* que atropelou. Também não teria feito diferença para o resultado, mas pelo menos os hóspedes teriam se dado conta antes do fim trágico que os aguardava. A mulher ficava devaneando se aquele iceberg não fora jogado ali no caminho do Titanic em desagravo ao que havia sido dito dias antes, de que nem mesmo deus podia com o Titanic.

Morava na primeira quadra de uma rua transversal ou paralela, dependendo do ponto de referência. A prefeitura, por ocasião da construção do seu condomínio, dera uma renovada no asfalto, para tornar mais aprazível aquilo que era vendido como um sonho realizado. Não era, mas também não era o pior dos mundos possíveis. Em frente ao prédio, havia uma academia decadente, uma oficina onde morava a gatinha mais simpática das redondezas e uma outra academia, mais ou menos decrépita, especializada em lutas. Duas quadras adiante, o ar de cidade do interior, familiar, era substituído por uma pensão quase em ruínas, que depois foi posta à venda, mas nenhuma empreiteira se interessou, pois não havia clima para construir um condomínio gourmet ao lado daquelas pocilgas que alguns chamavam de bar. Os bares que ficavam imediatamente ao lado da velha pensão eram frequentados por moças, às vezes nem tão moças, que botavam para tocar no volume máximo músicas de gosto duvidoso, enquanto bebericavam cervejas baratas, dançavam com algum parceiro imaginário e esperavam o próximo cliente. Se tivessem sorte, iriam fazer o programa num hotel bolorento em frente ao

¹ A autora incentiva a adoção responsável de animais e apoia o seguinte projeto: <https://www.facebook.com/pages/Projeto-Bigodinhos-Carentes/512359202168878?fref=ts>

² E-mail: patricialexg@gmail.com. Docente de Língua Italiana, Instituto de Letras, UERJ.

bar; se estivessem sem sorte, teriam de caçar um espaço em algum terreno baldio que oferecesse o mínimo de privacidade. O hotel tinha um nome grego, *Pantheon*, ou algo assim, mas suas paredes sujas não faziam justiça à musa inspiradora. Naquele bar, jamais conseguiriam um cliente que as levasse num local minimamente limpo e asseado. Se voltassem uma quadra, e descessem em direção à baía, encontrariam um hotel mais apresentável, que até passaria por um hotel barato comum, se não fosse a presença de uma *sex shop* no térreo. Um gorducho *bulldog* dormia tranquilamente na portaria, alheio à movimentação de turistas pobres que se hospedavam ali, sem ter muita noção de que algumas vezes o hotel pudesse ser palco de espetáculos pouco honrosos.

Quando havia sol, a mulher acordava com o quarto iluminado por entre a persiana. Dependendo do tanto que a persiana estivesse aberta, acordava com o sol nos olhos, pois, num incrível erro de cálculo, decidira pôr um espelho bem ao lado da janela, para aproveitar a claridade ao avaliar se estava ou não bem-vestida, antes de sair. Ainda não havia ido ao apartamento pela manhã, quando decidira pendurar o espelho ali. Não obstante, acordar com o sol lhe dava alguma esperança de que o dia fosse ter um bom desenrolar. Acordava, comia salada de frutas, limpava a casa, as liteiras dos gatos, a sacada dos cachorros. Existe uma história de que os animais domésticos se tornam parecidos com os seus donos e, de fato, os cães imitavam sua rotina. Se dormia cedo, eles logo adormeciam; se dormia tarde, era possível vê-los zanzando pela casa até altas horas. Não eram cães normais, com horário de dormir e comer. Não comiam uma vez ao dia, como seus amigos caninos; comiam duas vezes ao dia e beliscavam frutas entre as refeições. Quando enxergava uma oportunidade, o cachorro maior roubava algo para comer. Uma vez, roubou um pêssego ainda na sacola do mercado. A mulher estranhou a falta do fruto, mas só teve certeza do furto, quando encontrou o caroço solitário, abandonado sob a mesa a prova do delito. Outra vez, o cão roubou um chuchu cru, descascou mordida por mordida e comeu-o com gosto, como se chuchu fosse uma iguaria saborosa. Dessa vez, a mulher achara divertido, porque havia comprado o chuchu num capricho e já ao sair do hortifruti começava a sentir uma ponta de arrependimento pela decisão impensada.

As coisas corriam bem para ela e nada a preparara para o que estava por vir. Não desgostava do apartamento, mas não fora a sua primeira opção. Havia comprado porque, após visitar duas dezenas de apartamentos nos mais variados estados de conservação, tamanhos e preços, chegara à conclusão de que ele era o menos ruim. A vizinhança era chata, em especial, alguns vizinhos do seu andar. Sempre fora azarada e não seria diferente agora. O vizinho mais

Utopia fracassada

chato do prédio morava no seu andar, claro, mas, como não costumava se deter por muito tempo nas áreas comuns, com o tempo parecia que ele nem vivia ali, a alguns metros da sua janela da área de serviço. O grupo do condomínio no WhatsApp era um circo, recheado de todos os integrantes das artes circenses, do domador de leões aos palhaços. Não demorou muito a ser vista como a louca dos gatos e menos demorou a se isolar no seu mundinho de 60m². Passava os dias dividida entre os cuidados da casa e o emprego. Saía cedo e caminhava cerca de trinta minutos para pegar a condução que a levava ao trabalho. Sentia-se orgulhosa dessa caminhada, pequena para a humanidade, mas gigante para ela, especialmente nos dias de sol forte ou chuva. Sua rotina no trabalho consistia em preencher inúmeros relatórios e levá-los para a chefia assinar. Após a assinatura, despachava-os para os mais variados setores ou departamentos. Chamava um menino para fazer essas entregas. Era um menino franzino, pele morena, cabelos cacheados com bastante gel para modelar, tinha olhos grandes e inocentes e sempre tinha alguma pergunta desconcertante, não por ser indelicada ou indesejável, mas porque eram difíceis de responder com exatidão. Perguntava sobre deus, sobre o aquecimento global (“a senhora acredita que um dia o mar invadirá as cidades?”), “espero que não, respondia a mulher, porque eu não moro longe do mar”) e sobre várias outras coisas que faziam-na perder a concentração no trabalho. Esperava pelo dia em que ele terminasse os estudos na escola e conseguisse um trabalho melhor em outro lugar e ela não precisasse mais pensar nessas perguntas.

Quando a pandemia chegou, a mulher ficou perdida a princípio, mas logo se adaptou. Sempre fora assim, adaptável. Na última vez que saiu de casa, comprou quase mais do que podia carregar, pois temia que faltasse alimentos. A obsessão nas outras casas era papel higiênico. Logo começou a faltar nos mercados, mas na casa dela, a compra havia garantido o suficiente para sobreviver sem precisar apelar para jornais. Comprou comida para três meses, o tempo que imaginava que a pandemia duraria. Fez compras numa loja de alimentos a granel. Comprou granola orgânica, “sairei dessa pandemia mais saudável do que entrei”, disse de si para si, a mulher. Mais tarde, ela pagaria o preço por essa vaidade. Guardem essa informação da granola orgânica, mais adiante, a granola voltará ao centro do discurso.

A cada 15 dias, o período de afastamento do trabalho presencial era renovado. O chefe fazia publicar um documento pomposo que comunicava o acréscimo de mais 15 dias de trabalho em “home office”, o que quer que isso significasse. Para os homens casados, o “home office” foi o melhor dos mundos. Não precisavam mais perder tempo se deslocando, distraíndo-se com conversas vãs nos cafés dos seus trabalhos, e continuavam tendo na esposa o suporte para

brilhar em suas carreiras. As mulheres afundaram-se em tarefas infinitas, da limpeza da casa aos estudos das crias, e suas carreiras estagnaram; muitos maridos aproveitaram para se tornar o filho mais velho nessa relação que deixava de ser simbiótica para se tornar parasitária. A crise gera oportunidades para alguns, e os homens rapidamente perceberam isso.

A expectativa da vida saudável logo se revelou uma ilusão. Parecia que as pragas do Egito haviam decidido se mudar para a sua casa. Primeiro, foram as formigas. Chegaram timidamente e a mulher não se incomodou. Não demoraram, porém, a crescer e multiplicar seguindo o conselho bíblico e logo a mulher não dava mais conta de matá-las manualmente. Sabem essas promessas de vidros hermeticamente fechados? Não são páreo para formigas. Uma noite, a mulher fez pão de queijo. Usara uma massa semipronta Yoki, acrescentou ovos, água e queijo parmesão ralado. Amassara-a com zelo e atenção e depois fizera bolinhas com a massa aberta. Uma delícia. Comeu um, quando pronto, e guardou o restante num vidro hermeticamente fechado. Gostava de comer pão de queijo amanhecido (cada um com suas manias...). No dia seguinte, acordara bem-humorada, pois o café da manhã já estava quase todo pronto. Precisaria apenas passar o café. Quando chegou à cozinha, a cena com que se deparou causou-lhe uma angina. O pote hermeticamente fechado estava totalmente tomado por formigas, que enchiam os pequenos bucinhos com o saboroso pão de queijo amanhecido. Ela podia imaginar os gritinhos de alegria que as formigas davam, enquanto abocanhavam pedaços daquele farto banquete. Aquilo fora a gota d'água que transbordou o copo. Pegou o pote e encheu de água, com formigas e tudo: “espero que saibam nadar, porque a farra acabou”, gritou a mulher enlouquecida de frustração pelo alimento perdido. Ligou para o mercado e comprou vários saquinhos de cravo. Alguém havia lhe dito que formigas odiavam cravos e ela, agora, odiava formigas. O inimigo do meu inimigo é meu amigo. Quando a compra chegou, entregou-se de corpo e alma ao extermínio das pequenas invasoras. Se alguém a visse pela janela, pensaria que ela estava realizando algum ritual de exorcismo. Jogava o cravo no armário como padre exorcista que joga água benta na pessoa possuída. Por vários dias, a cozinha ficou tomada por um cheiro forte de cravo, mas, tal como as formigas, após algum tempo, o cheiro sumiu.

Não tivera tempo, porém, para comemorar a vitória, pois logo um batalhão de mariposas surgiu. Eram mariposas de cereais. Lembram da granola orgânica? E as mariposas não ligavam para cravo, não demonstravam medo de nada. Eram um animal selvagem, estrangeiro, sem predadores num ambiente propício ao seu desenvolvimento. Um desastre pouco natural. Cada vez que ia preparar uma refeição, precisava dedicar de cinco a dez minutos para o extermínio

das pragas voadoras. Podia ouvi-las rindo da sua falta de talento para o mano a mano com as criaturinhas aladas. Era muito mais fácil eliminar formigas: uma passada de dedo no caminho da roça e elas ficavam desnordeadas. As mariposas, não. O teto era o limite para suas artes e, ainda que o teto fosse baixo, a mulher era pequenina e temia pela própria segurança cada vez que subia na escada para dar cabo às safadas. Certo dia, vira em seu *Facebook* uma oferta da Amazon que lhe apresentava a tábua de salvação: uma raquete de matar mosquitos! Bendita vigilância dos smartphones! Certamente, os detetives da Apple ouviram os seus resmungos contra as pragas. Comprou na hora e, após poucos dias, recebeu o seu instrumento de caça. Carregou na tomada por algumas horas e sentiu seu corpo ser tomado pelo espírito de alguma campeã de Wimbledon. Tornou-se a Serena Williams da caça às mariposas, um John McEnroe do extermínio de insetos da família *hyphantria cunea*. Após algumas semanas, as mariposas sumiram e a mulher descansou. Acreditava finalmente ter encontrado a paz, mas, um ano depois, as mariposas se aproveitaram de sua distração e voltaram. O preço do ambiente livre de mariposas é a eterna vigilância. A simples visão de um único exemplar deve ser ferozmente investigada, e, após encontrá-lo, seu extermínio não deve ser evitado, não há espaço para a piedade nos relacionamentos entre humanos e mariposas quando ambos se encontram em uma cozinha minúscula. Após a captura e execução do inseto, a casa deve passar por uma varredura, à procura de filhotes nojentos. São larvinhas branquinhas, rastejantes, nojentas, mesmo, que não perderão a oportunidade de se apoderar do seu chocolate. A mulher descobriu isso quando foi comer um pedacinho de chocolate e se deparou com uma dessas se refastelando no adorável quitute, fruto do cacau.

Os dias foram passando e o mundo se dividia entre os arautos do fim do mundo e o pessoal do ‘deixa disso’: “precisamos trabalhar, a economia precisa ser salva a qualquer custo”. As informações eram desencontradas: ora o uso da máscara devia ser limitado ao pessoal dos hospitais, ora a todos; ora as máscaras de pano com tripla camada eram ótimas, ora só serviam se acompanhadas de uma máscara cirúrgica por baixo. A mulher teve pensamentos inspirados: momentos como esse provocam grandes mudanças no comportamento das pessoas, pensava a mulher enquanto bebericava um chá na sacada, olhando o pôr do sol. A humanidade melhorará, finalmente as pessoas compreenderão que as prioridades devem ser o cuidado ao próximo, o respeito, a fraternidade, sairemos melhores dessa crise mundial. Foi quando a primeira mensagem de uma vizinha chegou ao seu celular. Uma não, várias, cerca de meia dúzia entre áudios e recomendações.

Muita covid, pouca vacina: os males do Brasil são. A derrocada do mito de Pindorama

- Meu primo é médico e me mandou a seguinte recomendação: tome ivermectina. Ivermectina é um santo remédio, mata vermes, piolhos, coronavírus e, quiçá, mal olhado. Se não encontrar na farmácia, pode ser o de uso veterinário, é igual.

- Mas eu não tenho vermes, nem piolho e, espero, tampouco covid ou mal olhado.

- É prevenção.

- Mas que dose eu tomaria, se tomasse o de cachorro? Porque existe cachorro de tudo quanto é peso, de 1 a mais de 100kg. Como vou saber o que comprar? – escreveu, debochando, a mulher.

- Compre o mais próximo do seu peso, oras. - respondeu a vizinha

- E se depois eu sair perseguindo bicicletas e motos? O que faço?

A vizinha a bloqueou no *WhatsApp* e na vida.

A mulher começou a duvidar da melhoria na humanidade: tomar vermífugo para prevenir vírus? Acabaram com o remédio que tratava lúpus, porque alguém, sempre o guru das más práticas, disse que funcionava num tratamento precoce e fez o exército fabricar uma quantidade imensa. Começaram a surgir falsos médicos, formados em grupos de *WhatsApp*, prescrevendo as mais variadas receitas e tratamentos para combater o ‘chinavirus’. O preconceito começou a ganhar as ruas, juntando-se à festa da ignorância e da burrice aguda. “Usem máscaras, mantenham o distanciamento social”, dizia uma voz mecânica num carro da prefeitura. As pessoas botavam as máscaras em tudo quanto fosse lugar possível, menos tapando a boca e o nariz. Começaram os boatos de que as máscaras asfixiavam as pessoas. A vizinha idosa começou a temer a morte por sufocamento causada pelas máscaras. A mulher explicava que isso era mentira, mas a vizinha idosa duvidava da louca dos gatos e seguia com a máscara disfarçando o queixo duplo.

Passaram-se meses, chegou o ano novo e a notícia da vacina. Na verdade, chegou a notícia de várias vacinas e de repente surgiu um novo fenômeno: o *sommelier* de vacina, uma criatura semianalfabeta, que não conseguia interpretar sequer uma bula de remédio, mas que agora era capaz de listar de cabeça todos os males que a vacina deixaria de herança: infertilidade nas mulheres, câncer nas crianças, impotência nos homens. Ninguém temia a morte mais do que a vacina, pelo que a mulher observava. As pessoas morriam aos milhares, mas o que fazia mal mesmo era a vacina, o distanciamento e a higiene. Falava-se da chama invisível que o

álcool a 70% causava, e, portanto, era preciso cuidado ao manuseá-lo. Alguma autoridade fajuta sugeriu que uma vacina alterava o DNA, que a pessoa vacinada poderia mudar de sexo ou virar jacaré. A vacina chinesa era dotada de um chip que permitiria a vigilância dos vacinados. “Claro, pensou a mulher, que grande potência mundial não estaria interessada em vigiar a rotina do Zezinho das couves: General, Zezinho das couves foi à padaria e comprou um salame de trinta centímetros e dez pães. Será que está se armando para um golpe de Estado?”. Ninguém mais queria aquela vacina, porque o sumo sacerdote falou, está falado. A vacina do arqui-inimigo não prestava, porque protegia pouco. A outra vacina causava muitos efeitos colaterais e todos os seguidores do grande líder ficavam aterrorizados com a possibilidade de ter uma febrezinha ou dor muscular. Os mais machões desabavam ante essa possibilidade, mas isso não era novidade, porque todo mundo sabe que homens não foram feitos para sofrer dores físicas, por isso a natureza sabiamente dotou as mulheres com o dom da perpetuação da espécie. Os homens nunca as perdoaram por essa força.

A mulher nunca foi grande fã de plantas, mas começou a plantar. Plantou sementes de tomate e elas nasceram e cresceram. Em se plantando, tudo dá, já dizia Pero Vaz... Entretanto, a mulher não parecia ter o dom e, por isso, em poucas semanas após o nascimento, os tomateiros foram minguando até que o último morresse de inanição, sem que nenhuma semente jamais tenha gerado um único fruto. A mulher comprou uma máquina de costura, afinal, no passado, ela aprendera sozinha, estudando em revistas, a bordar com ponto cruz, seria certamente capaz de aprender a costurar. Comprou tecidos, os mais bonitinhos que encontrou, para fazer suas próprias máscaras. Fez duas, à mão, e até teve uma boa intuição sobre os elásticos. Transpassou-os pela cabeça, deixando livres as orelhas (essas máscaras com elásticos nas orelhas criarão uma geração de orelhudos). Mas, com a máquina, a estória era outra. Abateu-se sobre a mulher uma preguiça fenomenal, sendo que a máquina foi aposentada com duas semanas de serviço leve, não tendo produzido nenhuma máscara, apenas algumas trouxinhas de maconha de gato (catnip) e um objeto de pano não identificado, parecido com uma pochete, mas sem abertura e, portanto, sem utilidade. Comprou uma panificadora portátil. Essa foi uma compra melhor. Por algum tempo, a mulher fez pães gostosos. Durante mais ou menos um ano, comeu o pão que Joaquim, a máquina, misturou, amassou, descansou e assou. Depois abateu-se novamente uma preguiça monstruosa.

Ao cabo de alguns meses, o tédio e a revolta se misturavam na alma da mulher. Quando saiu para tomar as vacinas, afastou-se da janela do taxi, por medo de perder o controle e começar a gritar insultos ao povo que se aglomerava como ratos nas calçadas, sem máscaras, ou com as

máscaras no queixo. Já havia abandonado a hipótese de uma humanidade renovada após a pandemia. Tinha agora certeza de que só sairiam melhores da pandemia aqueles que já fossem bons antes dela. O resto, convertera-se de chatos a insuportáveis. Mais do que insuportáveis, mesquinhos, cruéis, incapazes de nutrir a mínima empatia pelas famílias que perdiam seus entes queridos. As redes sociais viraram uma selva onde não havia palavrões suficientes para descrever o espírito da maioria que as frequentava. A mulher parou de interagir com estranhos em postagens de qualquer natureza, pois sempre aparecia um homem burro para tratá-la com uma condescendência odiosa e ela já não hesitava mais em iniciar as respostas com um “o seu jumento, seu asno”. Começou a temer que seu patrão a visse enfurecida nas redes e a encaminhasse para um seminário de controle da raiva.

Acreditava, então, que o pior já passara, já havia vacinas. Ledo engano. O irresponsável que devia fornecer a vacina à população decidiu postergar o quanto pudesse a vacinação, porque assim atingiriam a imunidade de rebanho e gastariam com vacina apenas com os incompetentes que não desenvolvessem a imunidade espontaneamente. Mais tarde, com a vacina mais avançada, as hordas de seguidores do líder chegariam ao cúmulo de se valer dos mortos já vacinados, principalmente idosos, para comprovar a ineficácia das vacinas e conclamar o povo a recusá-las e a se expor ao vírus, num desafio insano sobre quem se contaminaria mais e mais rapidamente. O mundo virou um apanhado de mentiras repetidas à exaustão para criar uma narrativa que justificasse a permanência do inominável no cargo. Com a vacinação, o povo que se opunha a essa política assassina, começou a se organizar e a protestar. A mulher lia os jornais e não acreditava que o mundo estivesse emburrecendo tanto. Começou a desejar mal a desconhecidos. Começou a vigiar a vizinhança, desejando que houvesse um meio de censurá-los publicamente pelas burrices praticadas. O apartamento parecia menor a cada dia. As compras que fizera, algumas inegavelmente necessárias, se acumulavam pela casa, dificultando o ir e vir. A poltrona linda era na verdade um trambolho que ocupava espaço demais. A esteira era um alívio para a sua vontade de caminhar, mas o que faria com ela quando voltasse a sair? O lindo cachorro cor de fava faleceu no primeiro ano da pandemia e as redes sociais mandavam fotos dele todos os dias. O câncer havia chegado ao seu doce cérebro e primeiro o cegou, dias depois, provocou-lhe um AVC e a mulher, depois de passar horas cuidando dele, fora dormir acreditando que acordaria com ele morto. No dia seguinte, ele a encarava sorridente, com seus olhos cegos, aguardando que ela acordasse para carregá-lo até a sacada, porque ele não conseguia mais chegar até lá a tempo de fazer seu xixizinho matutino. Uma esquina de cama era suficiente para que ele se perdesse e ficasse encurralado até não conseguir mais segurar.

Foram três semanas de dedicação e sofrimento, até que, após uma noite de muitos uivos sofridos, ela chamou a veterinária para abreviar a dor. A casa ficou vazia após a partida do velho companheiro. Duas semanas depois, um infarto levou o gatinho pretinho básico mais simpático da família. E outros meses depois, foi a gata rabugenta que caçava briga com todo mundo a perecer diante de uma insuficiência renal aguda. A pandemia levava cada vez para mais longe sua esperança e seus amores. Ainda era digna do título de louca dos gatos, mas a cada dia parecia menos louca. E, apesar da triste ironia, a mulher duvidava que chegaria ao fim da pandemia sem perder a sanidade.

O trabalho, ainda que em home office, virou uma terapia, era quando via um rosto amigo e ouvia uma voz que não lhe provocava raiva. Esses dias de reunião remota tornaram-se ansiosamente aguardados. Eram a raposa da mulher. Por outro lado, tu te tornas eternamente responsável pela treta que inicias no Facebook e a pós-verdade finalmente tornou-se algo fácil de verificar no mundo. As mentiras propagavam-se com tanta velocidade e veemência pelas redes, que a mulher às vezes se punha em dúvida. Mas, aí, ela se lembrava de quem eram seus algozes, lembrava-se dos vídeos vergonhosos que via pela internet, de pessoas que pediam um regime que punha fim à liberdade alegando que somente assim teriam liberdade, comemoravam atitudes intransigentes, ameaças vazias. A mulher começou a buscar outras distrações. Netflix, Prime Vídeo, Globo Play e Disney Plus se tornaram seus companheiros de jornada extra trabalho. Deitava-se na cama, com alguma coisa para comer e beber, e vegetava diante de séries e filmes. Parecia cada vez mais distante aquela mulher que viajava sozinha pelo mundo afora. A vontade de viajar morria junto com a vontade de sair às ruas. Amazon havia se transformado num paraíso. Sua conta acumulava dezenas, centenas de pedidos feitos, pagos e entregues. Uma vez, comprou um notebook, para trabalhar melhor. Recebeu duas tábuas, mas depois recebeu o dinheiro de volta. Só deus sabe o que aconteceu com o computador de verdade. Outra vez, comprou calcinhas tipo shorts, para dormir e recebeu as calçolas de sua falecida avó.

Viver no isolamento era um desafio à saúde mental. Era preciso bom humor para suportar o cárcere doméstico, porque não se tratava apenas de um vírus circulando impunemente. Havia, também, um segundo vírus que atacava a ciência, a educação e a racionalidade. E este se mostrava mais danoso à sobrevivência, porque o percentual de letalidade do coronavírus era mais baixo. Ela lia o jornal e se convencida de que só estávamos tendo muitos mortos, porque o vírus da ignorância levava o país a ter um número absurdamente alto de infectados. E, todavia, não visualizava um horizonte de esperança. Alienar-se era uma forma de preservar a saúde mental. A saudade dos amigos se acumulava no peito, como a chuva

se acumulava na piscina do prédio. A vontade de sair e ver as pessoas queridas a levava a fraquejar, mas a certeza de fazer o certo a punha novamente nos trilhos. Ela passava horas pensando em como as pessoas podiam seguir determinados comportamentos. Lembrou da escola, das aulas de história e de como considerava absurdo que qualquer um apoiasse alguém como Hitler. Agora, não precisava mais sair de casa para entender que certas atitudes se repetem num *looping* infinito de dor e ignorância. E sofria com tudo isso. A falta de esperança é o pior que um ser humano pode sentir. Quando você tem esperança, mesmo na dificuldade, você encontra meios de emergir e respirar, antes da próxima onda te carregar. Quando a esperança acaba, você se sente exausto e sem ânimo para lutar e prosseguir. Você só quer que tudo acabe logo, mesmo que o fim seja a sua morte. Era assim que a mulher se sentia. Não havia torcida no pescoço que lhe mostrasse uma vista melhor, a cidade do Rio de Janeiro se esvaía em meio a nuvens acinzentadas. O coronavírus passeava feliz pelas ruas, sem que ninguém nas ruas lhe desejasse verdadeiramente o fim. O cansaço começava a dominar a mulher e só havia a vontade de sumir.

Um dia, veio pelo e-mail o aviso de retorno ao trabalho presencial. A mulher comemorou por dois minutos. Aí, lembrou de tudo o que vira: das manifestações pela volta ao trabalho presencial durante o pico da pandemia às manifestações pelo fim do comunismo. Dos gritos raivosos daqueles que, de dentro de seus carros de luxo, pediam que seus empregados fossem liberados para trabalhar de novo presencialmente. Um salário de fome, um ônibus lotado, uma saúde sucateada, tudo para manter a economia. Lembrou dos ministérios públicos pedindo, de dentro de suas casas confortáveis e seguras, que crianças e professores voltassem às aulas presenciais, em escolas onde nem papel higiênico havia e o álcool gel muitas vezes era diluído para render mais. Lembrou do desemprego crescente e de como as pessoas foram largadas à própria sorte, porque, segundo diziam, era hora de se reinventar. Lembrou do dólar a mais de cinco reais, do gás subindo quase todo mês, da volta da inflação, da gasolina a quase dez reais. Abriu uma nova página do Word e digitou calmamente seu pedido de exoneração. Anunciou o apartamento para alugar e foi para um lugar distante, onde não conhecia ninguém, com um terreno enorme, onde plantou seus alimentos e pouco a pouco passou a depender cada vez menos de outros humanos. Levou só as roupas, os gatos e o cão. Nunca mais ouviram falar dela. Depois de vinte anos, virou uma lenda urbana no trabalho. Sua principal lição, escrita no e-mail que encaminhava o pedido de exoneração era que só ia sair melhor da pandemia quem já fosse bom antes. E assim foi.